

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

WILSON FARAÇO

JESUS MESTRE EM MARCOS 1.21-22

SÃO PAULO
2022

WILSON FARAÇO

JESUS MESTRE EM MARCOS 1.21-22

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Teologia.

SÃO PAULO

2022
WILSON FARAÇO

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Teologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilvan Leite Araújo **Instituição:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP **Assinatura:** _____

Prof. Dr. Matthias Grenzer **Instituição:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP **Assinatura:** _____

Prof. Dr. Carlos Augusto Vailatti **Instituição:** Faculdade Evangélica de São Paulo - FAESP **Assinatura:** _____

Dedicatória

À minha querida esposa Adriana, pelo companheirismo, amor, motivação e contínuo incentivo a mais este objetivo conquistado. Aos meus amados filhos Rebeca e Júnior pela compreensão, apoio e amor. A meus pais Celso e Sebastiana (In memoriam) pela criação e formação cristã. Depois de Jesus, minha família é a maior expressão da graça de Deus em minha vida.

Agradecimentos

Meu tributo e gratidão a Deus, por minha existência, salvação e vocação.

Ao Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo pelas orientações, perseverança e palavras de ânimo nos momentos de aflições.

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC/SP que me ajudaram na construção deste trabalho. Em especial aos professores da banca de qualificação: Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa, Prof. Dr. Matthias Grenzer, Aos professores da banca examinadora e seus suplentes.

Aos amigos e irmãos do Mestrado em Teologia da PUC/SP no período 2020-2022.

Aos pesquisadores do grupo de pesquisa LIJO – Literatura Joanina pelos importantes estudos e reflexões.

À Igreja Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo, na pessoa de seu presidente Pr. José Wellington Bezerra da Costa e seu vice presidente e também presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil Pr. José Wellington Costa Junior por reconhecerem e acreditarem no chamado de Deus em nossa vida.

“Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas.
A ele seja a glória para sempre! Amém.”
Apóstolo Paulo

RESUMO: A fim de investigar a *práxis* de Jesus em seu processo de ensino e como se deu a aprendizagem do conteúdo proposto pelo seu Evangelho, a presente pesquisa se debruçou sobre a perícopes de Marcos 1.21-22, no indicativo da ação pedagógica de Jesus expressa no verbo διδάσκω (*didasko*), onde se percebeu uma contribuição para o tema. Buscou-se identificar e descrever os elementos da didática de Jesus e a contribuição para a formação de discípulos. Fez-se um estudo exegético da perícopes, a crítica textual e análise morfológica, semântica e sintática, a análise contextual, da forma e teológica. Estudou-se Jesus na qualidade de mestre e formador de discípulos e uma acareação com os métodos da época. Se observou que a aprendizagem junto aos rabinos da época de Jesus consistia meramente na memorização dos ensinamentos de cada mestre. Em contrapartida, a aprendizagem pelo método de Jesus transformou a vida dos discípulos e os tornou ativos na divulgação do Evangelho. Nisto consistiam o método e a hermenêutica de Jesus. Por fim, concentrou-se na condição dos discípulos como aprendizes e os mesmos como reprodutores do conteúdo recebido no processo de aprendizado, conforme o modelo pedagógico de Jesus. Pesquisou-se o conceito de discípulo à época e elencou-se diferentes pontos do legado deixado por Jesus e seus discípulos nas sociedades em que foram recebidos. O legado também foi apontado na pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho segundo Marcos; Pedagogia; Discipulado.

ABSTRACT: In order to investigate the praxis of Jesus in his teaching process and how the learning of the content proposed by his Gospel took place, the present research focused on the pericope of Mark 1.21-22, in the indicative of the pedagogical action of Jesus expressed in the verb διδάσκω (didasko), where a contribution to the theme was perceived. We sought to identify and describe the elements of Jesus' didactics and the contribution to the formation of disciples. An exegetical study of the pericope, textual criticism and morphological, semantic and syntactic analysis, contextual, form and theological analysis were carried out. Jesus was studied as a teacher and disciple maker and a confrontation with the methods of the time. It was observed that learning from the rabbis at the time of Jesus consisted merely in memorizing the teachings of each master. On the other hand, learning through Jesus' method transformed the disciples' lives and made them active in spreading the Gospel. This was the method and hermeneutics of Jesus. Finally, it focused on the condition of the disciples as learners and they as reproducers of the content received in the learning process, according to the pedagogical model of Jesus. The concept of disciple at the time was researched and different points of the legacy left by Jesus and his disciples in the societies where they were received were listed. The legacy was also pointed out in the research.

KEY-WORDS: Gospel according to Mark; Pedagogy; Discipleship.

<i>INTRODUÇÃO</i>	10
<i>1º CAPÍTULO: ESTUDO DE MARCOS 1.21-22</i>	18
1.1 Aspectos preliminares.....	19
1.2 Delimitação da perícopre	20
1.3 Crítica textual	24
1.4 Análise morfológica.....	25
1.5 Análise semântica.....	27
1.6 Análise sintática	33
1.7 Segmentação da perícopre.....	34
1.8 Análise contextual.....	35
1.9 Análise da forma	37
1.10 Análise teológica.....	37
<i>2º CAPÍTULO: JESUS NA QUALIDADE DE QUEM ENSINA E FORMA DISCÍPULOS</i>	42
2.1 Qual o conceito de mestre na época de Jesus?.....	43
2.2 Quais classes almejavam a posição de Mestre?.....	53
2.1.1 Os sacerdotes.....	54
2.1.2 Os fariseus.....	54
2.1.3 Os saduceus.....	56
2.1.4 Os essênios	57
2.1.5 Jesus, em contraste	58
2.3 Como eram seus ensinamentos e qual o nível de sua persuasão?	59
2.4 Como era o ensinamento de Jesus: método e hermenêutica?.....	62
2.5 O antagonismo e a rivalidade entre o ensino de Jesus tido como da Galileia e os Mestres da Judeia.	76
<i>3º CAPÍTULO: OS DISCÍPULOS DE JESUS COMO APRENDIZES</i>	80
3.1 Qual o conceito de discípulo na época de Jesus	82
3.2 Em que contexto se deu o chamamento dos doze.....	89
3.3 Os elementos que fizeram parte do treinamento discipular	95
3.4 Quais os resultados desta aprendizagem.....	101
3.5 Qual o legado deixado por Jesus e seus discípulos.....	104
<i>CONCLUSÃO</i>	117

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a produção bibliográfica ou editorial, no Brasil e no mundo, viu o surgimento de diferentes obras analisando e destacando o papel e os métodos utilizados por Jesus no treinamento, capacitação e gestão de doze homens comuns que, logo em seguida, se tornaram conhecidos como apóstolos. Além dos doze apóstolos, uma leitura atenta do texto do Evangelho de Jesus na perspectiva dos quatro evangelistas revela a presença de mais pessoas, cujo crédito recebido na tradição cristã é de discípulos.

A produção editorial sobre o método utilizado por Jesus para tornar aqueles homens potencialmente competentes e efetivamente poderosos na transmissão de seus ensinamentos, difundindo-os pelo Império Romano, destaca diferentes aspectos. Jesus já foi abordado pela ótica da psicologia como: o maior mestre, o melhor *coach*, o CEO, o maior líder, e assim sucessivamente.

A pesquisa também, embora acadêmica e diferenciando-se do estilo das obras mencionadas, retrata um aspecto específico do labor de Jesus, conforme o seu título indica: “Jesus Mestre em Marcos 1.21-22”. O objetivo ao investigar esse tema e aspecto do trabalho de Jesus é compreender o processo de aprendizagem ocorrido com os apóstolos e discípulos, a partir dos ensinamentos e da metodologia utilizada por Jesus. Para isso, será considerada uma abordagem que identifique o modelo que tem se mostrado capaz de superar as limitações de seus aprendizes, ao ponto de torná-los capazes a dar sequência ao planejamento pretendido pelo mestre.

Price ao mencionar a didática, isto é, a técnica de ensino adotada por Jesus, afirma que ao escolher um grupo de discípulos sem preparo, os quais não se mostravam promissores¹ e transformá-los em propagadores bem desenvolvidos e preparados na sua doutrina, demonstrou o verdadeiro milagre da arte de ensinar e exercitar ou praticar o próprio ensino, o que viria a inspirar o mundo (ao menos o ocidental) ao seguimento da fé cristã e o método de aprendizagem.²

¹ Haja vista a falta de preparo formal nas escolas rabínicas; todos eles tinham suas próprias profissões e não há indicação de que fossem seguidores de algum rabino ou ligado a alguma posição oficial no templo.

² PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 18.

Para se compreender a dinâmica do processo de aprendizagem do conteúdo proposto pelo Evangelho de Jesus e se constatar os resultados a que chegou, foram considerados dois aspectos principais, entre outros:

1) Análise da atividade ministerial de Jesus diante dos seus discípulos. Neste ponto, a busca foi por identificar os aspectos mais pronunciados que envolveram a aprendizagem dos conteúdos de seu ensino. Para isso, realizou-se uma comparação, enquanto possível, com os escribas e os fariseus, responsáveis pelo ensino da Escritura e da Lei na época de Jesus. Estes foram personagens antagônicos à doutrina de Jesus e a razão da proeminência do seu método.

O evangelista Mateus também destacou esta relação ao afirmar que Jesus ensinava como tendo autoridade e não como os mestres da lei: “Quando Jesus acabou de dizer essas coisas, as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei” (Mt 7.28-29). Segundo Edwards, a *εξουσία* (poder, autoridade) de Jesus, que compreendia a sua liberdade soberana, bem como sua autoridade, se tornaram a impressão mais duradoura deixada em seus seguidores e, por outro lado, a que mais ofendeu os seus oponentes³.

2) Explorou-se a didática de Jesus, conforme utilizada na comunicação a seus discípulos, os doze, conforme Marcos 3.16-19. Neste sentido, a pesquisa buscou elementos passíveis de demonstração, ao apresentar que os discípulos de Jesus destoavam dos discípulos dos demais mestres de seus dias em termos de comportamento.

Por outro lado, a aprendizagem pelo método de Jesus tornou os discípulos ativos e os fez participantes da propagação do Evangelho, isto é, os engajava na difusão da mensagem de Jesus.

Foi tomado como ponto de partida Marcos 1.21-22, tendo em vista um olhar para a concordância. O estudo se dará observando Jesus em sua atividade de Mestre cujo ensino é próprio e diferenciado do apresentado em seu tempo, nesta direção, os elementos base para a pesquisa encontra-se neste texto. O verbo *διδάσκω* aparece 17 vezes em Marcos, as primeiras duas vezes contidos no texto escolhido. (cf. v. 21 *ἐδίδασκεν* e v. 22 *διδάσκων*). O substantivo *διδαχῆ*

³ Edwards. **O Comentário de Marcos**, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 40.

aparece 5 vezes no evangelho segundo Marcos, e pela primeira vez no versículo 22. A palavra διδάσκαλος talvez de forma planejada, aparece 12 vezes no Evangelho segundo Marcos – o mestre Jesus, mas não no texto escolhido. Assim se tem as primeiras 03 referências em Marcos 1.21-22 sendo este o motivo principal de iniciarmos a pesquisa a partir deste texto, que será considerado uma perícopes especial. Embora se tenha um ponto de partida definido, não isolar-se-á rigidamente a perícopes abrindo desta forma, oportunidades para uma análise mais abrangente, tendo em vista que um olhar para o contexto, poderá fornecer outros elementos interessantes para o estudo a que se busca.

Diante do exposto, esta pesquisa fundamentou-se na identificação da relação entre os ensinamentos de Jesus e seus ouvintes, com especial atenção aos estímulos que foram desencadeados neste eixo, responsável por produzir comportamentos tão díspares, tanto partidários, quando antagônicos.

Tendo feito isto, foi possível identificar um modelo de aprendizagem discipular aplicado há cerca de dois milênios, que foi suficiente para disseminar a doutrina e o pensamento cristão a culturas tão distintas, confrontando-as em sua época (como faz ainda hoje), e influenciando aquelas que seriam alcançadas pela mesma mensagem, dando contribuições sólidas para a formação de sociedades avançadas, especialmente como algumas observadas no Ocidente.

Nesta pesquisa se tomou por base o Evangelho segundo Marcos, e apresentou-se as relações que envolveram o ensinamento de Jesus aos seus discípulos. A proposta da pesquisa foi identificar e descrever os elementos que constituíram a didática de Jesus e que, de tal forma, contribuiu com a formação desses indivíduos escolhidos por Ele.

A partir da identificação do modelo utilizado, se estabeleceu parâmetros aplicáveis que sirvam de base para formadores e mestres no trabalho com indivíduos vocacionados nas comunidades cristãs. Serão apontados os recursos e métodos utilizados por Jesus na formação de seus seguidores. Quer se identificar aqui como se constituiu as aprendizagens discipulares por aqueles que receberam tais ensinamentos e o possível aproveitamento dela nos processos de formação de vocacionados. Após tal labor, verifica-se como modelo de “aprendizagens discipulares” continua sendo uma proposta pedagógica aplicável.

O caminho tomado para cumprir os objetivos da presente pesquisa apontou para a necessidade de analisar e compreender:

- Como Jesus desempenhou o papel de mestre e discipulador;
- De que maneira Jesus utilizou sua didática afim de que houvesse uma aprendizagem discipular;
- Quais os resultados alcançados através deste método.

Por fim, formulou-se uma síntese dos resultados para que se analisem e verifiquem a aplicabilidade dos mesmos nas situações locais das comunidades cristãs interessadas.

O interesse pelo presente tema surgiu em função de inquietações geradas pela observação do contexto em que a comunidade Cristã Evangélica está inserida, tendo o ministério pastoral se tornado um desafio para tal liderança. Questiona-se sobre uma pedagogia consistente para os educadores do século XXI, onde se vê a necessidade de um processo de aprendizagem capaz de, não somente, transferir conhecimento, mas também produzir em quem é alcançado, uma transformação que evidencie o verdadeiro discípulo de Cristo.

A escolha pelo Evangelho segundo Marcos se deu por algumas razões. Destaco aqui três delas:

1. Por ser considerado o primeiro Evangelho canônico a ser escrito, servindo de fonte para os outros Evangelhos sinóticos, Mateus e Lucas. Logo, trata-se de um texto fundamentalmente importante para o cristianismo.

2. A segunda razão está no fato de Marcos ter se tornado um fiel companheiro de Pedro (1Pe 5.13) e sua principal fonte de informação. Assim sendo, há possibilidade real de ter transmitido de certa maneira, o ponto de vista do apóstolo Pedro sobre alguns dos fatos ocorridos com Jesus, destaco aqui Pedro como o principal alvo da aprendizagem discipular de Jesus.

3. E por fim, acrescento a questão do desafio em si. Marcos é, entre os Evangelhos sinóticos, o que menos se ocupa em registrar o conteúdo dos ensinamentos e das pregações de Jesus comparado com os registros de Mateus e Lucas. Todavia, é entre eles o que mais aplica o verbo ensinar, que pode ser sinonimizado por doutrinar ou lecionar. Ou seja, a transmissão de experiências práticas no sentido de instrução. Para Pallares o verbo “ensinar” aparece dezessete vezes no Evangelho segundo Marcos, contra quatorze no Evangelho

de Mateus e dezesseis em Lucas e o substantivo “ensinamento” aparece cinco vezes em Marcos, contra três ocorrências em Mateus e apenas uma em Lucas⁴.

Uma vez que o Evangelho segundo Marcos é, em volume, menor do que os demais sinóticos, proporcionalmente, a ênfase que Marcos dá ao ensinamento de Jesus se torna ainda maior. Diante disto, o tema torna-se ainda mais intrigante e atraente, já que Marcos, menciona Jesus na condição de quem ensina com reconhecida autoridade e não como os mestres da lei de sua época. Tal ensino e a aplicabilidade deste, nesta pesquisa, serão caracterizados como “Jesus Mestre em Marcos 1.21-22”, e indubitavelmente fornece uma fonte potencialmente relevante quanto a sua capacidade de descobertas, assim como em suas possíveis contribuições.

Do ponto de vista social, a relevância da presente pesquisa se dá pelo potencial que este trabalho possui de ser uma proposta razoável e aplicável dentro do processo de aprendizagem do ser humano.

A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória, onde se buscou informações detalhadas que fornecessem a base para uma investigação mais precisa, objetivando a descoberta de novas ideias ou pensamentos. Isto se deu através da coleta de dados obtidos por meio de pesquisas bibliográficas.

Com base neste material qualitativo, foram aplicados os métodos exegéticos e teológico de interpretação, ou seja, delimitação da perícopé, crítica textual, segmentação e tradução, análise literária, morfossintática e semântica, afim de se analisar, compreender e descrever as aprendizagens discipulares de Jesus no Evangelho segundo Marcos. Espera-se que isso proporcione uma nova visão e ofereça um caminho a ser percorrido por aqueles que desejarem lograr êxito em seu papel de mestre religiosos, com base no maior caso de sucesso já conhecido.

A perícopé Mc 1.21-22 analisada no primeiro capítulo serve como chave hermenêutica para a leitura do texto de Marcos, a partir do pressuposto levantado desde logo em sua produção – Jesus, o que ensina com autoridade. Neste sentido, a caracterização de quem é Jesus, assim como seu ensino e suas ações, foram analisadas, possibilitando identificar o método de ensino, bem como sua repercussão aos que tiveram contato com o Mestre da Galileia.

⁴ PALLARES, J. C. **O Poder do Carpinteiro Jesus no Evangelho segundo Marcos**. 10ª ed. Aparecida: Editora Santuário; 2002, p. 13.

O cenário e ambiente que se pesquisará tem como pano de fundo o Antigo Testamento. Nele, Deus orientou o seu povo para que conduzissem um processo educacional consistente, baseado no relacionamento familiar, pais e filhos (Dt 11.19). Desde o início, com Adão, o progenitor da raça humana (cf. Gn 2.15-17), se observou tal ensino na relação entre Deus e Adão, e mesmo após a Queda, o Criador seguiu fundamentando seu ensino, colocando as bases da promessa de um salvador (Gn 3.15, o que é chamado de o *proto evangelium*). O mesmo ocorreu com outros personagens bíblicos, pelos quais o Criador conduziu o seu plano educacional, estabelecido por meio de alianças, como as feitas a Noé (Gn 8.21,22), Abraão (Gn 12.1-3) e Moisés (Êx 3.1-18).

No monte Horeb, território onde se firmou a aliança com Moisés, se observa uma ampliação significativa no processo de educação em relação às alianças anteriores. Deus delegou a Moisés a tarefa de instruir a seu irmão Arão, para que falasse com Faraó, rei do Egito, as palavras que deveriam ser transmitidas (Êx 4.15-16). Deus conduziu a comunicação da sua vontade e de seu plano em relação do seu povo, transmitindo a Moisés o modo como lidar com a delicada situação e ensinando-os o que dizer. Doravante, o ensino judaico ganhara proporção (agora) nacional, sendo sistematizado nas futuras gerações (Dt 6.7-8).

Numa leitura atenta do Antigo Testamento, fica evidente que o ensino aplicado pelo legislador Moisés trouxe resultados tangíveis e antes inimagináveis (considerando que se tratava de uma comunidade de ex-escravos hebreus). Para tanto, basta lembrar que seus aprendizes eram hebreus saindo de um sistema escravocrata egípcio,⁵ e que em nossos dias constituem um povo que é referência mundial nas mais diversas áreas das ciências modernas.

Ao que tudo indica, o período mais importante para a educação no Antigo Testamento, no que tange o ensino judaico, foi o período de Esdras. Naquele tempo, o povo judeu, agora retornando do exílio babilônico, onde esteve por cerca de 70 anos imerso na cultura pagã daquele país. Esdras assumiu o desafio de resgatar e reorganizar a prática da religião judaica, bem como reestruturar o

⁵ Segundo Andrade. **Teologia da Educação Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 23: "O Sistema educacional de Moisés foi efficientíssimo. Antes os hebreus não passavam de um bando de vassalos; nem pela liberdade ansiavam de tão acostumados que estavam à servidão egípcia... Não fora o sistema educacional mosaico, Israel teria perecido no Egito, e no Egito seria mumificada a sua história".

sistema educacional entre o seu povo.⁶ De fato, Esdras demonstrou habilidade como escriba e doutor da lei (Ed 7.6).

No geral se concebe o surgimento das sinagogas durante o exílio na babilônia devido a distância que se encontravam de Judá. Após a expatriação dos Judeus pelos babilônicos, as sinagogas se tornaram o principal lugar para o estudo da Lei e para as orações, como também afirma Blech.⁷ Para Harrison, já no pós cativo, o hábil escriba Esdras influenciou aprendizes, intérpretes e copistas da lei e, estes escribas, ocuparam o lugar de eruditos e sábios,⁸ sendo os fariseus, zelosos doutores da lei e, historicamente, considerados sucessores de Esdras e dos primeiros escribas.⁹ Neste último caso, não é atribuída a esta tradição a formação das sinagogas, o que tem relevância para esta pesquisa, já que as sinagogas devem ter-se constituído o polo de ensino judaico, diferentemente de Jesus, que embora as tivesse usado, fez das ruas o ambiente de seu ensino.

Seguindo com a revelação progressiva desta pedagogia divina em um ambiente educacional judaico, cumprindo “a plenitude dos tempos”, “Deus enviou seu Filho” (Gl 4.4). Com isso, deu-se início a Igreja, uma nova comunidade ou povo de Deus que seguiu a trilha de aprendizagem a partir da compreensão da fé, conforme anunciado desde os tempos antigos.

Na História da Igreja, a figura e o papel do discipulador dentro da comunidade, a igreja local, é peça indispensável para uma educação cristã de qualidade. A comunidade cristã vem, ao longo de cerca de dois milênios, mantendo os pilares de sua fé e dogmas sobre os ensinamentos dados por Jesus. Não resta dúvida de que o legado deixado por este notável discipulador

⁶ Segundo Eban, tradução de Alexandre Lissovsky. **My People – The Story of the Jews**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971, p. 66: “Dois homens puseram-se à frente de um movimento para salvar Jerusalém da desintegração: Neemias em 444 a.C. e Esdras em 397 a.C. vieram a Jerusalém, onde reorganizaram a vida nacional tão eficientemente que a província foi capaz de enfrentar tempestades oriundas de tensão interna e hostilidade exterior”.

⁷ Conforme Blech. **The Complete Idiot's Guide To Understanding Judaism**, trad. Uri Lam. São Paulo: Editora Sêfer, 2004, p. 302: “A sinagoga vem sendo, por séculos, o local onde os judeus se reúnem tanto para rezar quanto para estudar. Segundo os antigos rabinos, rezar é a maneira pela qual o homem e a mulher falam com Deus. Por sua vez, estudar é o modo como Deus se dirige ao homem e à mulher.”

⁸ Segundo Harrison. **Old Testament Times**, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 300: “A mesma tradição sacerdotal da erudição que havia trazido Esdras à liderança, também forneceu alunos, intérpretes e copistas da lei, que substituíram os “eruditos” ou “sábios” das épocas anteriores aos dias de Esdras”.

⁹ Conforme Harrison. **Old Testament Times**, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 302.

marcou épocas, revolucionou culturas e moldou sociedades inteiras. Hoje, seu reconhecimento como mestre por excelência é visto dentro e fora do ambiente cristão, além de se comprovar historicamente a eficácia e a perenidade de seu ensino.

A análise dos pressupostos se dá sobre a didática de Jesus aplicada na comunicação com seus discípulos, a saber: “Simão, a quem pôs o nome de Pedro; Tiago, de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais pôs o nome de Boanerges, que significa: Filhos do trovão; André, e Filipe, e Bartolomeu, e Mateus, e Tomé, e Tiago, de Alfeu, e Tadeu, e Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, o que o traiu” (Mc 3.16-19). Esses aprendizes destoaram daqueles que seguiam aos demais mestres dos dias de Jesus, como se demonstrará.

Osborne traçou uma comparação entre o método aplicado aos discípulos dos rabinos e aos discípulos de Jesus. Para ele, a aprendizagem junto aos rabinos consistia em memorizações dos ensinamentos do seu mestre, o que tornou os aprendizes passivos, com pouca reação diante da necessidade de mudanças¹⁰. Já a aprendizagem com Jesus tornava os discípulos ativos desde o início, bem como participantes da obra de Deus, isto é, a expansão da mensagem do Reino.

Para Fernandes quando Marcos registra a chamada dos Doze, o faz por necessidade e por estratégia¹¹. A missão de Jesus era volumosa, logo, necessitava de ajuda para realizá-la. Ter este grupo ao seu lado ajudaria a suportar a pressão vinda da multidão, dos opositores políticos, religiosos e familiares, desta forma, além da necessidade houve a estratégia, pois Jesus dividiu as tarefas de forma a que sua missão tivesse continuidade, antes, porém, eles deveriam aprender o seu modo de ser e de agir.

É sobre o conteúdo da perícopé indicada que se debruçará a partir de agora e, em seguida, sobre a análise do material ali encontrado e nos aspectos históricos do ensino nos tempos de Jesus.

¹⁰ OSBORNE, G. R. **Marcos: Série Comentário Expositivo**. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 26.

¹¹ FERNANDES, L. A; GRENZER, M. **Evangelho segundo Marcos: Eleição, partilha e amor**. São Paulo: Paulinas; 2012, p. 105.

1º CAPÍTULO: ESTUDO DE MARCOS 1.21-22

Ao se estudar o segundo documento¹² do Novo Testamento, conhecido como o Evangelho segundo Marcos, é preciso observar as características de sua redação, bem como compreender a tradição que envolve este importante texto da Sagrada Escritura. É bem verdade que diferenciar ou distinguir a redação propriamente dita da tradição de Marcos, não é uma tarefa muito simples, uma vez, que não há disponível as chamadas fontes que deram origem a este Evangelho.¹³ Tal situação se coloca como a maior dificuldade encontrada no estudo de sua redação.¹⁴

Desde os primórdios do cristianismo, o Evangelho segundo Marcos tem enfrentado inconstância quanto a sua valorização em comparação com os demais Evangelhos. Há consenso entre os Pais da Igreja, de que o Evangelho mais antigo seria o de Mateus, daí a posição em que é encontrado na disposição dos documentos do Novo Testamento. Sobre esta situação, Taylor afirma que o Evangelho favorito na Igreja primitiva era o de Mateus.¹⁵ Sobre a frequência nas citações dos Pais, Edwards informa que o primeiro lugar é o de Mateus, seguido por João, e então Lucas, restando o último lugar no número de citações pelos Pais da Igreja para o de Marcos.¹⁶ A razão para isso é que a sua escrita era considerada uma condensação do Evangelho de Mateus.¹⁷

¹² A fim de padronizar a nossa referência aos textos, vamos considerar como documento cada conteúdo do Novo Testamento, independentemente de seu estilo literário: Evangelho, Livro ou Epístola

¹³ Segundo Wegner, Uwe. **Exegese do Novo Testamento – Manual de Metodologia**. 3ª ed. São Paulo: Sinodal/Paulus, 2002, p. 113: “O difícil problema do uso de fontes em Marcos é tratado comumente nas Introduções ao Novo Testamento. Ele está intimamente relacionado com a constatação de que o segundo evangelho contém uma série de perícopes agrupadas em torno de algumas temáticas específicas”.

¹⁴ Segundo Soares, Junior e Oliva. **Evangelho segundo Marcos**. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013, p. 17: “A maior dificuldade oferece os textos de Marcos, pois, como não possuímos as fontes que lhe serviram de base, também se torna bastante difícil e hipotético determinar quando ou em que medida estas foram alteradas pelo seu redator”.

¹⁵ Taylor, Vicent. **The Gospel According to St. Mark**. 2ª ed. London: The Macmillan Press Ltd, 1966, p. 9.

¹⁶ Edwards. **O Comentário de Marcos**, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 28: As citações dos evangelhos, ao longo de todo o período patrístico, eram dos evangelhos de Mateus e João, nesta ordem; citações de Lucas vinham em um distante terceiro lugar, e as de Marcos em último e apenas raramente”.

¹⁷ Champlin, R. N. **O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo**, volume 1: Mateus, Marcos. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 752: “... colocado após o evangelho de Mateus, provavelmente porque Agostinho e outros entre os primeiros comentadores consideravam-no uma condensação do evangelho de Mateus”.

1.1 Aspectos preliminares

Com a evolução dos estudos sobre os Evangelhos, Marcos ganhou maior notoriedade e de Agostinho até o século XVIII, tem predominado na segunda posição entre os documentos mais importantes, tal qual se encontra no cânone.¹⁸ Há consenso entre comentaristas cristãos sobre a razão da guinada na valorização do Evangelho segundo Marcos a partir da primeira metade do século XIX, levando o seu texto a condição de notoriedade. Conforme uma das teorias, Marcos passou a ser apontado como o mais antigo dos quatro Evangelhos e a fonte primária para Mateus e Lucas.¹⁹ Este tem sido, até então, o entendimento majoritário sobre o tema, no que concordam vários autores, como Osborne,²⁰ Soares, Júnior e Oliva,²¹ e Edwards.²² Esta constatação, considera o Evangelho segundo Marcos, o primeiro Evangelho canônico a ser escrito e servindo de fonte para os outros Evangelhos sinóticos.

Neste sentido, torna-se um texto fundamental para o cristianismo. Edwards corrobora esta valorização ao dizer que após o século XIX, a comunidade acadêmica passou a investigar com maior atenção o seu conteúdo e vem apontando que se tratava do mais antigo dos Evangelhos e a fonte primeira para Mateus e Lucas²³. Além disto, sabe-se que Marcos foi um fiel companheiro do apóstolo Pedro, tido como um dos principais discípulos de Jesus (1Pe 5.13). Por esta razão, levantou-se a hipótese da possibilidade de Marcos ter recebido e transmitido o ponto de vista do apóstolo Pedro sobre os fatos e histórias envolvendo Jesus.

¹⁸ Segundo OSBORNE, G. **Serie Comentário Expositivo – Marcos**, trad. Suzana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 4: “Até o século 18, a ordem proposta por Agostinho (Mateus, depois Marcos e, por fim, Lucas) predominava”.

¹⁹ EDWARDS, James R. **O Comentário de Marcos**, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 28.

²⁰ Segundo OSBORNE, G. **Serie Comentário Expositivo – Marcos**, trad. Suzana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 4: “Pode se concluir, portanto, que Marcos foi escrito primeiro e usado pelos outros dois autores para redigir seus respectivos Evangelhos”.

²¹ Segundo SOARES, Junior e Oliva. **Evangelho segundo Marcos**. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013, p. 16: “Marcos é independente de Mateus e Lucas. Tal conclusão, aceita pela crítica bíblica moderna, se impõe pela brevidade de Marcos, e porque se percebe claramente que seu texto é o roteiro sobre o qual se constroem os dois outros evangelhos”.

²² EDWARDS, James R. **O Comentário de Marcos**, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p.28: “A teoria da prioridade marcana, embora esta afirmação não fique sem contestação, continua a ser sustentada pela maioria dos acadêmicos hoje, incluindo o presente autor”.

²³ Edwards. **O Comentário de Marcos**, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 28.

Bortolini comenta que assim como pela tradição cristã do século II chamamos o segundo Evangelho de Evangelho segundo Marcos²⁴, esta mesma tradição é responsável pela crença de que Marcos teria sido intérprete de Pedro, sendo este uma das fontes para os registros encontrados em seu evangelho.

1.2 Delimitação da perícopes

O trabalho bíblico-exegético sobre o Evangelho segundo Marcos tem sido visto com uma investigação cuidadosa e atenta, objetivando aproximar-se do propósito do seu autor quando da composição da obra. Gorman apresenta esta ideia chamando-a de intenção autoral.²⁵ Ele diz que o exegeta deve aprofundar-se no contexto histórico, literário e teológico com vista a descobrir tal intenção do autor a partir das perguntas certas, ainda que não possam ser respondidas imediatamente e sem medo de questões difíceis ou de descobertas espantosas e aparentemente insolúveis.²⁶ Wegner define o termo exegese como o trabalho de explicação e interpretação de um ou mais textos bíblicos.²⁷ Neste sentido, e com base no objeto da presente pesquisa, o primeiro esforço definirá qual o texto será submetido a investigação minuciosa, a delimitação da perícopes.

Ao que parece, Marcos inicia uma nova seção, apontando para um deslocamento de Jesus e de seus discípulos: *Καὶ εἰσπορεύονται εἰς Καφαρναούμ* (E eles vieram para Cafarnaum cf. Mc 1.21). A cidade de Cafarnaum (“aldeia ou vila de Naum”) era uma cidade na Galileia, mencionada com frequência nos Evangelhos em associação a vida de Jesus (Mc 4.13,18; cf. Jo 6.24).²⁸ Ela estava situada na margem ocidental do Mar da Galileia. Esta região é mencionada pelo evangelista Marcos apenas três vezes (cf. Mc 1.21; 2.1; 9.33). O texto de Marcos sugere que Cafarnaum era grande o suficiente para ser

²⁴ BORTOLINI, J. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 10.

²⁵ Gorman, tradução de Wilson Ferraz de Almeida. **Introdução à exegese bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 26.

²⁶ *Ibidem*, p. 27. As perguntas exemplificadas por Gorman são: Que situação parece ter sido a ocasião para a redação do texto? Que tipo de literatura é este texto, e quais são seus objetivos literários? Que grande questão teológica ou tema estão envolvidos neste texto e o que ele requer que os leitores façam? Porque este texto parece contradizer aquele outro?

²⁷ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento – Manual de Metodologia*. 3ª ed. São Paulo: Sinodal – Paulus, 2002, p. 21.

²⁸ Para saber mais sobre Cafarnaum consulte UNGER, Merrill F.; HARRISON, R. K.; trad. Vanderlei Ortigoza e Paulo Sérgio Gomes. **Dicionário Bíblico Unger**. Barueri: SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 2017, p. 184.

chamada de cidade (Mc 1.33) e possuir a sua própria sinagoga (Mc 1.21). É possível que Jesus tenha levado em consideração estas características ao escolher a cidade para servir de base para o seu ministério (Mc 2.1; 9.33).

Em seguida, o autor utiliza o advérbio imediatamente (εὐθὺς), algo recorrente em Marcos.²⁹ A forma como o texto de Marcos se apresenta, “e imediatamente no sábado” (καὶ εὐθὺς τοῖς σάββατον), indica que a atividade ministerial de Jesus iniciou no sábado logo cedo (Mc 1.21). Sabe-se que o sábado (σαββατον) para o judaísmo é um dia distinto e tratado na Bíblia, desde o Antigo Testamento, como um dia sagrado. A base para este conceito apoia-se na Criação divina e na Lei de Deus, conforme se lê no decálogo, sendo um concerto perpétuo e um sinal de união entre Deus e seu povo (cf. Gn 2.3; Êx 20.11; 31.16,17).

O texto de Marcos segue identificando o propósito pelo qual Jesus se dirigiu a esta cidade, indo ele à sinagoga, onde ensinava (εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν, ἐδίδασκεν). Duas observações são relevantes nesta informação. A primeira está relacionada ao local, a sinagoga; a segunda, refere-se à atividade de ensinar.

O termo grego συναγωγή indica o ajuntamento de pessoas com a ideia de assembleia ou congregação.³⁰ A sinagoga era formada por judeus que se reuniam formalmente para orações e estudos das Escrituras. Reuniões deste tipo aconteciam todos os sábados e dias de festa.³¹ Sobre a origem desta que era uma instituição extensamente desenvolvida na época do Novo Testamento, o Wycliffe relata que este assunto está envolto em consideráveis discussões.³² O autor afirma ainda que é provável que a sinagoga tenha crescido a partir do exílio babilônico e na ênfase colocada por Esdras na Lei, na época da restauração (sobre isso, veja a Introdução da presente pesquisa). Para Champlin,³³ a origem provável da sinagoga se deu exílio babilônico, em

²⁹ Cf. Mc 1.10,12,18,20,21,23,28,29,30,42,43; 2.8,12; 3.6; 4.5,15,16,17,29; 5.2,29,30, 6.25,27,45,50,54; 7.25; 8.10; 9.15,20,24; 10.52; 11.2,3; 14.43,45,72; 15.1.

³⁰ Para saber mais sobre a Sinagoga, veja UNGER, Merrill F.; HARRISON, R. K.; trad. Vanderlei Ortigoza e Paulo Sérgio Gomes. **Dicionário Bíblico Unger**. Barueri: SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 2017, p. 1210.

³¹ STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong - Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, Ref. 4864.

³² PFEIFFER, Charles F., VOS, Howard F., REA, John; **Dicionário Bíblico Wycliffe**, trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

³³ CHAMPLIN, R.N., **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, 11ª ed. v.6. São Paulo. Hagnos. 2013.

substituição ao templo, tornando-se parte da vida religiosa dos judeus que estavam no exílio babilônico.

Em segundo lugar, nota-se que o verbo “ensinar” (διδάσκω) ocorre neste texto de Marcos na forma do imperfeito do indicativo ativo, significando “ele começou a ensinar”.³⁴ Os próximos quatro episódios relacionados no texto dão formação a um dia do ministério de Jesus, desde a manhã de sábado até a manhã de domingo.

O texto de Mc 1.21 se conecta com o versículo seguinte Mc 1.22, o qual é introduzido com a expressão “e maravilhavam-se com o seu ensino” (καὶ ἐξεπλήσσοντο ἐπὶ τῇ διδασκῆ αὐτοῦ). O termo “maravilhar” (ἐκπλήσσω), que ocorre no imperfeito do indicativo passivo, descreve o profundo impacto emocional que a doutrina ensinada por Jesus causou em seus ouvintes, visto que tal verbo significa “ficar atônito, assombrado, fazer uma pessoa perder os sentidos por algum sentimento forte tal como o medo, a admiração, ou até mesmo o júbilo”.³⁵ A razão de tal reação por parte do público-ouvinte de Jesus é dada a seguir (Mc 1.22): “pois estava ensinando-lhes como tendo autoridade” (ἦν γὰρ διδάσκων αὐτοὺς ὡς ἐξουσίαν ἔχων).

A conjunção explicativa “pois” (γὰρ) introduz o motivo da reação dos ouvintes. Na sequência, surgiu o verbo ensinar, que aparece na forma do particípio presente ativo (διδάσκων) e é traduzido de modo a tornar notória uma construção perifrástica “estava ensinando”. Já o substantivo autoridade (ἐξουσίαν) pode referir-se à autoridade de um rabino ou a autoridade dada por Deus.³⁶ Tal conexão entre Mc 1.21 e 1.22 se estende aos textos que seguem mostrando que Jesus tem autoridade sobre os poderes demoníacos (Mc 1.25-26) e sobre as enfermidades, o que é evidenciado, por exemplo, quando ele cura a sogra de Pedro (Mc 1.30-31).

Estas demonstrações individuais de poder de Jesus ganham ampliação na sequência da produção literária de Marcos, com os curados e libertos, os quais foram trazidos a Jesus (Mc 1.32). Tal autoridade logo se propagou entre a população, atraindo a todos (Mc 1.33). A comitiva segue com Jesus, que

³⁴ RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**, trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo, Vida Nova, 1995, p. 67.

³⁵ RIENECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**, Trad. Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo, Vida Nova, 1995, p. 67.

³⁶ Idem, *Ibidem*, p. 67.

permanece pregando, pois esse é o seu propósito (Mc 1.36,38). Por essa razão, o demônio o identifica como o “Santo de Deus” (Mc 1.24), e muito embora esta afirmação tenha vindo de tal origem, é sabido ser afirmação verdadeira. No entanto, o demônio foi silenciado. Assim, o evangelista acomoda em sua narrativa a perícopes de Mc 1.21-22, indicando o que pode se considerar uma introdução, um resumo, uma equivalência informativa do que seria apresentado a seguir.

O Jesus de Marcos é uma personalidade integrada a certas características-chaves. De todas elas, talvez a mais importante diga respeito a ser alguém que possui autoridade (ἐξουσίαν ἔχων), como é registrado em Mc 1.22 (comp. Mc 1.27 e 11.27-33). Tal autoridade é manifesta no tratamento dispensado por ele aos oponentes (Mc 2.10-12, 3.1-6), aos demônios (Mc 1.23-27, 9.25-27) e aos discípulos (Mc 1.16-20). A mesma autoridade que confrontará o endemoninhado em Nazaré será duas vezes dirigida a Pedro (Mc 1.36-39, 8.32-33), e permanecerá, mesmo em meio à humilhação da prisão e do julgamento (Mc 14.48-49, 14.62).

Observa-se, portanto, que Mc 1.21-22 indica não apenas uma transição espacial, mas também temporal, ou seja, introduz uma ação acontecida imediatamente, no próximo sábado, e visa causar uma impressão poderosa para a capacidade do ensino de Jesus, cujo teor geral se renunciou em Mc 1.14.

O modo peculiar de Marcos lidar com o seu material, com destaque para a perícopes, com tratamento mais detalhado e gráfico, indica uma elaboração independente. Antes desta perícopes especial (Mc 1.21-22), uma perícopes sobre o chamado dos discípulos (Mc 1.16-20). Depois dela, Jesus atua na sinagoga (Mc 1.23-28) e a transição pode ser notada na utilização do advérbio imediatamente (εὐθὺς). O tratamento de Mc 1.21-22 como perícopes especial nesta pesquisa se dá em função de se olhar para Jesus como quem ensinava, tendo um ensino próprio e como quem era chamado de Mestre. Estes dois versículos substanciam a contento os elementos a se utilizar como chave hermenêutica para a pesquisa.

1.3 Crítica textual

A perícopre de Mc 1.21-22 apresenta pequenas divergências. A primeira variação está no primeiro versículo e diz respeito ao termo Καφαρναούμ, que aparece como Καπερναουμ nas cópias³⁷ A, C, K, L, Γ, f1, 28, 579, 700c, 892, 1241, 1424, 2542 e ℣. A consoante φ é atestada em κ, B, D, W, Δ, Θ, f13, 33, 565, 700, nos manuscritos da Vetus Latina, os manuscritos em boarídico em geral e em Orígenes. A alternância φ/π diz respeito à variante dialectal relacionada à presença de *dagush* no nome aramaico da cidade, sendo irrelevante para a compreensão do texto.

A alternância maior diz respeito à frase “depois de entrar na sinagoga, ensinava” (εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν ἐδίδασκεν), atestada em A, B, K, W, Γ, f1, 579, 1241, 1424, 2542 e ℣. Há variação na posição e supressão do verbo εἰσελθὼν (com o verbo ἐδίδασκεν preposto, ἐδιδασκεν εἰς τὴν συναγωγὴν) em κ, 2, C, L, f13, 28, 565, nos manuscritos saídicos e em Orígenes. Nesta variante, a tradução dever ser: ensinava nas sinagogas.

Outra variante, presente em Δ e 892, traz a lição “ensinava na sinagoga deles” (εἰς τὴν συναγωγὴν αὐτῶν ἐδιδασκεν). O manuscrito C apresenta a variante “e imediatamente ensinava nos sábados na sinagoga” (καὶ εὐθεὺς ἐδιδασκεν ἐν τοῖς σαββάσις εἰς τὴν συναγωγὴν). O manuscrito 892 apresenta a variante “ensinava na sinagoga deles” (ἐδιδασκεν εἰς τὴν συναγωγὴν αὐτῶν).

As mudanças estão relacionadas à tentativa de melhorar o que era considerado uma construção estranha em grego, em que a oração adverbial temporal (indicando tempo anterior) εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν é reorganizada com a supressão do verbo que causa dificuldades. Sendo esta leitura a mais difícil, opta-se por ela, pelo entendimento de que ela pode ser a mais antiga. O fato de a leitura mais curta (ἐδιδασκεν εἰς τὴν συναγωγὴν) ter excelente suporte externo evidencia uma tentativa de corrigir a leitura do ponto de vista gramatical que se adota aqui, e que não há paralelo em nenhum outro texto sinótico.

A ausência de variantes significativas para Mc 1.21-22 permite que se adote, portanto, o seguinte texto, considerando a avaliação crítica:

³⁷ As referências com letras e números referem-se aos prefixos das diferentes cópias de porções do Novo Testamento, conf. Aland, Kurt; Metzger, Bruce M. **The Greek New Testament**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft United Bible Societies, 1994.

1.21

Καὶ εἰσπορεύονται εἰς Καφαρναοῦμ· καὶ εὐθύς τοῖς σάββασιν εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν ἐδίδασκεν.

1.21

E entraram em Cafarnaum e imediatamente no sábado, depois de entrar na sinagoga, ensinava.

1.22

καὶ ἐξεπλήσσοντο ἐπὶ τῇ διδαχῇ αὐτοῦ· ἦν γὰρ διδάσκων αὐτοὺς ὡς ἐξουσίαν ἔχων καὶ οὐχ ὡς οἱ γραμματεῖς.

1.22

e estavam atônitos com o seu ensino, pois ele estava ensinando como quem tem autoridade e não como os escribas.

1.4 Análise morfológica

A estrutura do texto de Marcos 1.21-22 apresenta uma formação com palavras que simplificam a sua morfologia, facilitando desta forma, seu estudo e análise.

	Mc 1.21
a. καί (conjunção καί)	conjunção aditiva, com valor, em Marcos, de coordenação, sendo relacionado ao vav conjuntivo hebraico/aramaico.
b. εἰσπορεύονται (verbo εἰσπορεύομαι)	verbo, 3ª pessoa do plural do presente do indicativo médio ou ativo (verbo depoente).
c. εἰς (preposição εἰς)	preposição que rege acusativo.
d. Καφαρναοῦμ (substantivo Καφαρναοῦμ)	substantivo acusativo feminino singular.
e. καί (conjunção καί)	conjunção aditiva, com valor, em Marcos, de coordenação, sendo relacionado ao vav conjuntivo hebraico/aramaico.
f. εὐθύς (advérbio εὐθύς)	advérbio de modo.
g. τοῖς (artigo ὁ)	artigo dativo neutro plural.
h. σάββασιν (substantivo σάββατον)	substantivo dativo neutro plural.
i. εἰσελθὼν (verbo εἰσάρχομαι)	verbo participio aoristo ativo nominativo masculino singular.
j. εἰς (preposição εἰς)	preposição que rege acusativo.
k. τὴν (artigo ὁ)	artigo acusativo feminino singular.

l. συναγωγήν (substantivo συναγωγή)	substantivo acusativo feminino singular.
m. ἐδίδασκεν (verbo διδάσκω)	verbo 3 ^a pessoa do singular, imperfeito do indicativo ativo.
Mc 1.22	
a. καί (conjunção καί)	conjunção aditiva, com valor, em Marcos, de coordenação, sendo relacionado ao vav conjuntivo hebraico/aramaico.
b. ἐξεπλήσσοντο (verbo ἐκπλήσσω)	verbo, 3 ^a pessoa do plural, imperfeito do indicativo passivo.
c. ἐπί (preposição ἐπί)	preposição que rege o dativo.
d. τῇ (artigo ὀ)	artigo dativo feminino singular.
e. διδαχῆ (substantivo διδαχή)	substantivo dativo feminino singular.
f. αὐτοῦ (artigo αὐτός)	pronome pessoal genitivo masculino singular.
g. ἦν (verbo εἰμί)	verbo, 3 ^a pessoa do singular do imperfeito do indicativo ativo.
h. γάρ (conjunção γάρ)	conjunção coordenativa
i. διδάσκων (verbo διδάσκω)	verbo particípio presente ativo nominativo masculino singular.
j. αὐτούς (pronome αὐτός)	pronome pessoal de 3 ^a pessoa acusativo masculino plural.
k. ὡς (conjunção ὡς)	conjunção subordinada introduzindo oração adverbial de modo.
l. ἐξουσίαν (substantivo ἐξουσία)	substantivo acusativo feminino singular.
m. ἔχων (verbo ἔχω)	verbo particípio presente ativo nominativo masculino singular.
n. καί (conjunção καί)	conjunção aditiva, com valor, em Marcos, de coordenação, sendo relacionado ao vav conjuntivo hebraico/aramaico.
o. οὐχ (advérbio οὐ)	advérbio de negação.

p. ὥς (conjunção ὥς)	conjunção subordinada introduzindo oração adverbial de modo.
q. οἱ (artigo ὁ)	artigo nominativo masculino plural.
r. γραμματεῖς (substantivo γραμματεῦς) -	substantivo nominativo masculino plural.

1.5 Análise semântica

A análise aqui proposta para os valores semânticos dos termos da perícope utiliza como base a obra *Analytical Lexicon of the Greek New Testament* (ANLEX).³⁸ Este léxico moderno do Novo Testamento grego oferece ao leitor uma teoria da tradução, linguística e lexicografia produzida pelos experientes linguistas Timothy e Barbara Friberg. Ambos, apoiados por Neva Miller, prepararam o léxico analítico que serve de base para esta análise semântica, trabalho que durou quinze anos.

Mc 1.21-22

Καὶ¹ εἰσπορεύονται² εἰς³ Καφαρναοῦμ⁴. καὶ¹ εὐθὺς⁵ τοῖς σάββασιν⁶ εἰσελθὼν⁷ εἰς³ τὴν συναγωγὴν⁸ ἐδίδασκεν⁹.

καὶ¹ ἐξεπλήσσοντο¹⁰ ἐπὶ¹¹ τῇ διδαχῇ¹² αὐτοῦ¹³. ἦν¹⁴ γὰρ¹⁵ διδάσκων⁹ αὐτοὺς¹³ ὥς¹⁶ ἐξουσίαν¹⁷ ἔχων¹⁸ καὶ¹ οὐχ¹⁹ οἱ γραμματεῖς²⁰.

1 – καί

Conjunção coordenada com o sentido variando de acordo com suas circunstâncias. Pode ser: 1) um conectivo que (a) conecta palavras simples “e”; (b) um continuativo, conectando orações e sentenças “e”; (c) um coordenativo de tempo na narração de um evento “e”; (d) introdutor de resultados de circunstâncias anteriores “logo”; (e) introdutor de uma pergunta abrupta expressando um sentimento contrastante “mas”; (f) enfatizando um fato inesperado “então”; (g) explicando o que precedeu “logo”; (h) e, quando repetido, “e... não só... mas também”; 2) Como advérbio: (a) adjunto “também”; (b) introdutor de algo incomum “até”; (c) reforço de um contraste ou comparação

³⁸ FRIBERG, T; FRIBERG, B.; MILLER, N. F. *Analytical Lexicon of the Greek New Testament*. Grand Rapids: Baker, 2000.

“também”. Em Marcos, nos textos indicados, ele não precisa sempre ser traduzido, pois indica o encadeamento temporal da narrativa, sendo uma das evidências de que o autor/redator é falante nativo de uma língua semítica, provavelmente o aramaico.

2 - εἰσπορεύομαι

Significa (1) literalmente “ir” ou “entrar”, como é o caso de Mc 1.21; (2) figurativamente (a) denota a entrada de coisas; (i) como alimentos que entram na boca; (ii) ou dos desejos que entram no coração (Mc 4.19); (b) ou de pessoas que entram no Reino de Deus.

3 - εἰς

Preposição com o acusativo, que denota (1) espacialmente, o movimento em direção a um lugar, após os verbos “ir”, “enviar”, “mover-se”, traduz-se “para” ou “em direção a”; (2) denotando a direção após os verbos “falar”, “contar”, “ensinar”, “pregar”; (3) temporalmente, indicando o tempo até o qual algo continua, “até”, “para”; (4) modalmente, para indicar grau ou intensidade na expressão εἰς τέλος “até o fim”, “ao máximo”, “completamente”; (5) logicamente; (a) indica a finalidade “a fim de”, “com vistas a”, “para a finalidade de”; (b) indica também “o motivo pelo qual”, “em vista de”; na expressão εἰς τοῦτο, significa “por esta razão”, “portanto”; (c) denota o propósito de uma designação divina ou uma designação humana); (d) denota um objetivo específico, a direção de uma ação para um fim pretendido “para”, “com vista a”; (6) denotando relacionamento; (a) em um sentido neutro “com referência a”, “em relação a”; (b) em um sentido hostil, “contra”; (c) em um sentido amigável, “para com”, “para”, “em”; (7) em uso incomum, mas constante em Marcos (a) indica lugar, onde ἐν (em) pode ser esperado “em”; (b) em sua forma semítica, substitui um predicado nominativo ou um predicado acusativo após verbos como γίνομαι “tornar-se”, “vir a ser”. No caso do texto, εἰς aparece depois de verbos de movimento e corresponde a 7a (“em”).

4 - Καφαρναούμ, ἡ

Termo indeclinável, é alusivo a “Cafarnaum”, cidade na costa noroeste do Mar da Galileia.

5 - εὐθέως

O advérbio εὐθύς é proveniente de εὐθέως, sendo traduzido “de uma vez”, “imediatamente”. Indica (1) literalmente, uma estrada em linha reta; metaforicamente, uma preparação moral e espiritual adequada. Como substantivo, “integridade moral correta”, “correção”, “integridade”; (2) idiomáticamente, a expressão εὐθεῖα ὁδός literalmente significa “estrada reta”, ou seja, “comportamento correto”, “caminho certo”; (3) O neutro singular εὐθύ (e o masculino singular εὐθύς) funciona como o advérbio “imediatamente”, “de uma vez”; inferencialmente, alude, em Marcos, ao evento imediatamente seguinte em uma sequência, podendo ser traduzido como “imediatamente” ou “depois”.

6 - σάββατον, ου, τό

“Sábado”, “descanso”; (1) no singular e no plural, é um termo usado para designar o sétimo dia da semana (sábado); (2) alude, ainda, ao festival sagrado realizado em cada semana, no sétimo dia, começando com o pôr-do-sol da noite de sexta-feira e terminando no pôr-do-sol da noite de sábado; (3) no singular e plural, pode designar o intervalo de sete dias da semana. No caso do texto de Marcos, no singular ou no plural, é o “sábado”.

7 - εισάρχομαι; fut. εισελεύσομαι; 2º aoristo εισῆλθον; perfeito εισελήλυθα.

Significa (1) literalmente, em um sentido local, “ir” ou “entrar”; (2) figurativamente alude (a) ao nascimento de Jesus; (b) à possessão demoníaca; (c) ao encontro entre pessoas; (i) no bom sentido, “entrar”, “encontrar”; (ii) em um mau sentido, “experimentar”, “encontrar”; (d) também indica o primeiro estágio de uma atividade, como “começar”, “subir”. No texto indicado, o sentido é de entrar em um local, “entrar”, “ir”.

8 - συναγωγή, ἡς, ἡ

Estritamente, significa “encontro” ou “reunião”; portanto, designa (1) uma assembleia (formal) para reunião de adoração; (2) especificamente, alude aos

judeus reunidos em congregação, “sinagoga”; (3) predominantemente, como o edifício onde as congregações judaicas se reuniam, “sinagoga”, “local de reunião”, sendo este o sentido do presente texto.

9 - διδάσκω; imperfeito ἐδίδασκον; futuro διδάξω; 1 aoristo ἐδίδαξα; 1 aoristo passivo ἐδιδάχθην.

Significa “ensinar”, “instruir”, sendo no passivo “ser ensinado”, “aprender”.

10 - ἐκπλήσσω (e ἐκπλήττω); imperfeito passivo ἐξεπλησσύμην; 2 aoristo passivo ἐξεπλάγην; apenas no passivo no Novo Testamento

(1) “ficar pasmo”, “pasmado”, “ficar atônito”, sendo este o sentido no texto analisado; (2) “ser oprimido”, “ficar confuso”.

11 - ἐπί

Preposição cujo significado básico é “sobre”, mas com ampla gama de significados de acordo com o contexto; I. com o genitivo, enfatiza o contato; (a) em resposta a “onde?”; (b) com verbos de movimento, responde “para que lugar?”, “Onde?”; (c) expressa proximidade imediata “em”, “por”, “próximo”; (d) em procedimentos legais, indica “na presença de”, “perante um tribunal oficial”; (e) figurativamente, relacionado a regra e autoridade “sobre”; (f) figurativamente; (i) base ou evidência “com base em”, “em vista de”; (g) relacionado ao tempo histórico “no tempo de”, “sob”; 2. com a posição de ênfase, rege dativo e indica (a) “lugar em”, “em”; “próximo a”, “em”, “perto de”, “por”; (b) indicando hostilidade “contra”; (c) indicando tempo “em”, “em tempo de”, “durante”; (d) indicando causa ou ocasião “porque”, “em razão de”, “com base em”; (e) figurativamente, relacionado a um objetivo ou propósito, “para” (o propósito de); (f) figurativamente, indicando poder, “autoridade sobre”, “controle sobre”; III. com o acusativo enfatizando o movimento ou direção, (a) relacionado ao lugar, “em”; indicando o que é transversal, “sobre”, “tanto quanto”, “para”, “até”; (b) indicando intenção hostil “contra”; (c) indicando objetivo ou propósito “para”; (d) indicando adição a algo já presente “em cima”; (e) indicando sentimentos “em”, “por”, “em direção a”; (f) respondendo “quando?” ou “por quanto tempo?” “durante um período de”; (g) indicando o número, para responder à pergunta “quantas

vezes?”, não é traduzido; (h) indicando grau ou medida, “na medida em que”, “na medida em que”. No caso de Mc 1.22, indica o assunto, sendo traduzido como “a respeito de”, “sobre”, “de”, podendo estar figurativamente relacionado a regra e autoridade “sobre” ou, figurativamente, “com base em”, “em vista de”.

12 - διδαχή, ἡς, ἡ

(1) ativo, denota a atividade de “ensino”, “instrução”; (2) passivo, indica o que é ensinado “ensino”, “doutrina”.

13 - αὐτός, ἡ, ó

(1) Geralmente, αὐτός é um pronome intensivo que enfatiza a identidade. No caso de Marcos, é um pronome de terceira pessoa em caso oblíquo (genitivo) para se referir a um antecedente expresso ou implícito, “dele”.

14 - εἶμί; infinitivo εἶναι; imperfeito médio ἤμην; futuro médio ἔσομαι.

I. Como predicado “ser”, “relativo ao que existe”, (1) indica a existência de Deus, ὁ ὢν “aquele que é”, “existe”; (2) indica a autodesignação de Cristo ἐγώ εἰ “Eu sou”; (3) para indicar a existência temporal; (4) indica a estada em um lugar, ficar, residir (MT 2.13); (5) indica o que acontece, como fenômenos e eventos “estar”, “acontecer”, “ocorrer”; (6) indica o tempo; (7) indica o que está em cena ou disponível; (8) em formas impessoais, é seguido de um verbo no infinitivo; II. como um verbo copulativo; (1) vincula o sujeito ao predicado; (2) introduz uma explicação ou equivalência em outro idioma τοῦτ ἔστιν e ὃ ἔστιν, “isto é”, “o que significa”; (3) construído com uma variedade de advérbios, preposições, substantivos etc., traduzidos de acordo com o contexto. No caso de Marcos, forma com o verbo διδάσκων a expressão “estava ensinando”, denotando o que acontecia, podendo ser traduzido por “estar”, “acontecer” e “ocorrer”.

15 - γάρ

Conjunção que introduz, basicamente, uma explicação e em geral é, em uma oração, o segundo termo da mesma. Expressa (1) causa ou razão “para”, “porque”; (2) fundamenta uma conclusão, exortação ou advertência “para”; (3) dá uma explicação “pois”; (4) expressa continuação quando coordenado a δέ

(mas, e) “de fato”, “certamente”, “com certeza”; (5) como uma partícula inferencial que qualifica uma frase inteira. No caso de Mc 1.22, introduz a oração subordinada adverbial explicativa causal, podendo ser traduzida “pois”.

16 - ὥς

Forma adverbial do pronome relativo ὅς, ἣ, ὅ, geralmente (1) serve de conjunção comparativa e é usada correlativamente com οὕτω(ς) “assim”, “então”, “de tal forma”; (2) nas questões indiretas “como”, usado para apresentar uma comparação; (3) Semiticamente, combinado com um substantivo para tomar o lugar de um substantivo ou adjetivo ao expressar uma comparação “por assim dizer”, “algo como”, “como”; (4) usado para introduzir uma qualidade característica que seja real, reivindicada ou suposta “como”; (5) usado com um particípio, indica uma causa ou razão “porque”. No caso de Mc 1.22, o uso é semítico, combinado com o substantivo ἐξουσία para expressar a comparação com os escribas. Traduz-se “alguém como quem tem autoridade” (ὥς ἐξουσίαν ἔχων).

17 - ἐξουσία, ας, ἡ

Significa “autoridade”, “direito”, “poder”, (1) denotando o poder de tomada de decisão; (2) o poder de Deus mostrado através da esfera do poder da natureza “autoridade”; (3) a autoridade limitada para agir, dada a Satanás em sua esfera de poder e domínio, “domínio” (At 26.18); (4) relacionado a Jesus, indica o exercício divinamente dado e irrestrito da liberdade de agir, “poder”, “autoridade”, sendo este o sentido adotado em Mc 1.22.

18 - ἔχω; imperfeito εἶχον; futuro ἔξω; aoristo ἔσχον; perfeito ἔσχηκα.

O significado básico do termo é “ter”, “manter”, com uma ampla gama de significados derivados dos contextos e termos que acompanham o verbo. No particípio, na construção que aparece no texto é traduzida como “tendo” ou “com”, sendo uma modalização do uso do verbo.

19 - οὐ οὐκ οὐχ

Usado predominantemente no Novo Testamento como advérbio de negação “não”, com um particípio, como é o caso (particípio implícito ἔχων), denota uma forte ênfase ou contraste.

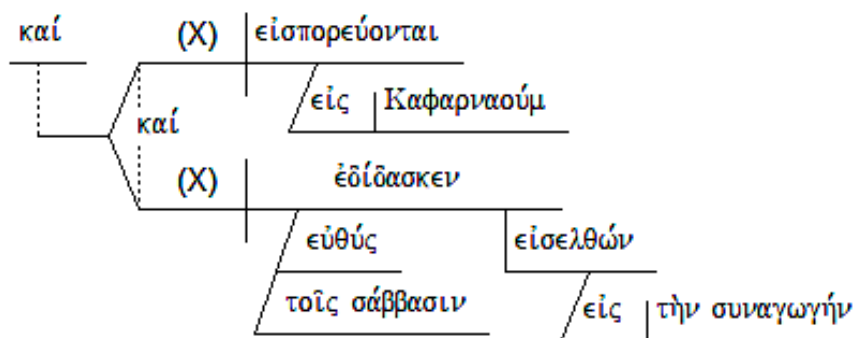
20 - γραμματεὺς, ἕως, ὁ

Um especialista em lei e teologia judaica, “escriba”, “especialista”, “erudito”.

1.6 Análise sintática

Uma análise em diagrama de Mc 1.21 corresponde ao que segue:

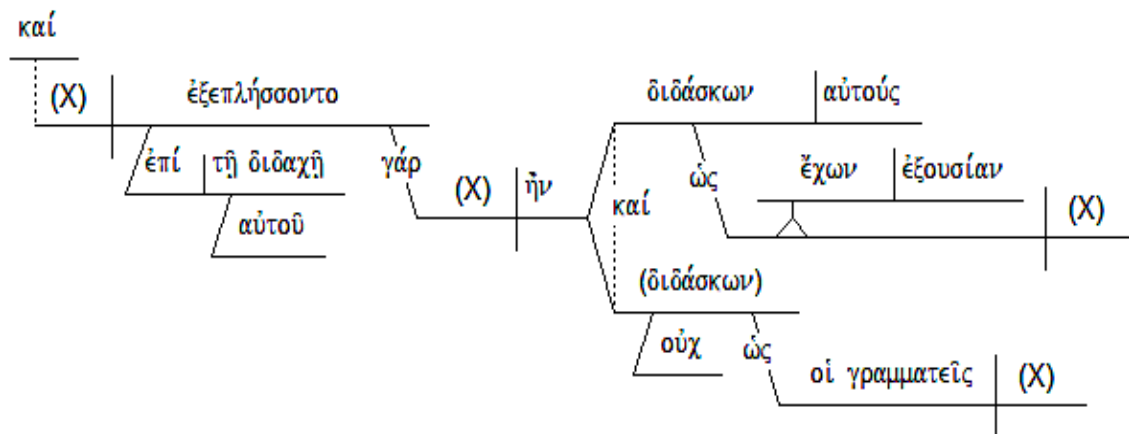
Mc 1.21



Há, na estrutura do texto, dois verbos no imperfeito do indicativo, que constituem duas orações principais em relação de coordenação (εἰσπορεύονται, ἐδίδασκεν), coordenação estabelecida pela repetição da conjunção aditiva (καί). Três subordinadas adverbiais se relacionam aos verbos intransitivos: εἰς Καφαρναοὺμ (adjunto adverbial de lugar relacionado a εἰσπορεύονται); εὐθύς τοῖς σάββασιν (adjunto adverbial de tempo relacionado a ἐδίδασκεν); e εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν (oração subordinada adverbial temporal relacionada a ἐδίδασκεν).

Por sua vez, a análise em diagrama de Mc 1.22 demonstra o seguinte:

Mc 1.22



Há, no versículo 22, uma oração principal, introduzida pelo verbo ἐξεπλήρσοντο, e com sujeito implícito (eles). A oração subordinada causal contém a locução ἦν διδάσκων e é introduzida pela partícula com valor de conjunção em Marcos γάρ. A oração subordinada adverbial causal tem duas orações subordinadas adverbiais modais introduzidas por ὡς, a primeira com valor afirmativo e a segunda com valor negativo (introduzida pelo advérbio οὐχ), e com o verbo ἔχων implícito. O sujeito da oração subordinada adverbial causal está implícito (Jesus).

1.7 Segmentação da perícope

Mc 1.21

Καὶ εἰσπορεύονται εἰς Καφαρναοῦμ·	21a	E Entraram em Cafarnaum
καὶ εὐθὺς τοῖς σάββασιν	21b	E imediatamente no sábado
εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν	21c	Depois de entrar na sinagoga
ἐδίδασκεν.	21d	Ensinava

Mc 1.22

καὶ ἐξεπλήρσοντο	22a	E Estavam atônitos
ἐπὶ τῇ διδασκῆ αὐτοῦ·	22b	Com o seu ensino
ἦν γὰρ διδάσκων αὐτούς	22c	Pois ele estava ensinando
ὡς ἐξουσίαν ἔχων	22d	como alguém quem tem autoridade
καὶ οὐχ ὡς οἱ γραμματεῖς.	22e	jamais como os escribas.

1.8 Análise contextual

A perícope de Mc 1.21-22 contém ressonâncias teológicas dos cenários topográficos e geográficos vividos por Marcos. O leitor encontra na primeira parte do Evangelho fatos que se desenrolaram na Galileia e em sua circunvizinhança. A segunda parte dos acontecimentos se deram na Judeia tendo como peça central do texto a jornada de Jesus da Galileia à Judeia. Dentro dessa estrutura geral, os personagens de Marcos são encontrados em uma variedade de lugares: no deserto (ἔρημος, ἐρημίας), como em Mc 1.4,12,35; 6.31; 8.4; no mar (θάλασσαν), como em Mc 1.16; 2.13; 3.7; 4.1,39; 5.21; 6.47; 7.31; em casa (οἶκος), como em Mc 2.1,15; 3,20; 5.19; 5.38; 7.17,24; 9.28,33; 10.10; na sinagoga (συναγωγήν), com em Mc 1.21; 3.1; 6.2; utilizando um barco (πλοιάριον, πλοῖον), como em Mc 3.9; 4.1,36; 5.2,21; 6.32,45,51; 8.10,14; nas colinas ou em uma montanha (ὄρος), como em Mc 3.13; 6.46; 9.2; 13.3; 14.26); no caminho (ὁδός), como em Mc 8.27; 9.33,34; 10.17,32,46,52; 11.8); no templo (ιερόν), como em Mc 11.11,27; 12.35; 13.1; ou na tumba ou túmulo, como em Mc 5.2; 16.5.

A oposição narrativa entre Galileia (em Marcos, uma região mais acolhedora) e Judeia (Marcos indica um contraste nesta região; ali Jesus é rejeitado), ou entre a terra e o mar (especialmente as frequentes travessias de Jesus pelo lago³⁹) também pode ser lida em relação às suas associações teológicas. No caso da perícope analisada (Mc 1.21-22), ela também se relaciona a lugares (Cafarnaum, sinagoga), se circunscrevendo ao contexto geral de transições espaciais do Evangelho.

As perícopes anteriores de Mc 1.21-22 são relevantes para entender o lugar do texto na narrativa. Em Mc 1.14-15, Jesus convocou primeiro Simão e André, depois Tiago e João, e os convocou estando eles em seu trabalho (Mc 1.16-20). Por estar entre a introdução de Jesus (Mc 1.1-15) e o lançamento de seu ministério na Galileia (Mc 1.21-3.12), a chamada inicial para o discipulado funciona para alinhar os primeiros discípulos com a própria missão de Jesus.

Assim, desde os primeiros dias, as boas novas de Jesus em Marcos envolvem não apenas o próprio Cristo, mas também a companhia de seguidores,

³⁹ O chamado Mar da Galileia é, na verdade, um imenso lago. Ao longo dos séculos recebeu diferentes nomes: Lago de Quinere, Mar da Galileia, Lago de Genesaré e Mar de Tiberíades, este último em referência à cidade próxima de Tiberíades.

pois eles o cercarão e se envolverão em seu trabalho. Os episódios seguintes demonstrarão que o reino vem com δύναμις (poder: Mc 9.1), e a inserção dos discípulos desde o início do Evangelho pode destacar uma forte motivação pastoral. Ao que parece, o evangelista pretende que os seus contemporâneos “seguidores de Jesus” entendam que seus antepassados no discipulado estiveram com o Senhor desde o início.

Em Mc 1.20, Simão, André, Tiago e João deixaram as suas redes para seguir Jesus, o que demonstra que o grupo central de discípulos viveu o primeiro imperativo de sua convocação inicial. Eles se dispuseram a “vir atrás” dele (Mc 1.17). É o próprio Jesus o protagonista nesta representação dramática do governo de Deus na terra, o que se evidencia ao libertar um homem de um espírito impuro em Cafarnaum (Mc 1.23-28), ao curar a sogra de Simão de uma forte febre (Mc 1.30-31), ao limpar um homem leproso (Mc 1.40-45), e ao despertar a ira crescente de seus opositores (Mc 2.1-3.6).

Nesta mesma direção, Jesus avançou com seu ensino carregado de autoridade, resultando na transformação de todos aqueles com quem se relacionava. O domínio de Deus na terra é visto nas palavras de Jesus, bem como em seus atos. Os poderes do Maligno encontraram em Jesus o poder suplantador, ao ponto de o aclamarem como o agente avançado de Deus (Mc 1.24,34; 3.11).

Vê-se, portanto, que a perícopé de Mc 1.21-22 é um texto central, que indica não apenas que Jesus foi para Cafarnaum, mas que uma comitiva recém-formada de discípulos o acompanha, enquanto ele travava a sua campanha pelo domínio de Deus. Isso se dá quando é visto de forma implícita, na terceira pessoa no plural (eles), sugerindo a presença dos discípulos (cf. Mc 1.21) ou de forma explícita e nominal (cf. Mc 1.29).

Observa-se, em Marcos, uma tendência redacional de descrever os discípulos em cena, o que permite inferir a sua presença contínua onde o material tradicional menciona um “eles” não especificado. Após a cura da sogra de Simão e o relato de que ela “começou a servi-los” (cf. Mc 1.31), um pronome cujo antecedente deve, com base na perícopé de 1.21,22, incluir Simão, André, Tiago, e João junto com Jesus. Mesmo na cena subsequente, em que Marcos aparentemente transmite um relato tradicional de que “eles trouxeram a ele” pessoas para serem curadas ou libertas de espíritos imundos (Mc 1.32), o

cenário da narrativa preserva a possibilidade de que os discípulos, aqueles que ouviam Jesus e reconheciam a autoridade que se depreende de seu ensino, sejam testemunhas oculares e contínuas da atividade de Jesus, mesmo que eles permaneçam em segundo plano.⁴⁰

1.9 Análise da forma

Em relação à forma, há em Marcos histórias de milagres (Mc 1.21-2.12; 4.35-5.43; 6.31-52 e 7.24-8.10,22-26); perícopes de controvérsia (principalmente apotegmas: Mc 2.1-3,6, 7.1-23, 11.27-12.40); as seções parabólicas (Mc 4.1-34); complexos de provérbios (Mc 3.22-30; 8.34-9.1; 9.33-50; 10.2-45 e 11.22-25); discurso apocalíptico (Mc 13) e narrativa de paixão (Mc 14-15). Embora exista alguma possibilidade de que parte do material nesses grupos já tivesse sido vinculado antes que o evangelista o assumisse, devido a falta de evidências nesta direção, tudo indica que Marcos provavelmente foi o responsável pelo arranjo geral deste material.

A perícopa de Mc 1.21-22, faz parte dos agrupamentos de histórias de milagres (Mc 1.21-2.12; 4.35-5.43; 6.31-52; 7.24-8.10). A chave da autoridade, fornecida em Mc 1.21, serve para compreendermos a razão de Jesus ter domínio sobre os demônios, além de auxiliar a compreensão da revelação a respeito de sua identidade (cf. Mc 1.21-28, 32-34; 3.7-12). Portanto, a síntese de Mc 1.21-22 pode ser vista como uma súmula que ordena ou organiza a compreensão da identidade de Jesus que se manifesta de forma explícita, tanto na confissão de Pedro (Mc 8.27-30), quanto após a sua transfiguração (Mc 9.2-8). Desta forma, a perícopa em questão pode ser vista como um relato resumido do que será apresentado em toda a atividade de Jesus descrita pelo evangelista.

1.10 Análise teológica

Em seu relatório programático da missão de Jesus, Marcos apresenta sua atividade galileana com um episódio que habilmente entrelaça seu ensino com sua atividade milagrosa. Em primeiro lugar, Marcos começa e termina o encontro inicial de Cafarnaum com referências à “autoridade” de Jesus (Mc 1.22,27). O

⁴⁰ STOCK, K. **Boten Aus Dem Mit-Ihm Sein: Das Verhältnis Zwischen Jesus Und Den Zwölf Nach Markus**. Analecta Biblica Dissertationes 70. Roma: Instituto Bíblico, 1975, p. 188-189.

resumo encontrado em Mc 1.22 atribui o espanto dos discípulos e demais seguidores de Cristo ao ensino de Jesus, pois ele ensinava “como alguém quem tem autoridade e jamais como os escribas”. Isso indica a presença de algum elemento que destoava do comumente adotado nos mestres de então.

O evangelista tece repetidas menções da “novidade” de Jesus (Mc 2.21,22; 14.25) e sua “autoridade” (Mc 1.22; 2.10; 3.15; 6.7; 11.28,29; 11.33; 13.34) ao longo da narrativa.⁴¹ A questão da autoridade de Jesus, que emerge desde o início de seu ministério, ligada como está ao destaque de sua humanidade (Mc 2.10), indica que ele tem a função de fazer a mediação entre a esfera divina e terrestre. Os seus seguidores constantemente reconhecem-na e imaginam que ela será herdada por seus aprendizes.⁴²

Jesus, em Marcos, é dotado tanto de δύναμις (poder; Mc 5.30; 6.2,5,14; 9.1,39; 13.25,26; 14.62), quanto de ἐξουσία (autoridade: Mc 1.22,27; 2.10; 6.7; 11.28,29,33), sendo ambos termos-chave para o evangelista. Este poder se estende em particular sobre a natureza, dando-lhe a capacidade de acalmar tempestades e andar sobre as águas (Mc 4.35-41; 6.45-52). Ele faz milagres (Mc 1.21-34; 3.10-12; 4.35-5.43; 6.2,14; 6.35-56; 7.24-8.26, 9.14-27; 11.12-14) e possui conhecimento sobrenatural (Mc 2.8; 5.32; 11.2-6; 13.1-2; 14.13-16). Ele é transfigurado diante de seus discípulos em divino esplendor (Mc 9.2-9), nesta cena de transfiguração, encontra-se o clímax da confissão em Cesareia de Filipe. Na confissão de Pedro, Jesus é revelado como o “Cristo”. Na alta montanha (o lugar da revelação), Jesus é declarado “Filho” de Deus” (Mc 9.7) e não meramente o profeta da avaliação judaica (Mc 8.28) ou o “Cristo” da confissão judaico-cristã (Mc 8.29).

Retornando à perícopre de Mc 1.21-22, emerge a menção dos escribas, os oponentes de Jesus mais frequentemente relacionados em Marcos. Há cerca de 21 referências a eles neste Evangelho (Mc 1.22; 2.6,16; 3.22; 7.1,5; 8.31; 9.11,14; 10.33; 11.18,27; 12.28,32,35,38; 14.1,43,53; 15.1,31), a maioria ocorrendo na segunda metade do texto. Eles são mostrados no encontro com

⁴¹ DAUBE, D. *Exousia* in Mk. 1.22 e 27. **Journal of Theological Studies** 39, 1938, p. 45-59; LANE, W. L. **The Gospel According Mark**. Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 72.

⁴² MARCUS, J. *Mark 1-8*. Garden City: Doubleday, 2000, p. 191; GUNDRY, R. H. **Mark: A Commentary on His Apology for the Cross**. Grand Rapids: Eerdmans, 1993, p. 82; GRUNDMANN, W. **Das Evangelium nach Markus**. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1977, p. 60.

Jesus, não apenas em Jerusalém, mas também fora da cidade (Mc 3.22; 7.1; 9.14). Embora normalmente estejam ligados aos principais sacerdotes e anciãos e, ocasionalmente, aos fariseus (Mc 2.16, 7.1,5), eles também agem por conta própria. Os oponentes de Jesus são apresentados como hostis (exceto em Mc 12.28-30), sendo os responsáveis, juntos aos principais sacerdotes e anciãos, pela prisão, julgamento, execução e morte de Jesus.

A menção ao fato de Jesus trabalhar durante o sábado na sinagoga é chave para a compreensão de seu retrato apresentado por Marcos como alguém mal compreendido ou rejeitado por diferentes grupos judeus. Assim como apresentado de maneira superior aos escribas no início de seu ministério (Mc 1.22), Jesus é retratado como superior e vencedor na disputa argumentativa contra os representantes do judaísmo (Mc 12.1-3).

O evangelista retrata Jesus resgatando o real significado da guarda do sábado (Mc 2.23-25; 3.1-6), bem como de diferentes práticas da tradição judaica (Mc 7.1-23) e indicando tal prática como uma espécie de “roupagem velha” (Mc 2.21-22). Os líderes judeus são descritos como “duros de coração” (Mc 2.1-3, 3.5) ou como “hipócritas” (Mc 7.6-7).

Em Marcos os milagres e feitos poderosos dominam as atividades do ministério de Jesus na Galileia, nesta direção, pode-se afirmar que, o Jesus de Marcos, é apresentado como mestre por meio destes atos miraculosos. Ao longo do ministério galileu, o evangelista registra o espanto das pessoas com a autoridade relacionada ao ensino de Jesus (Mc 1.22,27). Várias vezes Jesus é apresentado refutando as afirmações dos escribas e dos fariseus (Mc 2.18-28). Frequentemente, o ensino de Jesus está intimamente ligado ao seu poder sobre os demônios e a operações de milagres, tornando o ensino ainda mais poderoso e convincente (Mc 1.22-28; 2.1-12; 3.1-6; 3.20-30).

Vários de seus ensinamentos estão relacionados ao “reino de Deus”, o que cria um elo entre Jesus e o governo de Deus. Junto à apresentação que Marcos faz de Jesus como exorcista, curador e poderoso operador de milagres, sua apresentação como mestre autorizado complementa a descrição de Jesus como um homem de grande poder, tornando impossível desconectar tal ensino de suas obras.

A caracterização de Jesus na produção do Evangelho segundo Marcos apresenta a narrativa de sua carreira como um discipulador extraordinário. Sua

prática pedagógica na construção da aprendizagem de seus discípulos, para além da transmissão de conhecimento, se desenvolve em cada ação com a finalidade educativa. A relação ensino e prática, bem como método e técnica nas cenas apontadas por Marcos, sugerem um modelo eficaz do que pode ser construído como aprendizagens experimentais, ou como estamos chamando, aprendizagens discipulares.

Nesta direção, é preciso percorrer pelo menos dois caminhos: o primeiro, buscar responder como é posicionado Jesus na condição de mestre e formador de discípulos no Evangelho segundo Marcos. À época de Jesus, o conceito de mestre era bem conhecido. Marcos frequentemente cita os γραμματεῖς (escribas) que ocupavam esta posição (Mc 1.22; 2.6,16; 3.22; 7.1,5; 9.11,14; 10.33; 11.18; 11.27; 12.38,32,35,38; 14.1,43,53; 15.1,31). Ao narrar estes episódios, Marcos fornece o *modus operandi* da classe dos escribas, tidos como especialistas na Lei e na teologia judaica. Desta forma, é possível traçar uma relação dos dois modelos, de Jesus e os escribas, buscando uma comparação e a correlação entre estes dois perfis de mestres.

Em uma direção correspondente, tem-se ainda, o segundo caminho a percorrer, em que os discípulos são apresentados na condição de μαθητής (aprendizes). A ideia de discípulo em Marcos ganha muita notoriedade; trata-se daqueles que aceitaram seguir seu mestre e aprender suas doutrinas, bem como, seu estilo de vida. Neste sentido, os aprendizes são catequizados com aplicações práticas em suas vidas. Tal situação envolvia o seguimento das ideias e do estilo de vida de seu líder (Mc 1.16-18).

Três colégios discipulares são apresentados em Marcos, os colégios formados pelos discípulos de João Batista, outro formado pelos discípulos dos fariseus e o terceiro grupo dos discípulos de Jesus (Mc 2.18). Estes dois percursos serão investigados e aprofundados nos próximos dois capítulos desta pesquisa, procurando fornecer um quadro do desenvolvimento e a fundamentação da pesquisa sobre as aprendizagens discipulares junto ao mestre Jesus, conforme o Evangelho segundo Marcos.

Quais as características do ensino de Jesus? O que o diferenciava dos mestres da Lei? De onde vem a ele a sua autoridade, como mencionada por Marcos (e também por Mateus)? Além dessas, tentar-se-á colher outras

informações subjacentes ao tema, conferindo a sua atualidade e utilidade para as práticas de aprendizagem em nossos dias.

2º CAPÍTULO: JESUS NA QUALIDADE DE QUEM ENSINA E FORMA DISCÍPULOS

Se constatou como a escolha pelo Evangelho segundo Marcos se deu por algumas razões indicadas no capítulo anterior. Desde o século XIX, o Evangelho de Marcos passou por uma valorização de seu conteúdo, haja vista a sua antiguidade diante dos demais evangelhos sinóticos. Dada a proximidade entre Marcos e Pedro, ainda que não poderemos comprovar robustamente a relação, suspeitamos que Marcos transmita, de algum modo, parte ou vestígios da percepção que Pedro tinha sobre as práticas pedagógicas de Jesus.

Finalmente, sendo Marcos o menor Evangelho e o que menos se ocupa em registrar o conteúdo dos ensinamentos e das pregações de Jesus, ele é o que mais utiliza o verbo ensinar, e nisto vemos um desafio para as pesquisas acadêmicas, à qual assumimos o desafio dentro das nossas limitações.

Em anos recentes, Jesus tem sido amplamente reconhecido como um mestre por excelência. Seu modo de cativar a atenção de pessoas simples e transmitir ensinamentos profundos já foi fartamente apontado, especialmente na utilização de parábolas para este fim, mas não somente por meio delas. Já na patrística, apud Clemente de Alexandria, Cristo foi reconhecido como “pedagogo da humanidade”.⁴³ Humanidade aqui não é uma indicação quantitativa, mas qualitativa, pois “ao atrair todos a si, não fazendo distinção nem de classe nem de pessoa, contribui para que grandes parcelas da população do mundo da época, durante e ao fim do processo de catecumenato, tivessem aberto para si o caminho do conhecimento”.⁴⁴

Quando se fala em “educação cristã”, ao menos nos tempos apostólicos, tinha-se em mente a “iniciação dogmática”, “as verdades em que precisamos acreditar para sermos salvos [...] qual é a conduta que convém ao cristão”.⁴⁵ Para o apóstolo Paulo, por exemplo, educar na fé cristã era educar os filhos, tema para o qual ele deu orientações em suas epístolas (e.g. Ef 6.1-4; Cl 3.18-21) e nisso, o cristianismo foi devedor da tradição judaica. Mas o essencial da educação religiosa nesse ambiente era doutrinário e dado pela

⁴³ GROSS, Renato. Fé cristã, conhecimento e educação: paideia ao alcance de todos. In **Diálogo Educ.** Curitiba, v. 6, n. 19, p. 141-156, set./dez. 2006, p. 141.

⁴⁴ Idem, *Ibidem*.

⁴⁵ MARROU, Henri Irénée. **História da educação na Antiguidade**, trad. Mario Leônicas Casanova. São Paulo: Edusp, 1973, p. 479.

Igreja ao catecúmeno antes de se batizar. A formação dessa tradição se deu ao longo das décadas, sempre tendo um *διδασκαλος* (mestre) como figura responsável pelo ensino e consolidou-se de “forma definitiva em Roma por volta de 180”.⁴⁶

2.1 Qual o conceito de mestre na época de Jesus?

Gross considera que o processo educativo de Jesus não ficou restrito à mensagem para a conversão, mas foi além, incluindo “no processo educativo cristão, pessoas que de outra forma dele ficariam excluídas”.⁴⁷ Vindo o segundo milênio, com as propostas do Humanismo, posteriormente do Iluminismo e a ciência moderna, esse traço do que podemos chamar de a pedagogia de Jesus, “Deu assim, a sua contribuição à evolução das ideias pedagógicas, que séculos depois culminou no ideário da modernidade e seu projeto educativo”.⁴⁸

Gross sugere Jesus como um homem bem à frente de seu tempo, ao antecipar traços das sociedades dos nossos dias, em que somente alguns privilegiados têm (e tinham) acesso à educação. Isso se vê nas seguintes expressões “fundamentação igualitária e antropocêntrica” e “democratizava-se”:

Sua fundamentação [do projeto pedagógico que surgia concomitante com o cristianismo] era igualitária e antropocêntrica, pois abrangia a todos e todas que, ao ouvir as “boas novas”, estivessem dispostos a aceitá-las. Democratizava-se, pela vez primeira, na história educacional da humanidade, o acesso ao saber, que agora não mais se restringia às classes privilegiadas e mais favorecidas. E Nunes, ao afirmar que “todos poderiam ter acesso ao saber”, conclui ser este um corolário natural da premissa cristã, de que todos poderiam almejar a salvação.⁴⁹

O autor traça a distinção entre o modelo de escola da sinagoga judaica que, a seu ver, estava destinado ao atendimento exclusivo das crianças (como também adultos) iniciados na tradição daquele povo. Ao contrário disso, Jesus franqueia a todas as crianças, desde as mais abastadas às menos providas de

⁴⁶ MARROU, Henri Irénée. **História da educação na Antiguidade**, trad. Mario Leônicas Casanova. São Paulo: Edusp, 1973, p. 480-481.

⁴⁷ GROSS, Renato. Fé cristã, conhecimento e educação: paideia ao alcance de todos. In **Diálogo Educ.** Curitiba, v. 6, n. 19, p. 141-156, set./dez. 2006, p. 141.

⁴⁸ Idem, *Ibidem*, p. 141.

⁴⁹ Idem, *Ibidem*, p. 144.

recursos, o acesso ao seu ensino.⁵⁰ Posteriormente, a Igreja como um todo irá basear-se neste modelo universal que visava, antes, a “formação da identidade nacional judaica”, e que os judeus não realizaram tal empreendimento, dada a sua ênfase na exclusividade ou argumento do privilégio da eleição étnica. Ao seguirem os passos de Jesus de não fazer distinção entre esse ou aquele catecúmeno, veio a contribuição do cristianismo para que as futuras populações que aderiam à nova proposta de fé e “que formavam a comunidade cristã primitiva, tivesse uma autoimagem de grupo coeso, unido, com propósitos definidos e distintos”.⁵¹

Após a destruição do Segundo Templo, e encerrou-se a prática ritual naquele recinto, onde sacrifícios eram oferecidos. O processo de educação, antes segregado ao templo, passou a enfatizar o serviço e a devoção a Deus pelo estudo da Lei, sem os ritos do templo. É a essa altura da história que se dá o advento e a ênfase da educação sobre o papel do rabino (antes era o sacerdote o responsável pelo ensino). Segundo Szpiczkowski, essas são as raízes do chamado “judaísmo rabínico” cuja interpretação e aplicação à vida foi denominado de “judaísmo rabínico”, tradição tão intensa e longeva que “tornou-se uma das marcas diferenciadoras dos judeus ortodoxos”.⁵²

Se “com o cristianismo a *Toráh* como que se ampliava para o Novo Testamento e a Bíblia cristã assumia também a sua função formadora, função paidêutica por excelência,⁵³ o cristianismo reproduz os objetivos (ou ideais) formativos da tradição judaica que a precede e atualiza os seus conteúdos ou, a rigor, reinterpreta-os segundo a hermenêutica de Jesus. Nisso,

A articulação pedagógica – fé cristã se faz no eixo central da questão do significado de uma vida plena e abundante. A fé: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10). “E a vida eterna é esta: que te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). E o conhecimento cristão: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Salmo 111:10). Os apóstolos mesmo receberam

⁵⁰ GROSS, Renato. Fé cristã, conhecimento e educação: paideia ao alcance de todos. In **Diálogo Educ.** Curitiba, v. 6, n. 19, p. 141-156, set./dez. 2006, p. 145.

⁵¹ Idem, *Ibidem*, p. 145.

⁵² Idem, *Ibidem*, p. 146.

⁵³ Idem, *Ibidem*, p. 147.

uma missão pedagógica: “Ide, pois e **ensinai** a todas as nações...” (Mateus 28:19; ênfase no original)⁵⁴

Jesus ocupou-se do conteúdo existente na Lei,⁵⁵ dando aos seus ouvintes uma abordagem que considerava a letra da Lei mais do que as tradições ou escolas rabínicas existentes no seu tempo. Segundo ele, essas tradições distorciam a intenção original dos textos ou pelo menos inclinava-se para interesses outros que não os propostos. Valendo-nos do próprio texto de Marcos, lemos: “E disse-lhes: ‘Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira para pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecer às suas tradições!’” (Mc 7.9)

Com isso, Jesus reafirmava sua posição como mestre, porém, mantendo, até certo ponto, um distanciamento às demandas imediatistas ou enviesadas dos mestres do seu tempo e que formará o perfil da Igreja que fundava.

O ensino foi o elemento vital da igreja cristã primitiva. O mundo helênico, no qual a igreja nasceu, ressaltava orgulhosamente os seus grandes mestres. O judaísmo, antecedente histórico do cristianismo, era uma religião de mestres. Jesus de Nazaré, através de quem e por causa de quem a igreja foi fundada, era o mestre dos mestres. Tornou-se natural, então, que o ensino devesse, e na realidade assim o fez, ocupar um lugar eminente no ministério da igreja primitiva.”⁵⁶

Que Jesus está associado à figura do mestre na tradição judaica é notado nos termos “ensinar, mestre, ensino, rabi” aos quais o seu nome e prática estão vinculados. Pohl contabilizou 36 passagens em que Jesus é agente do ensino, e somente em 6.30 os discípulos são os personagens dessa ação.⁵⁷

“Os mestres da lei, que compunham a classe magisterial de Israel, que fizera o povo se tornar uma nação única de aprendizes, se desfaz em nada

⁵⁴ GROSS, Renato. Fé cristã, conhecimento e educação: paideia ao alcance de todos. In **Diálogo Educ.** Curitiba, v. 6, n. 19, p. 141-156, set./dez. 2006, p. 144.

⁵⁵ No decorrer desta pesquisa, adotaremos o que Jesus chamou de “Lei, Profetas e Salmos, o que corresponde ao conjunto de documentos do atual “Antigo Testamento”, dado que a sua canonização ainda não tinha ocorrido. “E disse-lhes: ‘Foi isso que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’.” (Lucas 24.44)

⁵⁶ HINSON, E. Glenn; SIEPIERSKI, Paulo. **Vozes do cristianismo primitivo**. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 21. Apud GROSS, Renato. Fé cristã, conhecimento e educação: paideia ao alcance de todos. In **Diálogo Educ.** Curitiba, v. 6, n. 19, p. 141-156, set./dez. 2006, p. 144.

⁵⁷ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. *Hans Udo Fuchs*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 62-3.

diante do mestre Jesus”.⁵⁸ Como resultado da atividade de Jesus, os líderes cristãos ordenados no século I, à quem era aplicado o título de “sábios” “nos evangelhos se tornam *γραμματικός*, literalmente ‘gramáticos’, ou seja, copistas, secretários”, reproduzindo na novel tradição cristã o perfil educacional dos seus predecessores. “Quem conhece a Bíblia se lembrará de 1Co 1.20: ‘Onde está o sábio? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?’ (cf Rm 2.17-24)”.⁵⁹

Pohl argumenta que a expulsão dos demônios, associada à autoridade de Jesus, tem a sua razão de ser. Trata-se do público-alvo do Evangelho, os cristãos gentios de Roma. Se ele estiver certo, o que está em questão é a ocorrência desses episódios de manifestações de possessão mais numerosos na capital do Império do que na Terra Santa, onde havia a bênção do Antigo Testamento.⁶⁰

Segundo um artigo de Eduard Schweizer, citado por Pohl, esboça-se a ideia do “medo do mundo e dos demônios”. Para Schweizer:

os astros no firmamento não despertavam enlevo e devoção, nem ainda sentimentos românticos, mas voejavam em torno da terra como bolas de ferro ocupadas por demônios, cortando a humanidade dos poderes bons e protetores. Daí resultava a atitude de fraqueza e autocompaixão diante da vida. Viver era sofrer. O ser humano se via como campo de batalha das trevas, contradições e dúvidas.⁶¹

Daí a importância programática desta história de abertura que Marcos insere imediatamente após o texto que estamos analisando:

Justamente naquela hora, na sinagoga, um homem possesso de um espírito imundo gritou: “O que queres conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? *Sei quem tu és: o Santo de Deus!*” “Cale-se e saia dele!”, repreendeu-o Jesus. O espírito imundo sacudiu o homem violentamente e saiu dele gritando. Todos ficaram tão admirados que perguntavam uns aos outros: “O que é isto? *Um novo ensino — e com autoridade!* Até aos espíritos imundos ele dá ordens, e eles lhe obedecem!” (Marcos 1.23-27; ênfases acrescentadas)

⁵⁸ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. *Hans Udo Fuchs*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 63.

⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 63.

⁶⁰ Idem, *ibidem*.

⁶¹ Idem, *ibidem*.

Marcos registra que os presentes ao episódio se admiraram (1.27). A admiração não constitui indicação de aprovação por parte da plateia. “Dele pode resultar fé ou descrença, louvor (cf 2.12) ou blasfêmia (cf 3.22). Esta posição dúbia se reflete também no fato *de perguntarem entre si* [...] Também a pergunta: Que vem a ser isto?”⁶²

Segundo Pohl, ambas as expressões estão vinculadas à palavra de ensino e à palavra de repreensão. “O milagre não ofuscou o ensino, pelo contrário, trouxe-o para o centro da discussão. A avaliação do ensino, antes em termos negativos (‘não como os escribas’, v 22), agora é afirmativa: ele é ‘novo’.”⁶³

Na verdade, não era novo; novo era o modo como a abordagem de Jesus era feita, as ênfases e as prioridades, cumprindo o que predisse Isaias 61.1s. “O Espírito do Senhor Jeová está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos.” Nisso, a palavra ou o ensino de Jesus sai da abstração teológica da tradição rabínica, como o seu público conhecia, para o cumprimento da vontade e dos planos de Deus para o seu povo. “A passagem de um [milagre] para outro [ensino que interfere no mundo dos demônios] sem interrupção é o que impressiona”.⁶⁴

Myers chama de “ação simbólica” de Jesus como Messias ao sentido dos acontecimentos envolvendo a manifestação do exorcismo. O que teria causado a manifestação espiritual em algum dos presentes à sinagoga teria sido o ensino e este claramente continha algum elemento que os ensinamentos dos mestres ou escribas locais não despertavam ou não faziam se manifestar. Nas palavras de Myers: “A repetição verbal nas linhas iniciais estabelece o que se acha em jogo nesse episódio:

[...] e ele os ensinava (*edidasken*). E eles estavam admirados com seu ensinamento (*didache*), pois ele os ensinava...” (1.21s). [...] Observamos, então, que esse conflito “estrutura” ou “esquematiza” a narrativa do exorcismo propriamente dita (1,23-26), estrutura que sugere ter o exorcismo tudo a ver com a luta entre a autoridade de Jesus e a dos escribas.⁶⁵

⁶² POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 66.

⁶³ Idem, *ibidem*.

⁶⁴ Idem, *ibidem*.

⁶⁵ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**; Col. Grande Comentário Bíblico; trad. I.F.L. Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 181-2.

Se o irrompimento do Reino de Deus está acontecendo, sua manifestação se dá largamente, e até mesmo no reino das trevas sente a sua autoridade. De que modo esse “Santo de Deus” tem o seu ensino legitimado não será objeto de nossa atenção na presente pesquisa, uma vez que se tem indicado a justificativa da pesquisa para as práticas pedagógicas no âmbito docente e discipular, não contemplando o campo dos exorcismos. A essa questão pode-se, no entanto, prestar a novos estudos e investigações por outros pesquisadores, provavelmente no âmbito das ciências das religiões.

Não por acaso, a prédica de Jesus em questão se deu em uma sinagoga na cidade de Cafarnaum. Outra questão é que Cafarnaum era um importante centro econômico, por se tratar de uma cidade próxima ao Mar da Galileia, onde a pesca movimentava o comércio. Cafarnaum estava situada geograficamente num ponto estratégico de trânsito entre outras regiões economicamente importantes. A presença de cobradores de impostos na cidade é certa, o que dá a dimensão desse aspecto local. Esta cidade figura como o polo econômico e social da galileia um centro cosmopolita de onde fluía as principais atividades do norte.

Por fim, Cafarnaum, onde se dá a iniciação do ministério de Jesus, como já está claro, fica ao norte, isto é, na Galileia. Esse ponto faz de Jesus um pregador distinto do que havia no sul, ou seja, na Judeia, onde a religião e seus religiosos formavam o campo oficial do judaísmo e, quanto a Jesus, o pregador ou rabino/mestre oficioso. Em certo sentido, pode-se considerar Jesus como um mestre com surgimento periférico.

Os judeus tinham em grande estima o que chamavam de a “sua” sinagoga (Mc 1.23,39), e em “toda aldeia judaica, no país ou no exterior, existia uma destas ‘casas de reuniões’ (*synagoge*) ou ‘casas de oração’ (*proseuche*). Nas cidades havia várias, em Jerusalém mais de uma centena, às vezes diversas na mesma rua”.⁶⁶ Daniel-Rops diz que “se possível, ficava em um lugar elevado, pois ninguém ‘devia morar mais alto’”.⁶⁷ É o caso da sinagoga de Cafarnaum, cujas ruínas ainda hoje preservam esse traço.

⁶⁶ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 63.

⁶⁷ DANIEL-ROPS, H. **Er kam in sein Eigentum, Die Umwelt Jesu**, Stuttgart 31964, p. 360. Apud POHL, Adolf, 1998, p. 63.

O piso das ruínas da sinagoga de Cafarnaum fica no mesmo nível do que um dia foi a cobertura (ou “telhados”) das casas da cidade. Distingue-se, ainda, o seu material de construção. As casas (as suas ruínas) foram feitas por pedras escuras, quase negras, enquanto o piso, parte das paredes e os pilares da sinagoga são de uma pedra de um tom cor de crema, clara, o que sugere terem sido importadas e isso por comerciantes locais, uma elite econômica vibrante que certamente orgulhava-se de poder dar essa contribuição. Notável também foi a censura de Jesus sobre a posição arquitetônica daquela sinagoga que, como se vê, ficava num ponto elevado, destacando-se na paisagem da cidade: “E você, Cafarnaum: será elevada até o céu? Não; você descerá até ao Hades!”. (Lc 10.15)

Sobre o espírito da sinagoga na alma judaica tem-se a descrição de Pohl, que preservamos na íntegra:

Por trás desta religiosidade da sinagoga, porém, estavam os professores da lei. Eles deixavam o templo para os sacerdotes e a influência política para os sumos sacerdotes, forjando a nação nas sinagogas. Ali tudo estava na mão deles: o ensino, a jurisprudência, a interpretação e tradição (sobre seu método de ensino veja v 22). Seu alto conceito (veja 2.6) não se baseava em sua origem familiar nem em suas posses, mas somente em sua vida dedicada ao estudo da Torá e sua aplicação rigorosa ao dia-a-dia. Esta ocupação com a Torá era considerada mais meritória que a construção do templo. Ela era a verdadeira fonte da existência do judaísmo, de modo que, mais tarde, a destruição do templo não significou o fim do judaísmo.⁶⁸

Além dos textos explícitos demonstrando que os ensinamentos de Jesus geravam acentuadas controversas com os mestres da lei no judaísmo, temos ainda os números indicando esta tensão: das dezenove passagens em que ocorrem em Marcos, em quinze eles são retratados dessa forma, no que são acompanhados dos fariseus, dos herodianos, dos principais sacerdotes e anciãos, do sumo sacerdote, de Pilatos, do povo e até dos soldados romanos.⁶⁹

Mas, embora o cenário seja este, devemos considerar que Jesus não foi um perseguidor do judaísmo (antijudaísmo), nem desprezou o conteúdo da Lei

⁶⁸ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. *Hans Udo Fuchs*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 63.

⁶⁹ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. *Hans Udo Fuchs*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 64.

a priori. Tampouco foi o que modernamente é chamado de antissemita; não está em questão esse aspecto.

Uma vez que o ensinamento de Jesus era o fator causal das principais disputas entre os mestres – Jesus de um lado e os mestres da lei de outro – ergue-se uma questão importante: que ensino é este que Jesus estaria apresentando? Nesta direção e considerando o resumo feito por Marcos a partir de 1.14, e observando os pontos apontados pelo autor no mesmo resumo, consideramos que Jesus tivesse um conteúdo programático que era dito aqui e ali, em público ou nas sinagogas, e não conteúdos distintos. Isto é, ainda que aplicasse diferentes modos de retórica, tratava dos mesmos temas, cumprindo, assim, a sua missão (cf. Is 61.1s). Desse modo, surge:

¹⁴Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando as boas novas de Deus. ¹⁵“O tempo é chegado”, dizia ele. “O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” ¹⁶Andando à beira do mar da Galileia, Jesus viu Simão e seu irmão André lançando redes ao mar, pois eram pescadores. ¹⁷E disse Jesus: “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens”. (Mc 1.14-17)⁷⁰

Assim, sumariamente, tem-se os seguintes pontos contidos no seu ensino:

a. Proclamação das boas novas de Deus (v. 14)

b. “O tempo é chegado [...] O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (v. 15)

c. “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens” (v. 17)

Ao que parece, Jesus foi além da mera repetição dos antigos comentários dos mestres consagrados de seu tempo, não se ateu a repetir o que tinha sido produzido anteriormente, e neste sentido, a forma do ensino de Jesus se destacava. A julgar por esses três pontos, pode-se caracterizar a relação do ensino de Jesus com: a) uma forma completamente dessemelhante e inovadora; b) um conteúdo que despertava e atraía a atenção dos ouvintes e c) a abordagem de um tema bastante estimado pelos Judeus, o messianismo. O anunciou da chegada de um novo tempo - as boas novas – trata-se da presença do Reino de Deus, o tempo chegado, aponta para o cumprimento do plano de Deus, anúncio que os mestres da lei não ousavam anunciar. Dado o

⁷⁰ Para Pohl (1998, p. 64) não faz diferença o modo como Marcos intercambia as palavras “pregar” e “ensinar”, “pois Marcos usa os dois termos como sinônimos.

conhecimento que tinha, somente Jesus poderia afirmar categoricamente tal fato, tal cumprimento, o *εσχάτων*. Então, a partir daí, fez (fazia) a convocação para os seus seguidores serem transformados em pescadores de homens.

Mas no tocante ao anúncio do Reino, a firmeza de convicção e o rigor com o texto da Lei e dos profetas nos parece ter sido as bases para que seus ouvintes se “maravilhassem de sua doutrina”. Ousamos afirmar que muitos dos frequentadores de sinagogas pouco sabiam do conteúdo da Lei, dos profetas e dos escritos (ou Salmos), a julgar pelo fato de que os mestres ensinavam a partir dos comentários consagrados.

Em contraste, os ensinamentos daqueles mestres se prendiam ao que Jesus chamou de tradição dos anciãos.⁷¹ Segundo Pohl:

Seu prestígio resultava de eles seguirem a tradição a ponto tal que anulavam a si mesmos. Podiam provar que seu ensino vinha em linha direta do seu líder espiritual, e do líder deste até Moisés. Para eles, a retidão terminava quando alguém apresentava um ensino fora da relação professor-aluno. Decidir por si mesmos seria a última coisa que eles fariam. Em Jo 9.28 eles proclamam orgulhosos: “Somos discípulos de Moisés”. [...] O que estava por trás deste ideal? Por meio desta corrente de tradição eles criam estar ligados ao evento espiritual original de Israel, a revelação do Sinai, e transmitir esta à comunidade para que esta pudesse ser verdadeiro Israel. Por esta razão eles faziam questão de não ensinar “de próprio punho”.⁷²

Diante disso, embora o conteúdo utilizado fosse o Antigo Testamento, resta claro a diferença interpretativa no ensinamento de Jesus e o dos mestres da lei do seu tempo. Cada um, Jesus de um lado e os mestres da lei de outro, aplicavam uma distinta hermenêutica – os mestres a partir da Judeia, ocupavam-se de comentários consagrados sobre a Lei, em contrapartida Jesus apresenta uma compreensão peculiar e ousada, por essa razão, o resultado não poderia ser o mesmo. Soma-se a isso a convicção de Jesus de que era enviado e Filho de Deus, o mesmo Deus cujo Reino agora irrompia diante de todos, evento atestado até mesmo pelos demônios. Esta disparidade produziu, salvo melhor

⁷¹ “Os fariseus e todos os judeus não comem sem lavar as mãos cerimonialmente, apegando-se, assim, à tradição dos líderes religiosos” (Mc 7.3) “Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa”. (Mc 7.13) “Então os fariseus e os mestres da lei perguntaram a Jesus: ‘Por que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos líderes religiosos, em vez de comerem o alimento com as mãos ‘impuras’?’” (Mc 7.5).

⁷² POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. *Hans Udo Fuchs*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 64.

juízo, o que pode ser considerado como uma disputa hermenêutica entre o norte e o Sul, ou seja, Galileia e Judeia. A Hermenêutica do Norte se apropria mais da filosofia da Lei, transmitindo a sabedoria que se encontra no texto e sua devida compreensão, em contraposição, se tem a Hermenêutica do Sul muito mais voltada a positividade normativa da Lei com suas nuances.

Outro ponto importante a se considerar é o aspecto político que envolve as cenas, os ensinamentos e seus desdobramentos. As chamadas “esferas” de poder (política, religiosa e civil) têm sido consideradas pertencentes ao âmbito da fé cristã,⁷³ e deste modo, se vê no ensino de Jesus a necessidade de levar a vida cristã para os domínios da vida política e pública como um todo, o mestre da galileia não se furtou de discursar sobre temas que envolvessem estas áreas.

Como já se apontou, a fonte para os ensinamentos é a mesma, ou seja, trata-se do conteúdo veterotestamentário. Assim sendo, “durante todo tempo do AT, o conceito de separação entre igreja e estado era totalmente desconhecido por Israel. À vista disto, se pode observar que os fariseus não se restringiram também apenas as questões religiosas, havia claramente neste grupo intenções políticas.”⁷⁴ Pode-se ainda considerar a entrada destes no Sinédrio e a busca pela posição dos Saduceus, o testemunho de Flávio Josefo aponta este grupo ocupando a mais alta plataforma socioeconômica daquela sociedade judaica, enquanto que os Fariseus mantinham alinhados com o povo⁷⁵. Neste sentido, uma leitura dos Evangelhos que se pode chamar de clássica, mostra mais um diferencial quanto conteúdo ensinado por Jesus que, como se tem apontado, orientava-se para a proclamação das boas novas de Deus, a chegada do tempo do Reino e a necessidade de arrependimento e a convocação de discípulos (o

⁷³ GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**, trad. Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 112.

⁷⁴ SCHASH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6: características e avaliação crítica**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, p. 27.

⁷⁵ Cf JOSEFO. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016 p. 618 “Contentar-me-ei agora em dizer que os fariseus, que receberam essas constituições pela tradição de seus antepassados, as ensinaram ao povo. Os saduceus, porém, as rejeitavam, porque elas não estão compreendidas entre as leis dadas por Moisés, que estes afirmam serem as únicas que são obrigadas a observar. Isso fez surgir entre eles uma grande divergência, que deu origem a diversos partidos. As pessoas de classe mais elevada abraçaram o dos saduceus, e o povo alinhou-se com os fariseus

que durou pouquíssimo tempo e teve caráter dirigido a doze homens, exclusivamente).⁷⁶

2.2 Quais classes almejavam a posição de Mestre?

A proposta de Jesus para os ouvintes de seu tempo, bem como a ciência que tinha era de que o Evangelho deveria ser anunciado por todo o mundo conhecido e, ainda, para as futuras gerações (At 2.39). Não se pode fixar um critério para que a escolha de discípulos por Jesus pudesse ser orientada. Ao que parece, a heterogeneidade foi uma marca, mas mesmo assim torna-se admissível haver certa lógica na escolha dos doze, mas a mesma, uma vez existindo, só Jesus a conhecia.

Aqueles homens difundiram o Evangelho oral e literariamente, transmitindo a outros que, por sua vez, fizeram o mesmo. A isso chamaram, já nos tempos apostólicos, de tradição (2Ts 3.6). Era natural a um mestre como Jesus ter discípulos, como outros anteriores a ele tiveram: Sócrates, João Batista, os fariseus e os rabinos.⁷⁷

Decerto os doze foram atraídos pelo ensino de Jesus, que maravilhava os ouvintes, fazendo com que a sua fama se espalhasse: “E a sua fama se espalhava por toda a região circunvizinha”. (Lc 4.37; Mc 1.17-18) Soma-se a isso, a pesca milagrosa, registrada em Lucas 5, impressionou e adicionou um tom de autoridade, praticamente inquestionável àquele novo pregador, ao menos para os que foram por ele chamados.

Jesus inicia sua missão condicionando-se como quem ensina, formado à margem dos círculos oficiais, trazendo um ensino robusto, embora desaprovado pelo sistema vigente, mas não refutado por ele. A sua eficácia (poderíamos dizer autoridade, usando o termo de Marcos), provinha do modo como o seu ensino surtia efeitos. Exemplo disso, foi a manifestação do espírito imediatamente após o ensinamento (Mc 1.23-26). Se o reino das trevas se manifestava diante dele e

⁷⁶ Foi no âmbito do Concílio Vaticano II (1962) e na Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968), que católicos e uma parcela da liderança protestante seguiram a direção mais sociopolítica do Evangelho, enfatizando as camadas empobrecidas da sociedade. Unindo teologia e uma leitura marxista, formou-se o que se conhece por Teologia da Libertação.

⁷⁷ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Marcos**, trad. Elias Dantas. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 80.

os oficiais da Lei (mestres, escribas, fariseus etc.) reagiam, mas não o superavam, isso apontava para algo a ser considerado seriamente.

Diante disso, ainda se pergunta sobre os demais grupos ou classes que atuavam no campo do ensino no Israel dos tempos de Jesus. É sabido ter havido, nos tempos de Jesus, outras escolas e grupos religiosos. A seguir, procurou-se organizar um cenário de como se deu a pedagogia religiosa dentro desses diferentes grupos contemporâneos a Jesus.

2.1.1 Os sacerdotes

Para De Vaux, os sacerdotes tinham atribuições além das cultuais. A docência era levada em consideração o ensino (*Torá* no sentido de indicação) ao se tornar Lei (*Torá*), “o conjunto das prescrições que regiam as relações do homem com Deus, e que os sacerdotes eram reconhecidos como seus intérpretes”.⁷⁸

Embora tivessem “a preocupação de se bem dispor interiormente para que o culto fosse agradável a Deus, os sacerdotes se tornaram mestres da moral e da religião”, caminharam por uma tradição amplamente criticada por Jesus. Isso porque era “o sacerdote [...] o homem da *Torá*, o depositário e o intérprete de uma ciência, *da’at* que vem sem dúvida de Deus, mas em uma revelação passada, transmitida pelos canais humanos da tradição e da prática.”⁷⁹

2.1.2 Os fariseus

Ao que parece, os fariseus formavam um grupo com forte atuação no cenário em que Jesus despontou. Originalmente, parecem que a sua causa era legítima e estava ligada à pureza da religião. Sugeriu-se que “Esdras seria o pai do farisaísmo, assim como, mais tarde, Hillel seria chamado de Filho de

⁷⁸ A essa altura o autor distingue o papel dos profetas em relação aos sacerdotes: “Os profetas exerceram a mesma função, mas de uma maneira diferente: o profeta é o homem do *dabar*, da palavra, o portador da palavra de Deus que lhe inspira imediatamente o que ele deve dizer em dada circunstância, o instrumento de uma revelação atual de Deus, enquanto o sacerdote é o homem da *torah* [...]”. (VAUX, 2003, p. 393)

⁷⁹ VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**, trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 393.

Esdras”.⁸⁰ Eles teriam surgido no segundo século antes de Cristo, na ocasião em que os Macabeus se projetaram no cenário nacional.⁸¹

Outro fator que contribuiu para o fortalecimento dessa classe, razão pela qual lutaram, foi a rejeição da helenização do povo, conforme pretendiam os invasores gregos e, depois, romanos. Para tanto, “aplicaram-se ao estudo e ao ensino da Lei ao povo”.⁸² Tornaram-se conhecidos por insistirem na guarda rigorosa da Lei, tão rigorosa ao ponto de eles mesmos não darem conta do cumprimento da tradição que criaram (Mt 23.4).

Devido ao zelo e confronto contra os saduceus, a elite religiosa (que alguns consideravam ilegítima), os fariseus desfrutavam de algum prestígio entre o povo.

Assim, os fariseus foram considerados um partido político religioso de forte influência no judaísmo, a tal ponto de o farisaísmo se tornar o judaísmo normativo. Eram formados por comunidades farisaicas, que eram compostas por escribas, sacerdotes, mas grande parte de seus membros era leiga. Também eram integrantes das comunidades artesãos, camponeses e comerciantes, residentes tanto em zona urbana como rural, na Judéia e na Galileia.⁸³

Embora tivessem introduzido interpretações que foram rejeitadas e firmemente criticadas por Jesus, os fariseus tinham o texto da Lei e os profetas em consideração, uma vez que os saduceus admitiam apenas o Pentateuco de Moisés. Sendo assim, os fariseus “podem ser considerados como continuadores das tendências introduzidas pelo escriba Esdras [...] Para eles, no cumprimento da Lei havia uma função profética. Por isso, quem cometesse algum pecado estaria retardando a ação escatológica de Deus no sentido salvífico.”⁸⁴

No entanto, os aspectos mais enfatizados nos ensinamentos dados pelos fariseus não eram aqueles que deram a Jesus a fama de um mestre cujo ensino era com autoridade: “Suas crenças giravam em torno de dízimos e leis de pureza, que

⁸⁰ SCHASH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6: características e avaliação crítica**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, p. 28.

⁸¹ “O judaísmo começou a firmar-se no segundo século e assumir a forma que teria nos tempos neotestamentários, graças, em parte, à ação dos Macabeus”. SCHASH, 2007, p. 29.

⁸² Idem, *Ibidem*, p. 28.

⁸³ Idem, *Ibidem*, p. 28.

⁸⁴ SCHASH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6: características e avaliação crítica**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, p. 28.

estavam ligadas à alimentação, atividade sexual e manuseio de mortos, além de casamento e divórcio e rituais no templo. Também havia uma forte observância sobre o dia do sábado”.⁸⁵

Esse parece ter sido o conteúdo educacional ministrado pelos fariseus, o que se mostra bastante restrito em relação ao que Jesus apresentou em seus sermões e conversas com discípulos, segundo depreendemos dos Evangelhos.

2.1.3 Os saduceus

A classe sacerdotal era formada pelos saduceus (corruptela⁸⁶ de Zadoque [zadoqueus], o sacerdote do período davídico e salomônico; 2Sm 8.17; 15.24). Alguns escribas pertenciam a esse grupo, uma vez que o trato com a Lei era atribuição formal dos mesmos. Nem por isso, o conteúdo de seus ensinamentos abarcava todas as demais crenças do povo nem dos fariseus.

Eles não acreditavam em ressurreição, anjos e demônios (At 23.8). Em relação à ressurreição, os saduceus inquiriram Jesus tentando provar que a ressurreição dos mortos seria impossível, mas Jesus mostrou que é possível (Mt 22.23-32). Josefo informa que os saduceus negavam a questão do destino e criam que Deus não se incomoda com o que os homens fazem, visto que ele é incapaz de fazer o mal. Segundo os saduceus, está nas pessoas fazer o bem ou o mal. Não acreditavam em recompensa ou castigo para a alma em um outro mundo. Eram de natureza rude, e viviam de forma grosseira entre si, como se fossem estrangeiros.⁸⁷

Apoiado nas informações de Flavio Josefo, Schash oferece uma comparação entre o partido dos fariseus e dos saduceus. “Em relação à *influência*, eles [os fariseus] são apresentados como os melhores intérpretes da lei e detinham a principal escola. Os saduceus estão sem informação nesse sentido”.⁸⁸

⁸⁵ Idem, Ibidem, p. 28.

⁸⁶ Corruptela é uma palavra que se escreve ou se pronuncia diferentemente do modo considerado correto ou prestigiado. Talvez a mais conhecida forma de corruptela em Língua Portuguesa seja o uso moderno de você, que derivou de Vossa Mercê; com o tempo e o uso, Vossa Mercê se contraiu por corruptela, até se tornar você. Assim, a palavra saduceu, por corruptela, teria derivado de “zadoqueu”, referente a Zadoque.

⁸⁷ SCHASH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6: características e avaliação crítica**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, p. 31.

⁸⁸ Idem, Ibidem, p. 33-34.

Araújo, citando Sacchi,⁸⁹ menciona a distinção feita entre sadoquitas e saduceus. Tendo havido uma crise no sacerdócio de Jerusalém na época do governo sírio, os sadoquitas seriam os sacerdotes que se separaram do colegiado de Jerusalém no período. Por sua vez, os saduceus “seriam aqueles que permaneceram vinculados ao Templo e atrelado à política da Síria e em confronto com os sadoquitas e os fariseus”.⁹⁰

2.1.4 Os essênios

Por fim, os essênios. Embora não estejam presentes em nenhum texto evangélico nem em qualquer outra porção do NT, os essênios constituíram uma comunidade cuja rotina girou em torno dos textos, aprendizado e preservação de cópias do material religioso usado pelos judeus. Poderíamos conjecturar que de algum modo suas crenças eram consideradas ou admitidas, ao menos superficialmente, por alguns dos grupos anteriormente descritos, fariseus, saduceus ou os sacerdotes. Afinal de contas, os essênios não surgiram ao acaso, foram fruto do meio em que viveram.

Em linhas gerais, Schash nos dá um resumo das crenças do grupo, que podem servir para efeitos comparativo com o que Jesus ensinou:

Os essênios atribuem tudo a Deus, creem na imortalidade da alma, praticam atos de justiça e se dão por satisfeitos em enviar suas ofertas ao templo. Os essênios aguardavam uma restauração do templo, conforme os seus moldes escatológicos. Pensavam que controlariam o templo em uma Jerusalém purificada. De qualquer forma, o templo, seja em seu estado presente, provisório ou escatológico, era o centro da teologia qumranita.⁹¹

Como se crê, os essênios viviam em comunidade, numa colônia próxima ao mar Morto, no sul do país, isolados; sendo assim, não constituíram uma contrapartida aos métodos de ensino de Jesus, embora figurassem naquele cenário histórico. Schash atribui aos essênios o incremento da tradição

⁸⁹ SACCHI, P. **Storia del Secondo Tempio**. Israele tra IV secolo a.C. e I secolo d.C. Torino: Claudiana, 2019. Sacchi pressupõe que o “nome saduceus derive do nome da família sacerdotal de Jerusalém, ou seja, a família de Sadoq”, cf. ARAÚJO, G. L. de. As Autoridades no Quarto Evangelho. Rio de Janeiro: PUC Rio. Acad. In **ReBiblica**. 2596-2922.2021, v. 2, n. 4, jul-dez/2021, p. 312.

⁹⁰ ARAÚJO, G. L. de. As Autoridades no Quarto Evangelho. Rio de Janeiro: PUC Rio. Acad. In **ReBiblica**, v. 2, n. 4, jul-dez/2021, p. 312.

⁹¹ Idem, *Ibidem*, p. 35.

apocalíptica por meio de literatura, tema que constou de um longo sermão de Jesus (Mt 24-25) e nesse sentido podem ser exercido alguma influência na igreja das décadas seguintes.

Semelhantemente aos demais grupos, “tinham a sua própria interpretação da lei e seu próprio calendário [e] provinham do mesmo círculo dos fariseus, porém eram mais rígidos na observância da lei e mais coerentes do que os fariseus”.⁹²

2.1.5 Jesus, em contraste

A tentativa de Hendriksen⁹³ de comparar os métodos de ensino de Jesus aos dos escribas resultou no seguinte quadro.

a. *Ele* falava a verdade (Jo 14.6; 18.37). Em contraste, uma argumentação corrupta e evasiva marcava os sermões de muitos *escribas* (Mt 5.21 ss).

b. *Ele* falava acerca de assuntos de grande importância, tais como vida, morte e eternidade. *Eles*, frequentemente, gastavam o seu tempo com trivialidades (Mt 23.23; Lc 11.42).

c. Havia um plano definido em *sua* pregação. Como o Talmude demonstra, *eles* frequentemente divagavam em seus arrazoados.

d. *Ele* despertava a curiosidade dos seus ouvintes, por fazer uso constante e generoso de ilustrações (Mc 4.2-9, 21, 24, 26-34; 9.36; 12.1-11). O discurso *deles* era seco como poeira. Este ponto e o próximo, em especial, destacam citações de Marcos.

e. *Ele* falava como o Amado dos seres humanos; como o que estava Interessado no bem-estar eterno dos seus ouvintes, e apontava para o Pai e seu amor. A falta de amor *deles* e claramente revelada em passagens como Marcos 12.40 etc.

f. Finalmente, e isso é o mais importante, por ser especificamente declarado no texto. *Ele* falava “com autoridade”, porque a sua mensagem vinha diretamente do coração e da mente do Pai (Jo 8.26), e, portanto, do seu próprio ser divino e das Escrituras. *Eles* estavam constantemente citando falíveis fontes,

⁹² SCHASH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6: características e avaliação crítica**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007, p. 36.

⁹³ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Marcos**, trad. Elias Dantas. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 85-86.

um escriba citava outro. *Eles* estavam tentando encontrar água em cisternas rotas. *Ele* falava a partir do que era (e sempre será): “a fonte de água viva” (Jr 2.13).

2.3 Como eram seus ensinamentos e qual o nível de sua persuasão?

Atendo-nos, *a priori*, ao texto em questão (Mc 1), vamos partir dos dois primeiros pontos indicados por Marcos, quais sejam:

a. Proclamação das boas novas de Deus (v. 14)

b. “O tempo é chegado [...] O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” (v. 15)

Vamos considerar, ao menos hipoteticamente, que ambos os temas constituíam o conteúdo do ensino de Jesus.

À parte dos demais pontos, “nos adiantamos em dizer que para Jesus, o magistério tinha origem divina. Era um dom, que havia sido concedido aos homens, com o objetivo de desenvolver e aperfeiçoar o ser [...] Jesus foi um mestre vindo da parte de Deus.”⁹⁴ Como não entraremos no campo da fenomenologia da religião, que discutiria a percepção dos ouvintes de ser Jesus um mestre vindo dos céus, apenas fazemos esse registro, mas nos concentraremos nos aspectos, digamos, mais técnicos dos ensinamentos do Mestre.

Jesus fez uso de metáforas, ditos populares, argumentação retórica, e foi um exímio contador de parábolas durante o seu processo de ensino. Queremos, no entanto, dar destaque para o recurso que fez aos “discursos”, uma vez que em boa parte dos Evangelhos (mas não somente isso), ele falou para grupos maiores, multidões. Mesmo quando falava a indivíduos, utilizava discursos, como no Evangelho de João.⁹⁵ Em Mateus, os discursos são marcados “com a fórmula: ‘quando Jesus terminou estas palavras...’” e são sermões ou instruções.⁹⁶

Está em Marcos “a mais antiga composição sinótica deste gênero [...] discurso com instruções para a *missão*, transmitido, em formas diferentes, em

⁹⁴ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus. O Mestre por Excelência*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. p. 32.

⁹⁵ BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 65.

⁹⁶ Idem, *Ibidem*, p. 65. Para Berger, a partir dessa fórmula tem-se “também critérios para o que, tanto anterior como posteriormente, podia ser considerado discurso”.

Mc 6.8-10...”.⁹⁷ Como exemplo, Berger indica as instruções dadas por Jesus: “Não levem nada pelo caminho, a não ser um bordão. Não levem pão, nem saco de viagem, nem dinheiro em seus cintos; calcem sandálias, mas não levem túnica extra; sempre que entrarem numa casa, fiquem ali até partirem”. Para o mesmo autor, “um ‘discurso’ de Jesus é também o *conjunto de parábolas* em Mc 4”.⁹⁸

Dos discursos de Jesus analisados por Berger, dois, o Sermão da Planície (Lc 6) e o Sermão da Montanha (Mt 5–7) contém material diversificado, certamente por conta de sua longa extensão. Ao interpretá-los, adverte, “é importante observar que nos dois casos a introdução e a conclusão são de *natureza* claramente *protréptica*”.⁹⁹ Um *protreptikós* “deve conquistar fundamental e definitivamente o ouvinte *para o caminho* pelo qual terá de enveredar, e mostra-lhe também o que com isso há de ganhar”.¹⁰⁰

Berger chama a atenção para Lucas 6.20-26, onde lemos sobre os caminhos, ambos contrastantes (“bem-aventurados os” *versus* “ai dos”). “As antíteses do sermão falam da velha e da nova maneira de entender a vontade de Deus. Há duas possibilidades de decisão: a do Evangelho e a dos fariseus que se lhe opõem”.¹⁰¹ Aqui salta aos olhos do leitor dos Evangelhos aquilo que Jesus aprova em face da interpretação de que os ricos (v. 24), os que agora têm fartura e os que riem (v. 25). A Lei não dava apoio à sua maneira de viver frente o sofrimento do seu semelhante.

Um tipo de discurso que foi difundido na Igreja antiga é a “*combinação de apologia e repreensão*”. Isso se ajusta a análise das formas (veja o item da pesquisa 1.9). Também emerge a *creia*¹⁰² ampliada de Marcos 7.1-23 (e Mt 15.1-20), que “é tanto uma apologia [dos] discípulos que não lavaram as mãos, como repreensão (Mc 7.9-13)”.¹⁰³

⁹⁷ BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 65.

⁹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 66; ênfase no original.

⁹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 67.

¹⁰⁰ Idem, *Ibidem*, p. 67.

¹⁰¹ Idem, *Ibidem*, p. 67.

¹⁰² Uma *creia* (sign. grego é “uso”) era uma historieta sobre determinado personagem. Amplamente utilizada na literatura cínica, em geral as *creias* eram mais curta do que uma narrativa, e poderiam ser apresentadas na forma de uma só frase. Por outro lado, ao contrário de uma máxima, a *creia* era atribuída a um personagem, e a máxima era de aplicação geral.

¹⁰³ BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 70.

Quanto às formas...

[...] portanto, temos nesse esquema de pregação a sequência: demonstração da culpa (repreensão) — exortação à conversão promessa da salvação. [...] Também em outros lugares do NT a tradição deuteronomista foi relacionada coma morte de Jesus, em textos dirigidos aos judeus, por exemplo na pregação de Estêvão, At 7,52s, e em Mc 12,1-9 (cf. também 1Ts 2,15s). Verdade é que a pregação de Estêvão se limita à repreensão; e Mc 12 ainda acrescenta o castigo à demonstração da culpa. Contudo, ambos os textos ainda podem ser considerados pregação de conversão, em sentido mais amplo.¹⁰⁴

Sendo pregação de conversão, conforme Rocha (2020), trata-se de um tipo de discurso, e este, retórico. Segundo Aristóteles, a retórica deve ser entendida como uma “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função”¹⁰⁵ De acordo com Aristóteles, “a persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito”.¹⁰⁶ Aplicada essa definição a Jesus, até os demônios se incomodaram com o seu ensino, como reta demonstrado.

A Retórica fornece meios para que o analista (retórico) identifique e analise o que há de elemento persuasivo nos mais diversos discursos. É nesse meio que a persuasão é evocada pelo orador, ou seja, criada a partir do uso de elementos retóricos e/ou persuasivos.¹⁰⁷

Rocha, que analisou o discurso de Jesus a Nicodemus, em João 3.1-12, considera que “em toda argumentação de natureza retórica, há três elementos essenciais para que se estabeleça a persuasão, quais sejam: o orador, o auditório e o discurso. Esses três meios de persuadir são correspondentes a *ethos*, *pathos* e *logos*”.¹⁰⁸ O *ethos* liga-se à pessoa do orador, à sua imagem que projeta para seus ouvintes. O *pathos* evoca os sentimentos que ele faz despertar em sua audiência. Por fim, o *logos* é “caracterizado como a argumentação, isto é, o discurso persuasivo dotado de artimanhas retóricas utilizadas de forma

¹⁰⁴ Idem, Ibidem, p. 68-69.

¹⁰⁵ ARISTÓTELES. **Retórica**, trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011, p. 44.

¹⁰⁶ ARISTÓTELES, 2011, p. 45.

¹⁰⁷ ROCHA, Max Silva da; MELO, Deywid Wagner de. A argumentação quase lógica em uma conversa entre os oradores Jesus Cristo e Nicodemos. In **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29. Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFES, 2020, p. 286.

¹⁰⁸ ROCHA, Max Silva da; MELO, Deywid Wagner de. A argumentação quase lógica em uma conversa entre os oradores Jesus Cristo e Nicodemos, p. 288.

estratégica pelo orador”. O *logos* deve dar conta das questões levantadas por seu público e propor respostas a elas.¹⁰⁹

Em Jesus, os dois primeiros meios produziram reações antagônicas. Quanto ao último, afirmamos que ele foi insuperável, tanto frente aos adversários declarados que não conseguiram refutar seus argumentos (Jo 8.9; Lc 14.6), quanto diante dos leigos, muitos dos quais foram até ele a fim de encontrar respostas para seus próprios dilemas e questionamentos legítimos (cf. Jo 3.1-12).

Por fim, encontramos em Robertson uma interessante síntese da diferença no modo de ensinar de Jesus frente aos principais grupos de seu tempo:

Eles [os rabinos] citavam outros rabinos e sentiam que sua função era ser explicadores das tradições que eles colocavam no pescoço das pessoas como uma mó. A verdade é que as suas tradições e legalismo insignificante transgrediam a lei revelada de Deus (Mc 7.9,13). Os escribas eram casuístas que faziam falsas interpretações para provar as suas opiniões meticulosas de normais comportamentais ao custo do descaso absoluto da realidade espiritual. As pessoas imediatamente perceberam que aqui se tratava de alguém que tinha o poder (autoridade) de Deus. Era diferente da autoridade dos escribas, que se utilizavam somente das ideias de rabinos importantes.¹¹⁰

Perelman, um dos nomes mais destacados da nova retórica, encerra essa parte do capítulo, acrescentando ao entendimento algo a respeito dessas questões. Ele afirma que, “para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir”.¹¹¹ Convencimento, a partir das obras e sinais demonstrados por Jesus, parece ter convencido tanto quanto (ou mais do que) a sua retórica.

2.4 Como era o ensinamento de Jesus: método e hermenêutica?

Considera-se já ter um quadro consistente sobre o cenário da educação nos tempos de Jesus, um perfil dos grupos ou classes que interagiam nesse cenário e quais eram as suas características mais prementes, além de dados

¹⁰⁹ ROCHA, Max Silva da; MELO, Deywid Wagner de. A argumentação quase lógica em uma conversa entre os oradores Jesus Cristo e Nicodemos. In **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29. Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFES, 2020, p. 288.

¹¹⁰ ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos, à luz do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 352.

¹¹¹ PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, [1958] 2014, p. 30.

que demonstram ou apontam na direção em que esses personagens conduziam os seus discípulos. Ao recompor esse cenário, procuramos fazer uma distinção bem delimitada, a partir das fontes que trabalharam sobre o tema, entre Jesus e sua realidade frente aos mestres de então e a realidade deles.

Agora se debruçará sobre o modelo de pedagogia, por assim, dizer. O mestre Jesus ocupará a atenção ao se voltar para uma aproximação de seu modo de ensinar, sua hermenêutica e o método utilizado para verter o entendimento que tinha das mesmas fontes utilizadas pelos mestres a quem ele confrontou, ou, melhor, se sentiram confrontados por aquilo que Jesus ensinou aos seus discípulos, bem como ensinou publicamente a todo aquele que se dispôs a dar ouvidos ao seu ensino.

Correia Junior comentando sobre uma perícopie mais ampliada em relação à que se está trabalhando, disse:

A perícopie [...] apresenta uma bela síntese da ação pedagógica de Jesus na Galileia, que pode ser dividida em três partes interligadas: o que Jesus ensinou, a boa nova do Reino de Deus, um novo mundo possível no aqui e agora da história (1,14-15); a formação de discípulos ao longo de sua atividade, para contar com eles em sua missão (1,16-20); e ações libertadoras que curam as pessoas de suas mazelas físicas e mentais (1,21-28).¹¹²

As três partes interligadas, segundo ele, são:

1. **O que Jesus ensinou, a boa nova do Reino de Deus, um novo mundo possível no aqui e agora da história:** “Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando as boas novas de Deus. ‘O tempo é chegado’, dizia ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!’” (Mc 1.14-15)
2. **A formação de discípulos ao longo de sua atividade,** para contar com eles em sua missão: “Andando à beira do mar da Galileia, Jesus viu Simão e seu irmão André lançando redes ao mar, pois eram pescadores. E disse Jesus: ‘Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens’. No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o

¹¹² CORREIA JUNIOR, João Luiz; SILVA, Eunaide Monteiro de Almeida da. Uma interpretação da pedagogia de Jesus à luz da pedagogia de Paulo Freire. In **Revista de Cultura Teológica**, Ano XXVIII – n. 96 - Maio-Ago 2020. São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia - PUC/SP, p. 294.

seguiram. Indo um pouco mais adiante, viu num barco Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, preparando as suas redes. Logo os chamou, e eles o seguiram, deixando Zebedeu, seu pai, com os empregados no barco”. (Mc 1.16-20)

- e
3. **Ações libertadoras que curam** as pessoas de suas mazelas físicas e mentais: “Eles foram para Cafarnaum e, assim que chegou o sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar. Todos ficavam maravilhados com o seu ensino, porque lhes ensinava como alguém que tem autoridade e não como os mestres da lei. Justamente naquela hora, na sinagoga, um homem possesso de um espírito imundo gritou: ‘O que queres conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!’ ‘Cale-se e saia dele!’, repreendeu-o Jesus. O espírito imundo sacudiu o homem violentamente e saiu dele gritando. Todos ficaram tão admirados que perguntavam uns aos outros: ‘O que é isto? Um novo ensino — e com autoridade! Até aos espíritos imundos ele dá ordens, e eles lhe obedecem!’ As notícias a seu respeito se espalharam rapidamente por toda a região da Galileia”. (Mc 1.21-28)

Correia Junior chama de “síntese da ação pedagógica de Jesus na Galileia” está estruturado nas três partes ou no “tripé pedagógico”, ao nosso dizer. Quanto ao primeiro, já destacamos anteriormente tratar-se das boas novas de Deus (“O tempo é chegado”), e “O Reino de Deus está próximo” com a conseqüente necessidade de arrependimento para ingresso nesse Reino. Neste ponto identifica-se uma concordância com o autor.

O segundo aspecto, “a formação de discípulos ao longo de sua atividade, para contar com eles em sua missão”, ao nosso ver não faz parte, a rigor, da atividade pedagógica, mas de uma prática necessária ao mestre, o convite para possíveis discípulos (“Sigam-me”), que em essência não dá subsídios para afirmar qualquer indicação de conteúdo para a atividade de ensino-aprendizagem, necessariamente.

Há uma promessa explícita na convocação (“eu os farei pescadores de homens”), o que não comprova a transmissão de qualquer conteúdo transformador. Até que se possa demonstrar alguma evidência de mudança de

vida, é preciso verificar que tipo de discurso está orientando essas pessoas para uma mudança na disposição mental que remeta à uma novidade de vida, segundo o Evangelho.

A simples promessa de uma mudança não corresponde a um conteúdo ou discurso transformador. Muitos ouvintes tiveram contato com os ensinamentos de Jesus e, embora se diga que muitos deram ouvidos à sua mensagem, ainda muitos permaneceram no mesmo estado em que estavam quando Jesus despontou no cenário da Palestina há dois mil anos.

Além disso, o trecho em questão, Marcos 1.16-20, mostra detalhes da reação deles, além de boa parte ser consumida pelos nomes daqueles a quem Jesus chamou.

A terceira parte, segundo Correia Junior, destaca o que chamou de “ações libertadoras que curam as pessoas de suas mazelas físicas e mentais”; Isto foi visto anteriormente neste mesmo capítulo, quando se tratou da expulsão do demônio, da manifestação ou reação do mundo espiritual ao ensinamento de Jesus.

Do mesmo modo, isso não parece implicar em um conteúdo transformador de vidas humanas. Não a rigor, porque embora a libertação espiritual (ou das “mazelas físicas e mentais”) seja necessária aos homens para que possam servir a Deus livremente, isto pode demonstrar que em termos pedagógicos, como subsídio para a aplicação em programas educacionais em nossos dias, esse aspecto possa ser menos explorado do que outros já apontados na pesquisa em “2.1 Qual o conceito de mestre na época de Jesus?”.

Naquela parte, indica-se considerar **a.** A proclamação das boas novas de Deus (v. 14); **b.** O anúncio da chegada do tempo/Reino de Deus e **c.** O convite para os discípulos. Assim, ainda que parcialmente, encontra-se concordância com Correia Junior no que tange àquilo que chamou de “síntese da ação pedagógica de Jesus na Galileia”, salvo se o autor estivesse fazendo uma análise mais abrangente e menos rigorosa sobre esses elementos apontados aqui.

Outro autor que fez considerações sobre a estratégia de ensino de Jesus foi Brian Grenier (1998). Grenier também aponta três aspectos, afirmando que os mesmos eram a causa de “profunda admiração”

1. **Jesus ensinava pelo exemplo**; havia perfeita congruência entre o que ele ensinava e o que fazia. Ele proclamava o evangelho, palavra transliterada do grego, que significa “boa nova”: a chegada definitiva do tão esperado reinado de Deus. E agia demonstrando que esse reino já se podia perceber em suas ações restauradoras de vidas;
2. **Jesus baseava-se na experiência de vida de seus ouvintes**, atento às suas reais necessidades; a cura do homem na sinagoga, em dia de sábado (Mc 1,21-28) denota essa prioridade em atender as pessoas, em suas necessidades imediatas, acima de qualquer condição moral ou cultural, inclusive em dia sagrado como o sábado;
3. **Jesus agia com autoridade**, pois sua palavra tinha poder de desalienar as pessoas, desde seus problemas psíquicos e emocionais, aos problemas físicos causados por doenças, devolvendo-as à vida com dignidade.¹¹³

Tende-se considerar que a análise de Grenier leva em conta o contexto mais amplo dos Evangelhos, não especificamente o Evangelho de Marcos. No entanto, somos mais inclinados a considerar esse contexto expandido à luz do sumário já dado por Marcos e admitido nesta pesquisa, como tem-se indicado até aqui, e dado as razões para tal: o sumário deverá apontar diretamente para uma espécie de programa seguido por Jesus e reproduzido na sinagoga em Cafarnaum. Do contrário, não poderíamos compreender facilmente a razão para o autor do Evangelho ter incluído tal pauta em seu texto e a associado ao espanto e admiração por parte de seus ouvintes imediatamente após ter ensinado entre eles.

Correia Junior, no entanto, chamará a atenção para algo pouco explorado nas análises que se considerou ao pesquisar material para este capítulo. Em suas próprias palavras:

Inserindo-se nessa realidade perigosa e opressora, Jesus não convoca uma reação violenta de ódio para a tomada do poder, mas, seguindo a pedagogia profética dos bons anúncios,

¹¹³ GRENIER, Brian. **Jesus, o mestre**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 57-63. Apud CORREIA JUNIOR, 2020, p. 295.

proclama a boa notícia (*to euaggelion*) da plenitude dos tempos.¹¹⁴

O país estava sob controle romano rigoroso e opressor, de fato. A chamada para a luta, armada inclusive, como defendem alguns autores, era constante. Jesus propõe um discurso revolucionário, mas não nos moldes habituais. Para Correia Junior, “neste conjunto estão inseridas as qualidades de Jesus como educador”. Para ele, o “alegre anúncio interpela os ouvintes à confiança (*pístis*) no que está sendo anunciado e à mudança de comportamento (*metanoia*). Visa, portanto, despertar consciências por meio de um “ensinamento novo, cheio de autoridade” (Mc 1.27).” Nesse sentido ele dá esperança, traz tranquilidade e ao mesmo tempo aponta mudanças possíveis, independentemente da ação do Império.¹¹⁵

Sendo a proposta pedagógica de Jesus algo universal, o que se mostra nos resultados há dois mil anos e em franco funcionamento,¹¹⁶ deve-se supor que essa proposta pedagógica guarde algum apelo para os indivíduos em diferentes setores ou classes sociais. Os Evangelhos já dão conta disso ao demonstrar que à sua mensagem, pessoas as mais distintas inclinavam-se ao seu apelo. Isso independia de gênero, classe econômica, posição social, etnia ou outro marcador que se considere. Ao que parece, algo que toca a essência do ser humano como tal está em questão.

Seja como for, considera-se o fato de que ...

Jesus não fazia acepção de pessoas e falava para cada grupo conforme os conhecimentos que traziam de suas experiências prévias. Para Paulo Freire, a dialogicidade é condição essencial em qualquer tipo de relação, incluindo as relações que se estabelecem na escola.¹¹⁷

É notável que Jesus partia do conhecimento de seus ouvintes. Um dos mais expressivos sintomas disso nós vemos em diversas de suas parábolas. A

¹¹⁴ CORREIA JUNIOR, João Luiz; SILVA, Eunaide Monteiro de Almeida da. Uma interpretação da pedagogia de Jesus à luz da pedagogia de Paulo Freire. In **Revista de Cultura Teológica**, Ano XXVIII – n. 96 - Maio-Ago 2020. São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia - PUC/SP, p. 297.

¹¹⁵ Idem, Ibidem, p. 297.

¹¹⁶ Tem-se em mente o fato de o cristianismo manter-se como matriz religiosa em regiões como as Américas e em crescimento em regiões como a África e Ásia.

¹¹⁷ CORREIA JUNIOR, João Luiz; SILVA, Eunaide Monteiro de Almeida da. Uma interpretação da pedagogia de Jesus à luz da pedagogia de Paulo Freire. In **Revista de Cultura Teológica**, Ano XXVIII – n. 96 - Maio-Ago 2020. São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia - PUC/SP, p. 302.

sociedade da época era de base econômica agrícola. Em sua proposta pedagógica, Jesus veio anunciar, entre outros pontos, o Reino de Deus. Que é esse Reino? Qual a sua natureza? Como se manifesta? Como se nota em nosso meio?

Essas eram perguntas que exigiam um nível de abstração considerável, que para muitos, ainda hoje, tem o seu grau de dificuldade. No entanto, Jesus se notabilizou por partir do conhecimento que seus ouvintes tinham, fazendo uso dos elementos cotidianos daquela sociedade agrícola.

Veja alguns exemplos:

E contou-lhes outra parábola: “O Reino dos céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo”. (Mt 13.31)

Ele respondeu: “Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu lhes asseguro que se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: ‘Vá daqui para lá’, e ele irá. Nada lhes será impossível”. (Mt 17.20)

Ouçam! O semeador saiu a semear. Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram. Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra não era profunda. (Mc 4.3-5)

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele corta; e todo que dá fruto ele poda, para que dê mais fruto ainda. Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado. (Jo 15.1-3)

A partir do conhecimento que tinham, das rotinas daquela sociedade, Jesus introduziu o ensino sobre o Reino de Deus (ou dos céus), algo para o qual eles não haviam se atentado. Aliás, a expectativa dos judeus de então era a libertação do domínio romano e a autonomia ou soberania nacional para um reino neste mundo. No entanto, esta pesquisa se deterá no fato de que todo judeu queria a libertação nacional, tanto a elite político-religiosa, e muito mais a população em geral, que sofria com as altas taxas impostas por Roma, além do desemprego.¹¹⁸

¹¹⁸ Para saber mais sobre a situação socioeconômica do período, sugerimos duas obras bastante interessantes. HORSLEY, Richard A. e HANSON, John. **Bandidos, profetas e messias – movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995. JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus – pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário**. São Paulo: Paulus, 2010.

Ao levar em consideração aspectos socioeconômicos do contexto de Jesus, pode-se resgatar um comentário de Correia Junior a partir da reflexão que fez sobre a obra de Paulo Freire, dentro do escopo que se tem considerado.

[...] Ele afirmou que é no encontro com o outro que o ser humano se forma, pois, “ninguém liberta ninguém. As pessoas se libertam em comunhão” (FREIRE, 2011, p. 52). E nessa relação dialógica, as pessoas vão se construindo e se libertando à medida que se conscientizam da importância que cada ser possui neste imenso cosmos.¹¹⁹

E acrescentou:

Na convivência diária com trabalhadores braçais numa comunidade de pescadores da região do “mar” da Galileia, também conhecido como mar de Tiberíades ou lago de Genesaré, Jesus se dedica a uma ação pedagógica de mudança de mentalidade em meio aos desafios do mundo real. Não se baseia na mera transmissão das Sagradas Escrituras Judaicas, tal qual faziam os escribas, intérpretes oficiais da Torá, que se entrincheiravam por trás da autoridade dos textos da tradição. Os ensinamentos de Jesus causam admiração porque não estão somente fundamentados no dizer/ensinar, mas também no refletir/fazer/refletir (Mc 1,22-27).¹²⁰

Ao se “misturar” às pessoas, ao visitar seu local de trabalho, ao descer ao nível de entendimento que elas tinham e ao provocá-las a ter uma esperança de mudança de vida real, do interior de seu ser e que não dependia da ação política nem militar, Jesus surpreende sua audiência. Isso é muito diferente da indiferença demonstrada pelos “escribas e intérpretes oficiais da Torá”, cujo ensino não tocava a superfície das necessidades sociais daquelas populações. É possível mudar agora, é possível a libertação hoje!

A mudança de mentalidade, ou disposição mental, rompe diferentes ciclos viciados de dependência, de revolta, de insegurança e de indignação, sentimentos e sensações nas quais a sociedade estava mergulhada.

A respeito da esperança estimulada por Jesus em seus discursos, Oliveira (2017) notou a maestria didática do Mestre Jesus. Ela aponta que...

Ao introduzir os ensinamentos do monte com as bem-aventuranças, ou seja, com o texto do livro de Mateus 5.1-12 pode-se perceber que Jesus se mostra-se bastante didático. Diga-se de

¹¹⁹ A citação de Correia Junior é de FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12ª edição. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 2011, p. 303.

¹²⁰ Idem, Ibidem.

passagem, Jesus escolheu com muita mestria os termos a serem usados, bem como o tipo de literatura articulando-os perfeitamente nos contextos de seus aprendizes. Assim sendo, o referido texto mostra-se muito bem articulado desde a seleção, estruturação dos conteúdos, bem como a escolha de seu método, demonstrando um ensino planejado, deveras didático.¹²¹

“Os ensinamentos do monte” pode ser tomado como uma espécie de programa ou conteúdo programático de Jesus, segundo Mateus (assim como Lucas). Colocado no início do seu ministério (cf. Mt 5-7), Jesus pode ter repetido ou se valido de alguns dos temas (ou todos) ali elencados ao longo dos anos de vida pública. Esta pesquisa considerou isso em analogia na abordagem do sumário dado por Mc 1.14-15.

Mas o ponto que se quer destacar das notas de Oliveira é apontado por ela na escolha de um termo sugestivo: a felicidade, ou, nas palavras de Jesus, bem-aventurança.

De início, Jesus usa o termo bem-aventurado que traduzido quer dizer “feliz”, assim atrai a atenção de todos os seus ouvintes, pois ele primeiro dá o resultado com uma visão positiva, do que essencialmente todos os humanos almejam: a felicidade; só então ele relata quais seriam as características para se adquirir este resultado.¹²²

A escolha do termo bem-aventurança para introduzir o Sermão da Montanha é, nas palavras da autora, um aforismo bastante apropriado. Quem, independentemente de classe, gênero ou condição social, não busca a felicidade? E isso desde que se tem notícia!

Esse aforismo¹²³ utilizado por Jesus é muito apropriado, pois felicidade é algo muito amplo e denota muitos significados, é o desejo supremo dos seres humanos. Esse desejo foi implantado no homem pelo próprio criador, que originalmente tinha o propósito de levá-lo a encontrar a verdadeira felicidade, mediante a cooperação com Deus que o criou. O que se pode inferir quando Jesus escolheu o uso desta terminologia é que o Reino de Deus trará novamente a felicidade tão almejada pela

¹²¹ OLIVEIRA, Janete Maria de. A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças. In **Teologia e Espiritualidade**, v. 4, n. 8, Dez/2017. Curitiba, p. 144.

¹²² OLIVEIRA, Janete Maria de. A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças. In **Teologia e Espiritualidade**, v. 4, n. 8, Dez/2017. Curitiba, p. 157-8.

¹²³ Um aforismo é uma máxima ou sentença breve que dispõe uma regra ou princípio de conteúdo moral.

Humanidade [...] Ao fazer menção do termo “feliz” no prólogo do Sermão, Jesus rompe com um dos maiores paradigmas da humanidade: a de que se deve fazer coisas para adquirir esse bem supremo, a felicidade. Por ser esse bem tão importante, Jesus prendeu a atenção de seus discípulos para o que ele estava para ensinar. [...] “a aspiração pelas coisas do céu faz os cristãos felizes na terra.”¹²⁴

O debate sobre a felicidade era comum na Grécia Antiga. Já em Epicuro, que produziu suas reflexões quatro séculos antes de Cristo, emerge um filósofo na Antiga Grécia que também possuía riquezas, de onde muitos depreendem poder advir a felicidade. Mas Epicuro (os seus discípulos ficaram conhecidos como epicureus e aparecem em Atos dos Apóstolos (cf. 17.18) ensinava que a verdadeira felicidade estava na condição ou possibilidade de “ter” tudo aquilo que se possa ter e/ou gozar tudo aquilo que se possa gozar. O seu conceito de felicidade forneceu as bases para o pensamento hedonista (a filosofia que privilegia ou concorda com o prazer como determinante para o bem supremo). Essa ideia predomina em muitos países, especialmente nos grandes centros capitalistas, quer ocidentais, quer orientais.

Por outro lado, Diógenes, na mesma Grécia Antiga, que era um homem de poucas posses, não tinha propriedade e diz-se que morava ou dormia em um barril no mercado de Atenas. Diógenes, por seu turno, tinha um conceito de felicidade no extremo oposto de Epicuro.

Para Diógenes, quando questionado sobre a natureza da felicidade, respondeu que ela consistia em não ter nada daquilo que o mundo pudesse tirar de uma pessoa, e não desejar nada daquilo que o mundo não pudesse dar ao indivíduo. Sua explicação era simples para esse conceito. Se uma pessoa tem algo que o mundo pode tirar dela, então é possível perder a felicidade e se tornar infeliz. Do modo contrário, mas completando o raciocínio, se esse sujeito não deseja aquilo que o mundo não possa nos dar, então não somos privados da felicidade. Segundo a filosofia de Diógenes, a felicidade não consistia naquilo que a pessoa tem; pelo contrário, a felicidade de uma pessoa está no contentamento com aquilo que não tem ou, simplesmente, está em não ter.

Mas o tempo tratou de trazer uma nova tendência filosófica. Paganelli explica como pensavam os novos filósofos:

¹²⁴ OLIVEIRA, *ibidem*, p. 145.

Essa nova escola não se baseava no *ter* ou no *não ter*. Baseava-se no *ser*. Zenon ensinava isso. No mercado de Atenas, havia área coberta para os dias de chuva, e os discípulos de Zenon se reuniam nesse lugar chamado *esthoa* (*gr.* stoikos), de onde se originou o nome que identificava os discípulos de Zenon: estoicos. Zenon ensinava que a felicidade não consiste em *ter* um objeto (como ensinava Epicuro); a felicidade também não consiste em *não ter* nenhum objeto (como ensinava Diógenes). A felicidade consiste no *ser*. O conceito de felicidade, então, passa do objeto para o sujeito, transfere-se a ideia de felicidade do *ter* para o *ser*. A questão torna-se a seguinte: “Como é que o sujeito, isto é, o homem, se comporta em face do objeto presente ou do objeto ausente?” Zenon ensinava que a postura e o comportamento do homem em relação ao que tem ou ao de que está privado (ao que não tem) é mais importante do que qualquer outra coisa. Nisto consiste a felicidade, segundo os estoicos. Se o homem possui riquezas, mas sabe manter uma atitude equilibrada diante da riqueza ou, se o homem é pobre, porém, igualmente, sabe manter uma atitude de equilíbrio diante da sua, nisso consiste a felicidade.¹²⁵

Embora não possamos associar as ideias de Zenon às de Jesus ou à pedagogia de Jesus, a que parece o Mestre da Galileia também concorda que a felicidade ou bem-aventurança é uma virtude inerente ao ser, isto é, não consiste na posse ou desapego a elas. Ainda que não se esteja certo dos resultados de se conduzir as ideias de Zenon às últimas consequências, se isso não cairia a um humanismo radical ou exacerbado, em linhas gerais é possível visualizar certa analogia, evidentemente, dentro de cada proposta – uma filosófica e outra religiosa.

Oliveira considerou didático o recurso de Jesus colocar já no início de seu discurso a temática da felicidade. “Por mais que não se tem um registro dos planejamentos de ensinamentos de Jesus, percebe-se nitidamente em seus ensinamentos uma organização metodológica do que queria ensinar, isso reflete que de alguma forma seus ensinamentos foram didaticamente planejados”.¹²⁶ Ao fazer isso, ele colocar os termos nos devidos lugares, “desmistificando” o antigo e distorcido conceito de Reino, o que deu, ao mesmo tempo, um vislumbre aos cidadãos judeus sob domínio romano, das novas possibilidades que agora irrompiam no cenário de então.

¹²⁵ PAGANELLI, Magno. **Pai nosso, a oração que Deus responde**. São Paulo: Arte Editorial, 2006, p. 102-103. Ênfases no original.

¹²⁶ OLIVEIRA, Janete Maria de. A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças. In **Teologia e Espiritualidade**, v. 4, n. 8, Dez/2017. Curitiba, p. 157-8.

Note-se que Jesus colocou o termo feliz ou abençoado já de início, isso mostra Jesus, sendo apreciadamente didático. [...] Jesus precisava desmistificar o conceito real de felicidade no Reino de Deus, uma vez que a expectativa dos judeus sobre a vinda deste Reino, era somente material.”¹²⁷

Oliveira considera o recurso a um tema assim, a felicidade, cujo apelo é universal, um tópico da literatura sapiencial. Por certo, esse gênero literário lida com questões mais elevadas, existenciais e universais. Esse é o ponto na questão da autora. Ao fazer isso, colocar as bem-aventuranças no prólogo do seu discurso do Monte (e não se tem dificuldade em considerar que tivesse repetido ou recorrido em outras ocasiões a alguns dos temas dos capítulos de Mateus 5–7, tem-se que concordar que se tratava de um método de Jesus abrir, senão todos, mas boa parte de seus ensinamentos apelando a esse recurso.

Pode-se observar que Jesus foi estrategicamente didático ao utilizar a literatura sapiencial, Jesus mostrou aos seus aprendizes que as palavras eram profundas, eram palavras de vida e quem as proferia era sábio. Pois só após reflexões profundas se conseguia produzir e pronunciar fatos referentes à vida. Isso pode ser confirmado quando Jesus termina o Sermão do monte: “estavam às multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.”¹²⁸

Oliveira ao conduzir a disposição dos elementos de seu discurso nessa ordem, inclui os elementos necessários num contexto de ocupação e desesperança, o Mestre levou em “consideração [a] realidade contextual de seus aprendizes”, e isto fez “ao adotar uma literatura sapiencial”¹²⁹ que, como se indica, fala às necessidades existenciais do ser humano em geral. Mais do que isso, o judaísmo (bem como outras tradições antigas) reúnem farto e importante conteúdo dessa natureza. O livro mais antigo do cânon veterotestamentário, segundo se sabe, o livro de Jó, é parte do conteúdo sapiencial judaico.

Semelhantemente ao contexto da perícopé que se está analisando, o Sermão do Monte inclui, já no início, o anúncio do Reino dos céus, o que pode ser dado como indício a ser considerado como critério de Jesus ou método seu para os discursos que entregou à sua audiência;

¹²⁷ Idem, Ibidem, p. 146.

¹²⁸ OLIVEIRA, Janete Maria de. **A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças**, p. 147.

¹²⁹ Idem, Ibidem, p. 144.

[...] a primeira bem-aventurança é descrita como bem-aventurado os humildes ou pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus. Jesus mexeu com todos ao colocar a palavra “pobre” já de início, como condição para tomar parte do Reino de Deus, pode-se ver como Jesus foi incisivo e estratégico, pois tocou exatamente na raiz do problema.¹³⁰

Os pobres ou despossuídos da Judeia se viram na possibilidade de uma herança maior da que estava sendo tomada pelo Império. Como se está a apresentar, agora a posse da nova herança (o Reino) já não dependeria da boa vontade ou intervenção das autoridades judaicas, mas da própria condição em que estavam, qual seja, a pobreza.

Para Oliveira, “É muito provável que Jesus se dirigiu aos pobres financeiramente quando falou essas palavras, pois ele sempre declarou que veio para os pobres”.¹³¹ Não carece discutir mais esse cenário, já que se sabe que “o povo estava sob o domínio de um governo que cobrava altos tributos e os religiosos da época como eram isentos destes pagamentos nada faziam para mudar essa injustiça social”.¹³²

Horsley¹³³ acredita que ao menos 40% do rendimento dos camponeses e do povo em geral eram dedicados ao pagamento das exigências tributárias feitas pela dominação romana e pelas lideranças judaicas, notadamente a sacerdotal. Bost cita a estimativa de que “17% da renda eram dados por meio de dízimos, ofertas e caridade”.¹³⁴ Assim, soma-se os 10% do imposto monárquico mais a taxa romana e não é difícil chegar aos 40% que Horsley estima. “Mas, certamente não era somente da pobreza material que Jesus falara por isso Mateus escreve que são os “pobres de espírito”, mas da pobreza espiritual que como consequência desencadeia a pobreza material”.¹³⁵

Num ou outro caso, as palavras de Jesus fizeram sentido para o povo que respondeu com admiração e maravilhamento. Nisso, se apresenta a hermenêutica de Jesus, isto é, a aplicação de sua interpretação às necessidades prementes de seu povo, de seus ouvintes.

¹³⁰ Idem, *Ibidem*, p. 148.

¹³¹ OLIVEIRA, Janete Maria de. **A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças**, p. 148.

¹³² Idem, *Ibidem*, p. 148.

¹³³ HORSLEY, Richard A. e Hanson, John. **Bandidos, profetas e messias – movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 25-36.

¹³⁴ BOST, Bryan J. **Deus e o dinheiro**. São Paulo: Vida Cristã/Arte Editorial, 2007, p. 80.

¹³⁵ OLIVEIRA, *ibidem*. In **Teologia e Espiritualidade**, v. 4, n. 8, Dez/2017. Curitiba, p. 149.

Se o método de Jesus era dar esperança, conduzir seus ouvintes a um nível de abstração necessário à compreensão de uma nova e desconhecida realidade por vir (e que já chagava), além de iniciar seus discursos dando motivos para terem esperança, a sua hermenêutica era realista, mas não conformista, motivadora, mas não ilusória, focada nas necessidades e condições de vida e voltada a uma proposta de mudança de vida a partir da mudança de perspectiva.

Jesus queria pessoas transformadas, mas não transladadas. Ele queria homens e mulheres do mundo e para o mundo, no entanto, diferindo do mundo pelo modo de ver esse mesmo mundo como um local a ser modificado, transformado por meio de sua mensagem: “Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno”. (Jo 17.15)

Concluindo esta seção, se encontra concordância com Oliveira, a partir do estudo que fez do Sermão do monte, que Jesus tinha um método previsto e o aplicou:

a interligação e a sequência lógica com que essas virtudes são descritas nas bem-aventuranças é mais um sinal de que Jesus havia planejado didaticamente estes ensinamentos, pois suas estratégias e métodos o denunciam. A interligação mostra claramente que todas essas virtudes deveriam ser observadas por todos os que desejavam fazer parte do Reino de Deus.¹³⁶

Seguindo esse raciocínio, vimos como Jesus introduzia seus discursos, usava elementos do cotidiano de seus ouvintes, considerava seriamente o cenário socioeconômico e propunha mudanças por meio de uma transformação interior, a qual deveria refletir num comportamento e ações reais que, segundo a sua própria hermenêutica, eram a essência do Reino de Deus, o que não havia sido compreendido pelos mestres do seu tempo. Reside aí a sua autoridade e aquilo que o fez distinguir-se dos demais mestres:

Marcos não menciona o conteúdo do ensino de Jesus; mas podemos presumir que o versículo 15 o apresenta em linhas gerais. Marcos enfatiza, no entanto, que o ensino de Jesus contrastava com o dos escribas por causa da autoridade com que ele ensinava. Esses mestres da lei (os escribas) não davam respostas diretas; limitavam-se a fazer citações de fontes

¹³⁶ OLIVEIRA, Janete Maria de. A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças. In **Teologia e Espiritualidade**, v. 4, n. 8, Dez/2017. Curitiba, p. 158.

rabínicas. Eles diluíam as Escrituras com suas tradições. Jesus, entretanto, ensinava com a contundência da autoridade divina.¹³⁷

2.5 O antagonismo e a rivalidade entre o ensino de Jesus tido como da Galileia e os Mestres da Judeia.

“Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando as boas novas do Evangelho (Mc 1.14). Assim como Lucas, que relata inúmeras citações de autoridades e determinados períodos históricos, Marcos também traz para o seu texto o registro temporal - depois que João foi preso - e geográfico - Jesus foi para a Galileia. Ao estabelecer a hora e o lugar, o autor torna claro que o ministério de Jesus é assunto de registro histórico.¹³⁸

Importa-nos aqui a delimitação geográfica do trabalho ministerial de Jesus. A “Galileia identifica a região que dominará a metade do livro (1.14-8.26)”, além do que, no “final de Marcos (16.7), o Jesus ressurreto determina que seus discípulos o sigam de Jerusalém para a Galileia”.¹³⁹

Marcos sinaliza que Jesus está na Galileia e *κηρυσσω* (proclama) o Evangelho. Ao longo do texto ele repetirá isso, como em 1.39, 4.1,3-8 e 6.6b; o mesmo diz para que façam os seus seguidores (3.14; 6.12).¹⁴⁰

A Galileia não tem tradição de ensino nem de dar à nação grandes nomes, quer do ensino, quer do profetismo. “Perguntou Natanael: ‘Nazaré? Pode vir alguma coisa boa de lá?’” (Jo 1.46). Com Jesus essa situação tem o seu eixo mudado. Mulholland atribui parte dessa situação à expectativa criada pela pregação de João Batista. Em um cenário tal como vimos, de uma situação socioeconômica precária, de oscilação entre ânimos acirrados e desânimo sobre o futuro, Israel vive a ansiedade da espera por um libertador.

A esperança, obviamente, é algo para o futuro e este é incerto. As expectativas podem se cumprir, como pode ser que não aconteça nada. João Batista “acende a esperança de que a intervenção divina está próxima. Como

¹³⁷ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos, introdução e comentário**, trad. Maria Judith Prado Menga; Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p. 45-6.

¹³⁸ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos, introdução e comentário**, trad. Maria Judith Prado Menga; Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p. 39.

¹³⁹ Idem, *Ibidem*, p. 39.

¹⁴⁰ Idem, *Ibidem*, p. 39.

resultado disso, muitas pessoas estão preparadas para a vinda do Prometido, convencidas de que Deus está prestes a cumprir sua promessa a seu povo”.¹⁴¹

Diferenciando-se dos demais mestres de Israel, concentrados que estavam em Jerusalém, nos arredores do templo, o centro oficial da religião judaica, a mensagem de Jesus encontra eco numa população faminta não somente de pão, mas de esperança e perspectiva. “Jesus respondeu-lhes e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que visteis, mas porque comestes do pão e vos saciastes”. (Jo 6.26)

O tempo chegou, diz Jesus, e o reino de Deus veio com ele. Há sinais que estão sendo dados, algo diferente daquilo que integrava o ensino dos demais mestres, obcecados que estavam pela reafirmação de seus comentários e a manutenção do seu *status*. O acesso a essa nova maneira de interpretar a Escritura e o acesso aos benefícios dos sinais, quer por meio de curas, quer pela possibilidade de pão e peixe multiplicados vinha pelo arrependimento: “arrependei-vos, e crede no evangelho”.

Essa mensagem contém duas frases com verbos no modo indicativo e duas no imperativo. Com os indicativos, Jesus declara a existência de certas realidades criadas por Deus que demandam (imperativos) certas respostas daqueles que as ouvem (ou lêem).¹⁴²

A essência da mensagem de Jesus, e a resposta que ela requer das pessoas, é preservada no versículo 15. O autor, agora, ilustra o significado da mensagem de Jesus nas vidas de homens e mulheres que têm um encontro com ele.¹⁴³

Proposições assim não era feitas pelos escribas, fariseus e mestres da Lei em Israel. Jesus, segundo Mulholland, tornou realidade o que os profetas anunciaram, culminando com a mensagem do Batista. “Deus invade a história na pessoa de Jesus para redimir aqueles que estavam separados dele”.¹⁴⁴

Com isso, Jesus leva os seus ouvintes a darem um passo à frente. Ao arrependimento é acrescentada a necessidade de fé, que Jesus identifica em seus próprios discípulos. Haja vista Pedro andar sobre as águas e os demônios se submeterem aos discípulos enviados: “Os setenta e dois voltaram alegres e

¹⁴¹ Idem, Ibidem, p. 40.

¹⁴² MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos, introdução e comentário**, trad. Maria Judith Prado Menga; Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p. 40.

¹⁴³ Idem, Ibidem, p. 43.

¹⁴⁴ Idem, Ibidem, p. 40.

disseram: 'Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome' (Lc 10.17)." A ideia de fé no evangelho de Marcos não é uma ideia abstrata, mas significa vida debaixo do domínio de Deus. Isso esclarece que as boas novas de Deus confrontam cada pessoa com sua decisão de submeter-se a ele ou continuar a controlar sua própria vida."¹⁴⁵

Jesus trouxe o Reino para homens e mulheres, indistintamente, além das crianças aspectos importantes rigorosamente rejeitado pelos demais mestres do sul, da Judeia. Note-se como, aos poucos, todo aquele que estava excluído dos objetivos integrais dos mestres da Judeia são acolhidos pelo mestre galileu. Embora não seja a manifestação plena do Reino, está em pauta uma nova condição para o relacionamento com Deus, um encontro com Ele e uma nova experiência religiosa por meio da aceitação dessa mensagem que se mostra pautada e amparada pela autoridade profética mais ampla do Antigo Testamento e que, hermeneuticamente, cala fundo aos corações áridos e sedentos do povo.

Por fim, um destaque para o trabalho pedagógico de Jesus na Galileia na formação de discípulos. Mulholland sugere uma divisão tripartite para a formação dos discípulos, e associa os três estágios "as três divisões (Mc 1.14-8,26), nas quais Marcos relata o ministério de Jesus na Galileia".¹⁴⁶

"Nesta primeira metade do evangelho, Marcos retrata a formação do discípulo em três estágios: Jesus convida os quatro pescadores para segui-lo (1.16-20), ele separa os doze (3.13-19) e os envia numa missão (6.6b-8. 26). Esses três estágios caracterizam a ênfase no discipulado que perpassa as três divisões (1.14 - 8.26), nas quais Marcos relata o ministério de Jesus na Galileia".

Seu argumento para defender essa posição se apoia no fato de que o relacionamento de Jesus com eles é radical a tal ponto de ter precedência sobre os laços familiares.

As palavras de Jesus aos pescadores contêm um imperativo ("Siga-me") e uma promessa ("E eu os farei pescadores de homens"). Sua autoridade expressa nessa ordem, não elimina a vontade de homens e mulheres, mas os confronta com uma decisão. Ele assume a responsabilidade de fazer deles o que é

¹⁴⁵ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos, introdução e comentário**, trad. Maria Judith Prado Menga; Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p. 40.

¹⁴⁶ Idem, *Ibidem*, p. 43.

o seu propósito. “Eu os farei” é algo condicional; é uma promessa generosa, mas limitada àqueles que o seguirem.¹⁴⁷

Esse fundamento de esperança e mudança fornecido por Jesus, as palavras com autoridade que proferiu, os sinais que confirmam sua proposta, a possibilidade de um *εσχάτων* ou chegada do Reino vislumbrada, a resposta aos anseios mais imediatos de seus ouvintes, somado ao confronto e derrota que impõe aos mestres oficiais que eram conhecidos, mas que agora são humilhados, afrontados e desmascarados, tudo isso compõe o quadro que confere a Jesus o perfil incomparável em relação aos mestres da Judeia.

O seguidor não sabe de tudo que está envolvido no processo; ele entenderá somente à medida em que seguir. Não se trata de envolvimento num programa; não é aderir a uma causa, movimento ou instituição; nem seguir uma lista de regras. É, na verdade, devoção pessoal a Jesus. “Siga-me” é a primeira e, também, a última palavra de Jesus a seus discípulos.¹⁴⁸

Nada disso estava nos planos dos mestres do tempo de Jesus. Além dos elementos destacados no parágrafo anterior, houve a adesão das populações, que os outros evangelistas chamam de “multidões” que o seguiam (cf. Mt 19.2, Lc 9.11). Quer da Galileia em um primeiro momento, quer da própria Judeia na parte final de seu ministério (ainda que parte dessa multidão o seguisse por pão ou não fosse fiel, como no episódio do pedido pela crucificação, os mestres da Judeia viram a sua autoridade e privilégios que isso conferia sendo comprometidos.

Tudo isso se somou para que a rivalidade entre esses atores se acirrasse de maneira tal que os rumos da religião no país tomaram outra direção. A fé cristã, inicialmente vista como um ramo ou seita do próprio judaísmo, se tornou objeto de projeção mundial nos séculos que se seguiam.

¹⁴⁷ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos, introdução e comentário**, trad. Maria Judith Prado Menga; Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p. 44.

¹⁴⁸ Idem, *Ibidem*, p. 44.

3º CAPÍTULO: OS DISCÍPULOS DE JESUS COMO APRENDIZES

No primeiro capítulo, procedeu-se um estudo do Evangelho segundo Marcos 1.21-22, onde se realizou uma análise sob diferentes perspectivas a fim de estabelecer-se um ponto de referência que norteasse as considerações que seriam levadas em conta no desenvolvimento da pesquisa.

O capítulo anterior, concentrou-se nas questões didáticas da pedagogia de Jesus e os inúmeros desdobramentos que o seu surgimento e a práxis de seu método pedagógico provocaram no cenário mais amplo da sociedade judaica do período.

Discorreu-se neste capítulo, sobre a atividade educacional nos tempos de Jesus, sobre o conceito de discípulo e a quais pessoas se aplicavam a tal tarefa, isto é, as classes e grupos que mais se destacavam no cenário religioso, bem como político e social. A atividade ou o exercício do discipulado destinava-se a pessoas as mais diversas, como se nota na leitura dos Evangelhos, pessoas de alta posição na hierarquia social de Israel, bem como a pessoas do povo, aos “não iniciados”.

Desse modo, o percurso que traz ao presente capítulo visou preparar um cenário mais robusto dos pontos de vista exegético e histórico, para se possa compreender quais foram as características e evoluções percebidas pelos discípulos imediatos de Jesus.

Assim, o discipulado permeava e influenciava todas as áreas sociais da nação, cujo amálgama ainda hoje é notável. Diferentemente do cristianismo, o judaísmo, como também o Islã, não distinguem vida religiosa de vida laica. Essa distinção mais acentuada entre vida religiosa e vida civil (laica) é distintiva da Reforma Protestante no século XVI, ainda que alguns reformadores tivessem produzido suas reflexões teológicas sobre o papel e a presença do cristão na sociedade mais ampla (portanto laica), além dos muros do monastério e das universidades.

Quando se investiga os traços da pedagogia de Jesus nos Evangelhos, especialmente no recorte textual de Marcos 1, destaca-se o contraste apontado pelos ouvintes imediatos dos ensinamentos de Jesus em relação aos demais mestres em Israel. Segundo aqueles ouvintes, os mestres de Israel não ensinavam como

tendo autoridade, portanto, Jesus não ensinava como os mestres da lei (cf. Mt 7.29). O ensino de Jesus inovou, trazendo, por certo, resultados distintos.

A partir dessa constatação, procurou-se verificar a fonte de tal autoridade e como ela se fazia notar na mudança ocorrida na vida dos seus discípulos. Indutivamente, evidenciou-se certa fraqueza dos mestres da lei nesse aspecto, qual seja, a falta da autoridade, o que se desdobra em fraco impacto provocado nas pessoas. Apontou-se as razões para essa questão e se pode identificar, como consta do capítulo anterior.

Viu-se elementos constantes nos discursos de Jesus ao proceder a análise das formas. Assim como a presença das *χρεία* (sign. grego é “uso”), uma historieta sobre determinado personagem. Ficou observado que Jesus lançava mão de parábolas e sermões em sua pedagogia, onde os três elementos essenciais para que se estabelecesse a persuasão estavam presentes: o orador, o auditório e o discurso. Por fim, Jesus se valeu das técnicas usuais para elevar o seu nível de persuasão, ainda que não se possa afirmar com segurança que tivesse tido contato com as escolas gregas onde tais técnicas eram por demais avançadas em seu tempo.

Em decorrência dessas análises, obrigatoriamente tocou-se na questão do método e, especialmente, da hermenêutica de Jesus, talvez o ponto de maior divergência com os mestres contemporâneos seus. Indicou-se como a hermenêutica de Jesus se diferenciava ao considerar a aplicação de sua interpretação às necessidades prementes de seu povo, isto é, de seus ouvintes.

O seu método implicava em dar esperança, em conduzir seus ouvintes a um nível de abstração necessário à compreensão de uma nova e desconhecida realidade por vir (e que já chagava), e costumeiramente iniciava as suas preleções exaltando a possibilidade da esperança em qualquer que fosse o cenário em que o povo estivesse imerso. Assim, a hermenêutica de Jesus era realista, motivadora e focada nas necessidades e nas condições de vida dadas, propondo mudança da experiência humana a partir da mudança de perspectiva que seus discursos e sermões entregavam.

Tudo isso foi suficiente para provocar a ira dos mestres de seu tempo, os quais se mostraram antagônicos aos ensinamentos de Jesus, o que gerou uma rivalidade entre os dois grupos no que se refere a interpretação das escrituras: o da Galileia, de onde viera Jesus e os apóstolos – com exceção de Judas

Iscariotes – e os líderes religiosos da Judeia, onde estava concentrado a maioria dos grandes nomes do pensamento religioso judaico de seu tempo.

Atendo-se a este presente capítulo, o olhar da pesquisa se voltará para os discípulos de Jesus na condição de aprendizes. Nesta direção se distanciará, ainda que sensivelmente, do Mestre Jesus na busca por uma aproximação maior daqueles que receberam seus ensinamentos, bebendo de uma fonte que ainda hoje faz jorrar a água que sacia a sede espiritual e existencial de milhões de pessoas ao redor do planeta.

Desta forma, alguns questionamentos orientarão o presente trabalho nesta parte da pesquisa. Assim como procurou-se identificar qual era o conceito de mestre à época, se quer saber qual o conceito de discípulo nos tempos de Jesus. Uma vez que se tratará dos discípulos, deve-se perguntar como se deu o chamamento dos doze. Se no capítulo anterior concentrou a atenção nos elementos da pedagogia de Jesus, agora se quer saber quais elementos fizeram parte do treinamento discipular daquele seletivo grupo de doze homens.

Sendo perene o resultado obtido durante aqueles cerca de três anos e meio de intenso treinamento, quais os resultados desta aprendizagem foram observados e registrados pelo evangelista Marcos e os demais, caso possam dar alguma contribuição. E, por fim, se quer indagar sobre o legado deixado por Jesus e seus discípulos, o qual perdura há dois mil anos da história, especialmente no Ocidente.

3.1 Qual o conceito de discípulo na época de Jesus

No capítulo anterior foi feita uma comparação entre Jesus como quem ensina frente aos mestres de seu tempo, visando compreender a perícopa à luz do contexto pedagógico em que Jesus e seus discípulos estiveram imersos. Agora, se direcionará a atenção para uma comparação entre os discípulos desses mestres.

Os discípulos dos mestres judaicos do tempo de Jesus eram chamados de *talmidim*. A palavra hebraica *talmidim* traduzia a ideia de discípulo e indicava “aqueles que seguiam algum mestre específico e seu pensamento”.¹⁴⁹

¹⁴⁹ NORMAN, Russell Champlin. **Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia**. v. 2. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 181.

O Novo Testamento, talvez pela influência da língua usada internacionalmente, o grego, e sua riqueza vocabular e literária, teve diferentes termos usados para indicar o conceito de discípulo. Uma delas, que se assemelhava relativamente ao conceito judaico de *talmidim*, era *ἀκολουθέω*. A palavra significa “seguir” e “indica ação de um homem que responde a um chamado, e cuja vida recebe novas diretrizes em obediência a quem o chama”.¹⁵⁰ No caso, Jesus corresponde ao rabi da tradição judaica.

Para Brown, o principal vocábulo grego aproveitado pelos autores do novo Testamento é *μαθητής*. Conforme afirmou-se no parágrafo anterior, “a ideia teve origem na Grécia, quando um aluno se unia a um mestre a fim de adquirir conhecimento teórico e prático. Emprega-se este termo – *μαθητής* – para indicar total devoção a alguém, no discipulado”.¹⁵¹

Sousa, oferece seu entendimento na aplicação do conceito de discípulo no Novo Testamento:

[...] um discípulo é a pessoa que está vivendo um bom relacionamento com aquele que o está discipulando. Essa compreensão nos faz entender que a palavra discípulo não sugere que há uma transformação rápida do indivíduo, mas sim a existência de um processo lento, mais seguro da formação de um verdadeiro discípulo.¹⁵²

Brown, complementa este mesmo entendimento contribuindo para o conceito sobre um *μαθητής*, informando o que se seguiu:

Um homem é chamado de ‘*mathetēs*’ quando se vincula a outra pessoa para adquirir seu conhecimento prático e teórico. Pode ser um aprendiz num ofício, um estudante de medicina, ou membro de uma escola de filosofia. Somente se pode ser um *mathetes* na presença de um *didaskalos*, um “mestre” ou “professor”, a quem o *mathetes*, desde os dias dos sofistas, tinha de pagar emolumentos, de modo geral. Uma exceção óbvia é quando *mathetes* se refere à dependência espiritual de um pensador que já havia morrido bem antes.¹⁵³

¹⁵⁰ BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1651.

¹⁵¹ Idem, *Ibidem*.

¹⁵² SOUSA, Jhonathan James de. **O discipulado numa perspectiva bíblica, teológica e pastoral** [dissertação em Teologia]. São Leopoldo: EST/PPG, 2016, p. 25.

¹⁵³ BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 581-2.

Brown amplia o entendimento sobre o termo, ao dizer que μαθητής é alguém que ouviu a chamada de Jesus e se torna seu seguidor, construindo por meio do conhecimento prático e teórico sua vinculação ao Mestre.¹⁵⁴

Embora se dê muita atenção ao discipulado nas últimas décadas (haja vista o surgimento de um segmento literário que atende a essa demanda, além de programas aplicados pelas diferentes igrejas, eventos, palestras etc.), a ordem para “fazer discípulos” (cf. Mt 28.19), não é frequentemente utilizada no Novo Testamento. Em contrapartida, a palavra “discípulo”, tanto no singular como no plural, pode ser encontrada inúmeras vezes, especialmente nos Evangelhos e em Atos”.¹⁵⁵ Sendo mais específico, contabiliza-se 264 ocorrências no Novo Testamento e a maior parte está justamente nos evangelhos e Atos”,¹⁵⁶ sendo que apenas em Marcos há 46 utilizações.

Canellato também segue na mesma direção de Brown, de que “o termo grego usado para discípulo no texto é μαθητής [...] que significa: aprendiz, aluno, pupilo ou discípulo – alguém que se dispõe a ser treinado por um mestre, que se deixa ser ensinado por outro.”¹⁵⁷

Ainda sobre discípulo, Bosch informa que “esse é, na verdade, o único nome dado aos seguidores de Cristo nos evangelhos”.¹⁵⁸

Danove, dá uma contribuição para a presente pesquisa ao abordar a situação dos dois grupos de discípulos, um grupo menor formado por Jesus, e outro grupo maior que, aparentemente, seguia-o por conta própria. Danove informa-nos, a partir do próprio Evangelho segundo Marcos, que:

Jesus constitui dois grupos de personagens em relacionamento positivo indireto com ele. O grupo maior, referenciado pela designação mathtai (discípulos), é constituído através do convite de Jesus para ir atrás (deute opisw, 1:17) ou segui-lo (akolouθew, 2:14) e através de sua resposta de partida (aãfíhmi) seu trabalho (1:18,20) e família (1:20) e seguintes (okolouθew, 1:18; 2:14) ou indo atrás (1:20) de Jesus.²⁶ Este grupo é distinto deduzido pelo fato de que, enquanto Jesus fala a todos os outros por parábolas, ele explica todas as coisas aos designados por

¹⁵⁴ Idem, Ibidem, p. 578.

¹⁵⁵ SOUSA, Jhonathan James de. **O discipulado numa perspectiva bíblica, teológica e pastoral** [dissertação em Teologia]. São Leopoldo: EST/PPG, 2016, p. 14.

¹⁵⁶ Idem, Ibidem, p. 24.

¹⁵⁷ CANELLATO, Fabio. Reflexão sobre as características do discipulado adotado por Jesus. In **Revista Ensaios Teológicos**, v. 3, nº 2, Dez/2017, Faculdade Batista Pioneira, p. 61.

¹⁵⁸ BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigmas da teologia da missão**. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014. p. 101-102.

maθhtaií (4:34). Jesus também faz (3:14,16) um grupo menor, referenciado pela designação [oií] dwdeka (os doze), de membros nomeados para que possam estar com ele e ele possa enviá-los (apostellw)) a proclamar (khrussw, 3:14) e ter autoridade (ecousia), para expulsar (ekballw, 3:15) demônios.¹⁵⁹

Sobre o grupo, o menor, Danove ainda aponta as seguintes distinções:

Jesus também fez (3.14,16) um grupo menor, designado [Oi] dw/deka (os doze) membros nomeados para que eles estivessem com ele e ele pudesse enviá-los (aápostellw) e proclamar (khússsw, 3:14) e terem autoridade (ecsouaia) para expulsar (ekbaállw, 3:15) demônios. Jesus também designou este grupo menor como aápostelloi (apóstolos), o que destaca o que os assim designados fazem quando enviados (cf. 6:30). Aqueles designados como dw/deka e aápostelloi são distintos daqueles designados como maθhtai por ações específicas (proclamar, expulsar, curar e ensinar) e atributos (ter autoridade e ser enviado). O grupo menor, entretanto, é composto de membros do grupo maior (Simão, André, Tiago e João, 3:16-18; cf. 1:16, 19); aqueles designados por dw/deka retêm sua designação por maθhtai (cf. 8.27-29; 10.23-28 com respeito a Pedro).¹⁶⁰

Em seu artigo sobre “O modelo mestre-discípulo/a de Jesus e seu movimento”, Carvalho diz que a razão para a existência do mestre e a manutenção ou continuidade de sua função na sociedade era necessidade de se explicar as Escrituras, o que remete ao ensino como uma das principais atribuições do mestre, ao menos ao olhar do pesquisador e possivelmente das fontes pesquisadas por ele. Decorre daí que ...

[...] ao discípulo era confiada a missão de falar o que ouviu do mestre (Is 50.4). O discípulo deveria se moldar ao mestre, prestar-lhe obediência e jamais contestá-lo. Deveria escutar seu mestre para onde ele fosse e para isso, moraria na cidade do mestre; a conduta irrepreensível do discípulo conquistaria o bem querer de seu mestre.¹⁶¹

A implicação desse aspecto ultrapassa o simples processo educacional do atual sentido “educação bancária”, já que nos dias de Jesus (bem como antes

¹⁵⁹ DANOVE, Paul L. The Rhetoric of the Characterization of God, Jesus, and Jesus' Disciples in the Gospel of Mark. In **Journal for the Study of the New Testament**, Supplement Series, 290. T & T Clark International, New York, 2005, p. 101-102.

¹⁶⁰ DANOVE, Paul L. The Rhetoric of the Characterization of God, Jesus, and Jesus' Disciples in the Gospel of Mark. In **Journal for the Study of the New Testament**, Supplement Series, 290. T & T Clark International, New York, 2005, p. 102.

¹⁶¹ CARVALHO, J. Jairo de. O modelo mestre-discípulo/a de Jesus e seu movimento. In **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, v. 25, maio-ago-2011. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdades EST, p. 100.

disso) “o estudo da *Torah* deveria ser feito comunitariamente. Portanto, para o discípulo, a atividade pedagógica mestre-discípulo não se limitaria somente a aprender do mestre, mas também servi-lo”.¹⁶² É um modelo de aprendizado em que o discípulo deveria demonstrar por palavras e atos a sabedoria que modificava radical e diariamente o seu comportamento, o que era observado por seu mestre e poderia ser notado por aqueles que eventualmente estavam por perto, na vizinhança, nos ambientes religiosos, no serviço cotidiano.

“Ser discípulo de um mestre era como nascer de novo. A relação mestre-discípulo era como a relação pai-filho, dessa relação brotava nova vida”.¹⁶³ O mestre, nesse caso, é retratado na figura do pai, o que evocava a presença de Deus, e “a imitação do mestre pelo discípulo (filho) perpetuaria esta presença”.¹⁶⁴

Essa “imitação do mestre” sugere que “o papel do discípulo é determinado pelo escopo da vocação”, que é “estar com Jesus para compartilhar seu destino e sua missão (3.14)”.¹⁶⁵ Nisso entendemos o nível de envolvimento e identificação do discípulo com a pessoa do mestre e como “o discípulo é um homem totalmente comprometido com Jesus e, com ele, empenhado no anúncio do Reino não só com palavras, mas com uma opção de vida”.¹⁶⁶

Fabris e Barbaglio consideram que disso derivam duas condições para ser discípulo, ao menos segundo as condições existentes no quadro de referência imediato de Jesus: “a plena liberdade em relação ao passado, aos vínculos e ligações de parentesco (3.13-35) e à propriedade; a pobreza como disponibilidade à missão (cf. 6.8-11; 10.23-30)”.¹⁶⁷ A essa segunda condição, acrescenta-se as considerações de Madureira, uma vez que a pesquisa conduz para a relação existente em ambos os enfoques:

Quando falamos de ‘custo’ [do discipulado], referimo-nos à capacidade que temos de calcular perdas e ganhos com vistas a uma tomada de decisão. Entendo por ‘decisão’ toda e qualquer

¹⁶² Idem, *Ibidem*, p. 100.

¹⁶³ Idem, *Ibidem*, p. 100.

¹⁶⁴ Idem, *Ibidem*, p. 100.

¹⁶⁵ FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os Evangelhos I**; trad. Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio, col. Bíblica Loyola 1. São Paulo: Loyola, 2014, p. 541.

¹⁶⁶ FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os Evangelhos I**; trad. Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio, col. Bíblica Loyola 1. São Paulo: Loyola, 2014, p. 541.

¹⁶⁷ FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os Evangelhos I**; trad. Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio, col. Bíblica Loyola 1. São Paulo: Loyola, 2014, p. 541.

situação em que, não importa qual seja a escolha, haverá perdas e ganhos. Nesse caso, calcular o custo.¹⁶⁸

E qual seria, ainda no contexto imediato da escolha dos doze, esse custo que os discípulos de Jesus deveriam considerar e arcar com ele? Para Madureira, Jesus responde a essa pergunta em Lucas 14.26-33.

Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo. E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo. Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la? Pois, se lançar o alicerce e não for capaz de terminá-la, todos os que a virem rirão dele, dizendo: ‘Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar’. Ou, qual é o rei que, pretendendo sair à guerra contra outro rei, primeiro não se assenta e pensa se com dez mil homens é capaz de enfrentar aquele que vem contra ele com vinte mil? Se não for capaz, enviará uma delegação, enquanto o outro ainda está longe, e pedirá um acordo de paz. Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo.

Com base nesse texto, Madureira enxerga três demandas que o ato de seguir Jesus pressupõe:

1. um certo tipo de amor;
2. um certo tipo de sofrimento;
3. um certo tipo de desapego.

E conclui:

No discipulado, essas três demandas não podem ser preteridas. Isso significa que a ausência de uma delas desqualifica o discipulado. [...] Em todos esses versículos, os motivos que impedem o discipulado ou o ato de seguir Jesus estão explícitos. A chave para encontrar esses motivos está na conclusão dos versículos: “não pode ser meu discípulo”. Quem não pode ser discípulo? Todo aquele que prescindir de qualquer uma das três demandas indicadas por Jesus.¹⁶⁹

Por sua vez, Kunz sugere três motivos pelos quais os doze foram chamados:

¹⁶⁸ MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 18.

¹⁶⁹ MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 18.

- a) Para ficar com Jesus. O v. 13 afirma que “ele os chamou para si mesmo” e o v. 14 diz que foi para que “estivessem com ele”.
- b) Para pregar.
- c) Para exercerem autoridade para expulsarem demônios.¹⁷⁰

É assim que Jesus identifica os potenciais discípulos, os doze, e os chama para o seguirem. A iniciativa é de Jesus, ao menos em oito vezes, segundo Pohl (3.13,23; 6.7; 7.14; 8.1,34; 10.42; 12.43). O autor ainda enfatiza que Jesus chamou “os que ele mesmo quis”, o que destaca o seu senhorio completo e colocam a seu serviço aqueles a quem chama, e ele chamou a quem “ele mesmo quis”. Pohl toma como exemplo dessa manifestação de sua soberania, por assim dizer, a passagem de João 15.16, em que Jesus destacou que “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros”. No Evangelho segundo João quem é chamado passa a chamar, isto reforça o fato de que o ato do chamamento não ficou exclusivo a Jesus, mas se estendeu ao cristianismo.

Esse traço do chamamento de Jesus difere e distingue a sua proposta no fato de que os rabinos de seu tempo dependiam da procura pelos jovens discípulos aos rabinos mais prestigiados. Só então, os rabinos faziam a seleção daqueles contemplados. Em pelo menos uma ocasião, Jesus rejeita a intenção de um possível candidato, como lemos em Marcos 5.18-19:

Quando Jesus estava entrando no barco, o homem que estivera endemoninhado suplicava-lhe que o deixasse ir com ele. Jesus não o permitiu, mas disse: “Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você”.

E Pohl conclui a esse respeito, traçando uma interessante relação com o chamado paradigmático de Moisés, no Êxodo:

Ele chama a si os que ele quer. Seu chamado vem da última instância, a divina (cf 1.40s). Deus quer porque quer. Ele é bondoso com quem ele quer ser bondoso. Isto nos leva de novo à revelação de Deus na época de Moisés (Êx 33.19). Com isto não queremos perder de vista o mundo de amor que há nesta escolha soberana. Certamente se trata de um amor que toma posse, mas um amor tão autêntico que não reprograma o jovem

¹⁷⁰ KUNZ, Claiton André. A ação parabólica da escolha dos doze (Mc 3.13-19), in **Revista Batista Pioneira**, v. 3 n. 1, junho/2014, p. 24-25.

rico em 10.21s à força, antes este pode recusar-se-lhe e ele o deixa ir embora.¹⁷¹

A proposta de liberdade feita por Jesus (“E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”, Jo 8.32), ainda que no exercício do serviço ao Mestre, aparenta um paradoxo que pode ser facilmente resolvido na espontaneidade do discípulo, antecipada nas palavras de Jesus quando disse: “Se alguém *quer* vir após mim.” Assim pode-se impetrar que o discípulo tem opção entre dedicar sua vida ao seguimento de Jesus ou recusar de fazer.

3.2 Em que contexto se deu o chamamento dos doze

Andando à beira do mar da Galileia, Jesus viu Simão e seu irmão André lançando redes ao mar, pois eram pescadores. E disse Jesus: “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens”. No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram. (Mc 1.16-18)

A opção de Jesus por ter um grupo fechado de discípulos e com eles trabalhar, moldá-los e enviá-los a realizar sua missão pode ter alguma relação, como se especula, com as doze tribos de Israel no Antigo Testamento. Se for assim, Jesus estaria reproduzindo algum entendimento de que se tratasse de um número que remetia à completude ou algo do tipo.

Doze homens comuns, como sugere o título de um recente livro de John MacArthur, publicado no Brasil, foram chamados por Jesus (Lc 6.13-16). O estudo dos números na Bíblia é vasto e o número doze não é de menor importância no contexto desses estudos. Aqui, quer-se apenas mencionar o fato de que o chamado realizado por Jesus para esses discípulos também toca nesse aspecto do mundo bíblico em que esse número aparece e se repete.

Havia doze tribos em Israel, o calendário está dividido em doze meses, o dia tem doze horas, como também a noite. Jacó teve doze filhos, bem como Ismael, seu irmão, que também gerou doze príncipes. Doze foram os espias da terra, havia doze pedras no peitoral do sacerdote e o memorial da travessia do Jordão tinha doze pedras tiradas do fundo do rio.

Fora do mundo bíblico de Israel, o número não recebeu menor importância:

¹⁷¹ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 133-134.

A epopeia de Gilgamesh está dividida em doze tábuas; o templo de Marduc em Babilônia tinha doze pórticos. Os egípcios atribuíram ao sol, correspondendo ao seu curso diário de 12 horas, doze diversas formas de aparecimento; o mundo subterrâneo foi dividido em doze regiões. Em várias religiões antigas, eram doze o número dos deuses; em Atenas o altar dos doze deuses no mercado era considerado o ponto central da cidade. A Lei das Doze Tábuas constituía a base do Direito Romano.¹⁷²

Há outras ocorrências, dentro e fora das Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Em linhas gerais, já se pode assumir o aspecto de totalidade que o número carrega, como alguns autores defendem, entre eles o próprio Kunz,¹⁷³ como já citado.

É preciso destacar o que é feito dos doze. Kunz pontua que em Marcos 1.14, a despeito do verbo usado em várias traduções ser “nomear”, “designar” ou “escolher”, o original – ποιέω – traz o significado básico de “fazer”. A tradução proposta é “e ele fez os doze”, cuja associação com Gênesis 1.1 carrega mais um sentido de novo começo ou nova criação: “No princípio, Deus fez o céu e a terra”. Corroborando com esta ideia, Kunz menciona a observação de Bortolini de que Marcos usou a Septuaginta, onde o verbo utilizado em Gênesis – ποιέω – e o verbo utilizado em Marcos são os mesmos.

Pohl e Guelich¹⁷⁴ destacam o fato de o chamado dos doze ter se dado em um monte, o que para Pohl tem implicações teológicas:

Jesus subiu a um monte e chamou a si aqueles que ele quis, os quais vieram para junto dele. Escolheu doze, designando-os como apóstolos, para que estivessem com ele, os enviasse a pregar e tivessem autoridade para expulsar demônios. Estes são os doze que ele escolheu: Simão, a quem deu o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que significa filhos do trovão; André; Filipe; Bartolomeu; Mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Tadeu; Simão, o zelote, e Judas Iscariotes, que o traiu. (Mc 3.13-19)

Prigent faz uma consideração sobre o número de discípulos e a divisão dos mesmos em dois grupos, um maior e esse da citação anterior, o menor:

¹⁷² LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**, trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993, p. 82, apud KUNZ, 2014, p. 17.

¹⁷³ KUNZ, Claiton André. A ação parabólica da escolha dos doze (Mc 3.13-19), in **Revista Batista Pioneira**, v. 3 n. 1, junho/2014, p. 21-22.

¹⁷⁴ GUELICH, Robert A. **Mark 1:1-8:26**. Nashville: Thomas Nelson, 1989, p. 156, apud KUNZ, 2014, p. 17.

Um texto atesta a existência de um grupo maior: Lucas sabe que “o Senhor designou outros setenta e dois discípulos e os enviou dois a dois adiante dele a todas as cidades e localidades para onde ele deveria ir”. Os manuscritos hesitam aqui entre setenta e dois e setenta, mostrando assim a dependência de Gênesis 10, onde o texto hebraico conta setenta povos na terra, enquanto a tradução grega lista setenta e dois.¹⁷⁵

Quanto ao monte de Marcos 3.13, ele não é nomeado pelos evangelistas, o que pode demonstrar que a intenção do registro estava no acontecimento e não no local. Ainda assim, é possível assumir que o monte ficasse próximo ao “mar” (Mc 3.7), onde Jesus esteve instantes antes, seguido por uma grande multidão da Galileia. O mar, então, é o Mar da Galileia, em cujas margens estavam algumas cidades, como Cafarnaum, onde havia estava a sinagoga em que Jesus principiou seu ministério.

Quanto às implicações teológicas que Pohl enxerga no fato de a escolha ter se dado “no monte”, ele vê uma tentativa de associação com o chamado da Lei no Monte Sinai para que o povo recém-saído do Egito obedecesse a Deus.¹⁷⁶ Pohl considera que o fato da exatidão da localização ou mesmo o nome do monte, não mencionado nos Evangelhos, não são fatores essenciais. Isso porque o que se pretende é enfatizar a importância que o evento da chamada dos discípulos deve assumir na mente dos seus leitores.¹⁷⁷

Mas, e quanto às pessoas dos discípulos? Armstrong faz três considerações a respeito daqueles a quem chama de “pessoas a quem Jesus ensinava”. Primeiramente, ele observa que Jesus não chamou para discípulos pessoas altamente capacitadas ou com competências especiais aparentes. Ele diz que “os aprendizes de Jesus não eram perfeitos”¹⁷⁸; pode-se acrescentar que nem mesmo eram indivíduos ligados à área do ensino, não eram propagadores ou divulgadores de ideias, nem homens públicos com projeção e reconhecimento público local ou nacional.

¹⁷⁵ PRIGENT, Pierre. **Jésus, la foi au risque de l'histoire**. Lyon: Edições Olivétan, 2010, p. 92.

¹⁷⁶ POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 133.

¹⁷⁷ POHL, 1998, p. 133, apud KUNZ, 2014, p. 17.

¹⁷⁸ ARMSTRONG, Hayward. **Bases da educação cristã**, trad. Merval de Souza Rosa, 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 26. Os outros dois pontos, segundo o autor, são: “Segundo, Jesus ensinou principalmente a adultos, embora não exclusivamente. [...] Terceiro, parece que através de seu ministério havia um padrão geral em seu ensino. Na primeira parte de seu ministério, ensinava principalmente a indivíduos, depois ensinou a multidões, e, no fim de seu ministério, voltou a trabalhar com pessoas individualmente.” ARMSTRONG, 1994, p. 27.

Prigent salienta que, assim como hoje em dia, as pessoas que foram chamadas por Jesus tinham problemas de ordens diversas, desde ordem pessoal, passando pela falta de compreensão de ideias e conceitos simples, como os que Jesus ensinava (haja visto o entendimento das parábolas, por exemplo), tinham visões particulares sobre política e economia (caso de Judas, Mateus e Pedro). Isso tornava “difícil a percepção da mensagem. Jesus não foi bom mestre pelo fato de que seus discípulos foram bons aprendizes. Jesus foi um bom mestre apesar das limitações deles. Os discípulos eram muito limitados, mas, apesar disso, ensinou-lhes conceitos que transformaram o mundo.”¹⁷⁹

Nisso vê-se um aspecto preliminar ou que antecipa a ampliação absurda que o número de discípulos que Jesus teria ao longo do tempo: a diversidade. Essa situação da diversidade do grupo não pode ser deixada de lado e foi detalhada por Bortolini:

Apesar de serem todos judeus (galileus), tinham atividades diversificadas que podiam entrar em conflito. De fato, teria sido interessante ver Levi cobrando impostos de Simão e André, Tiago e João. Certamente não eram amigos, pelo contrário. Nota-se certa diversidade cultural: André e Filipe são nomes gregos, ao passo que os outros nomes são de origem semítica. A opção política deles não é uniforme. Há um zelote ou cananeu (Simão), partidário da luta armada contra a dominação romana. (Seria interessante saber como se relacionava com Mateus/Levi, colaboracionista). Tiago e João são chamados de 'filhos do trovão', e Lucas 9.54 mostra que isso pode ser traduzido em racismo fanático e intolerante (no caso, contra os samaritanos). No fim, uma nuvem carregada no horizonte: Judas é identificado como traidor.¹⁸⁰

A mesma observação fez Orofino:

Olhando os evangelhos vemos que um grande número de pessoas, das mais diferentes origens e ocupações, começa a seguir Jesus. Primeiro aparece um grupo de pescadores. Pedro, André, Tiago e João são trabalhadores da pesca, provavelmente sem muita instrução, naturais de Betsaida, uma pequena aldeia da Galileia (Mc 1,16-20). Desta mesma aldeia veio Filipe (Jo 1,44). Mateus é um publicano, um cobrador de impostos, um judeu que serve aos romanos (Mt 9,9). Ao lado dele

¹⁷⁹ ARMSTRONG, Hayward. **Bases da educação cristã**, trad. Merval de Souza Rosa, 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 26. Os outros dois pontos, segundo o autor, são: “Segundo, Jesus ensinava principalmente a adultos, embora não exclusivamente. [...] Terceiro, parece que através de seu ministério havia um padrão geral em seu ensino. Na primeira parte de seu ministério, ensinava principalmente a indivíduos, depois ensinou a multidões, e, no fim de seu ministério, voltou a trabalhar com pessoas individualmente.” ARMSTRONG, 1994, p. 27.

¹⁸⁰ BOTTOLINI, 2003, p. 73.

encontramos Simão, o zelota (Mt 10,4). Um zelota era um guerrilheiro que combatia duramente a ocupação romana. E agora Mateus e Simão caminham juntos, lado a lado, unidos pela mesma opção. Como Jesus conseguiu esta proeza, não sabemos. Sinal de que fazia parte de sua pedagogia aceitar gente das mais extremadas posições sociais dentro de Israel. Sua proposta era de construir uma comunidade que traduzisse toda a diversidade da sociedade de seu tempo.¹⁸¹

Carvalho indica que as profissões exercidas pelos apóstolos anteriormente ao chamado, não eram estáveis, como estável não era a economia na nação, dada a pobreza, o desemprego e a interferência do Império nos negócios do povo de Israel. Ele baseie para fazer tal afirmação em Marcos 1.16s, onde se lê que os discípulos atenderam prontamente ao chamado de Jesus, desprendendo-se de suas atividades na pesca.¹⁸²

Horsley viu nesse vértice da história de Israel a geminação do banditismo que se deu naquele contexto. A propriedade rural era a fonte de trabalho e renda do pobre e do camponês, o lugar de onde tirar o seu sustento. Ao menos parte dos discípulos de Jesus dependia desse setor, mesmo aqueles que tinham na pesca a sua principal fonte de renda. A mesma terra se tornou a fonte que passou a manter as estruturas institucionais judaicas, deixando de lado o pacto anterior de uma sociedade mais homogênea nos aspectos econômicos, função cumprida pelo equilíbrio que o dízimo deveria proporcionar.¹⁸³ O deus da elite judaica e dos sacerdotes, agora era Roma. “O banditismo evidentemente cobrou o seu preço da elite, pois muitos judeus ricos deixaram suas propriedades em busca de ambientes mais seguros entre os gentios.”¹⁸⁴

É possível considerar que, assim como no Egito de José (história contada nos capítulos finais do Gênesis e início do Êxodo), muitos pequenos proprietários tenham empenhado suas glebas a troco de alimento ou alguns poucos recursos a fim de manter pão na mesa para as suas famílias. Mas até mesmo isso terminou e, como diz Bost, “o que fornecia meios para ter o que comer e o que

¹⁸¹ OROFINO, Francisco. Um ensinamento novo transmitido com autoridade – a ética pedagógica de Jesus. In **Estudos Bíblicos** - Dossiê: Exigências éticas na Bíblia, v. 21 n. 77 (2003), p. 51.

¹⁸² CARVALHO, J. Jairo de. O modelo mestre-discípulo/a de Jesus e seu movimento. In **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, v. 25, maio-ago-2011. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdades EST, p. 101.

¹⁸³ Sobre isso, ver PAGANELLI, Magno. **Dízimo: o que é e para que serve o dízimo, sua história e função social**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

¹⁸⁴ PAGANELLI, Magno. **Dízimo: o que é e para que serve o dízimo, sua história e função social**. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 57.

vestir era a terra, ou o acesso a ela. Porém, para muitos camponeses da época [de Jesus], o acesso à terra tinha-se tornado problemático”.¹⁸⁵

Inicialmente, membros de famílias camponesas que já não dispunham de terras para cultivar, devem ter tentado oferecer sua mão-de-obra a um proprietário maior, mas como obter sucesso com isso, uma vez que a oferta de mão-de-obra assalariada já era maior que o necessário ou absorvível pelas vagas disponíveis? Isso está indicado até mesmo numa parábola de Jesus (Mt 20), o fato de haver excesso de trabalhadores dispostos a trabalhar a qualquer hora do dia. Teria o chamamento de Jesus para segui-lo sido interpretado como uma alternativa à escassez de trabalho? Ao menos no caso dos discípulos pescadores, parece que não. Mateus também estava empregado.

Kunz entendeu, pelos versículos anteriores à perícopé que analisou (Mc 3.13-19), que o aumento do número de pessoas na multidão que passou a seguir Jesus por onde fosse (inclusive havendo situações em que essa multidão o comprimia), levou Jesus a perceber a urgência de eleger colaboradores que o auxiliassem no atendimento das necessidades das pessoas. “Jesus, portanto, designa os doze para serem seus cooperadores na obra, multiplicando assim o trabalho de suas mãos.”¹⁸⁶ Tal situação é tratada por João na relação que faz com a obra do Mestre como se pode se constatar (Jo 6.26,27).

A multidão veio de todas as partes, segundo os relatos dos evangelistas. Naturalmente, o bloco inicial veio da própria Galileia, território de origem de Jesus (Mc 1.28,39,45). Mas não tardou a ele grandes grupos vindos até de além dos limites do território de Israel, como Tiro e Sidom, ao norte. Da Judeia, província onde estava a capital do país, também teve a atenção voltada para o pregador do norte (Mc 3.8). O sul também se voltou para o seguimento de Jesus, como as multidões da Idumeia e da Transjordânia ou além do Jordão, ao leste.

Assim, tanto a conjuntura mais ampla do chamado, incluindo aspectos sociopolítico e econômico, além dos aspectos religiosos, eram todos complexos. Internamente, como vimos, a variedade ou heterogeneidade do quadro dos escolhidos não era menos favorável. Diferenças as mais diversas marcaram o

¹⁸⁵ BOST, Bryan J. **Deus e o dinheiro**. São Paulo: Vida Cristã/Arte Editorial, 2007, p. 60.

¹⁸⁶ KUNZ, Claiton André. A ação parabólica da escolha dos doze (Mc 3.13-19), in **Revista Batista Pioneira**, v. 3 n. 1, junho/2014, p. 16.

perfil dos doze chamados, mas nisso vemos como a sabedoria de Jesus foi determinante, uma vez que a missão de seus discípulos sempre os levou para contextos os mais diversificados, ao encontro de pessoas as mais diferentes em questões de gênero, cultura, etnia, economia, posicionamentos políticos e preferências religiosas. Seria de se esperar pouco êxito de um grupo que fosse muito uniforme e com pouca tolerância ao contato com estranhos, ao menos no primeiro momento. Não era o caso desses escolhidos.

Mesmo com tamanha riqueza de personalidade, houve um trabalho feito por Jesus e que repercutiu na formação ou no treinamento de seus discípulos, e é o que se tentará identificar a partir de agora.

3.3 Os elementos que fizeram parte do treinamento discipular

Até aqui se compreendeu como acontecia a educação religiosa na sociedade judaica nos tempos de Jesus. Diferentemente do que indica a perícopes em questão, em que Jesus é o ensinador por excelência, o grande personagem da cena educacional religiosa eram os mestres judeus, tidos como os grandes educadores ou, pelo menos, os responsáveis por essa tarefa. Para que pudesse haver ensino, o candidato deveria aprender e isso incluía “frequentar a escola dos Escribas em Jerusalém “[...]”. Durante seu tempo de preparação, os candidatos deviam apropriar-se de um conteúdo básico que incluía o estudo das Escrituras, das leis e da tradição dos Antigos “[...]”.¹⁸⁷ Como havia sinagogas espalhadas por todo o país, após a conclusão de seus estudos em Jerusalém, os novos rabinos retornavam para suas cidades ou aldeias a fim de espalhar a educação entre o povo.

Na rotina educacional que os rabinos aplicavam, havia o momento semanal durante o culto para a “leitura da Escritura [...] feita em hebraico e a explicação para o povo era feita em aramaico”, a língua local corrente. A interpretação ou explicação “visava dar ao povo elementos necessários para viver a fé e, ao mesmo tempo, resistir às forças desagregadoras da ocupação romana. Educar

¹⁸⁷ OROFINO, Francisco. Um ensinamento novo transmitido com autoridade – a ética pedagógica de Jesus. In **Estudos Bíblicos** - Dossiê: Exigências éticas na Bíblia, v. 21 n. 77 (2003), p. 49.

era, antes de tudo, preservar as tradições e não se deixar envolver pelas propostas do mundo greco-romano”.¹⁸⁸

Esse aspecto foi reproduzido por Jesus no discipulado com os seus seguidores, embora não fosse ele quem organizasse os cultos semanais, haja vista Jesus fazer uso 1) da estrutura sinagagal existente e 2) realizar seu ministério como pregador em ambientes públicos, ao ar livre. Assim, Jesus não era o rabino alfabetizador (que instruía para que o menino pudesse passar pelo rito de iniciação, o *Bar Mitzvah*), aquele que instruía os membros da família, embora tivesse dado orientações sobre o matrimônio e a relação com as crianças.

Como as pretensões de Jesus eram outras, mais urgentes e dispondo de menos tempo, concentrou-se na educação específica e para o público adulto. Isso implicava a relação direta, a demonstração do *modus operandi* da vida cristã e a transmissão do conteúdo pretendido.

Para fazer um discípulo, é preciso investir no processo de desenvolvimento por meio do companheirismo e do ensino. Um discípulo é feito com muita dedicação e paciência para instruir. Não se faz um discípulo de uma hora para outra, tampouco o isolando da vida em comunidade ou simplesmente o envolvendo dentro de um corpo doutrinário.¹⁸⁹

Ortiz, comenta o processo de formação de discípulos no contexto do ministério de Jesus no quesito que indicamos há pouco sobre o modo operacional:

Jesus seguia o mesmo padrão. Ao invés de ensinar-lhes fórmulas para guardarem no cérebro, ele lhes dava tarefas concretas para realizarem. E eles obedeciam. Para que haja formação de vidas cristãs, temos que parar de ser oradores e começar a ser pais. Os pregadores têm apenas ouvintes. Os pais têm filhos. O aprendizado não ocorre pelo ouvir, e sim pelo obedecer. E a primeira lei do discipulado diz que sem submissão não há formação. E a segunda ressalta que sem submissão, não existe submissão.¹⁹⁰

O método favorito de Jesus para ensinar seus discípulos foi através da formação. A formação não se faz contando às pessoas coisas que elas deveriam saber, mas sim, mandando-

¹⁸⁸ Idem, Ibidem, p. 49.

¹⁸⁹ SOUSA, Jhonathan James de. **O discipulado numa perspectiva bíblica, teológica e pastoral** [dissertação em Teologia]. São Leopoldo: EST/PPG, 2016, p. 29-30.

¹⁹⁰ ORTIZ, Juan Carlos. **Ser e fazer discípulos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987. p. 212-125.

as fazer coisas específicas. Jesus dizia aos discípulos: “Ide a tal cidade”.¹⁹¹

Além do aspecto prático do discipulado, do mostrar/apontar o caminho e dirigi-los à prática daquilo que se espera, Jesus incluiu em seu “programa” o elemento da participação pessoal com implicações vitais, isto é, com possível prejuízo da própria vida:

Então ele chamou a multidão e os discípulos e disse: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará. Pois, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”. (Mc 8.34-36; tbm Mt 16.24-28; Mc 8.34-38; Lc 9.23-27)

Tendo anunciado aos seus discípulos que partiria para a morte precoce, Jesus revela que não somente ele pagaria o preço da evangelização com a própria vida, mas que seus discípulos também seriam ou poderiam se tornar vítimas desse mesmo destino.¹⁹²

Assim, Bruce, em seu clássico sobre o treinamento discipular dos doze, considerou como elementos que fizeram parte do treinamento discipular o que chamou de as “três razões da lei da cruz, com a finalidade de tornar mais fácil a obediência”.¹⁹³ Essas razões tornavam claro aos discípulos a superioridade da obediência a uma tão severa exigência, daí cada razão começar com um “porque”.

A primeira razão é que a pessoa que “quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará” (Mc 8.35).

Bruce pontua haver um paradoxo no uso da palavra “vida” aplicada à vivência do discipulado. Ela indica tanto a “vida natural, com tudo o que a torna agradável e desfrutável” e também “significa a vida espiritual de uma alma renovada”.¹⁹⁴ Jesus estaria esclarecendo aos candidatos ao discipulado, àqueles que se dispusessem a insistir nesse projeto de vida, que “se preocupar em salvar ou preservar a sua vida natural e o seu bem-estar mundano, perderá

¹⁹¹ Idem, *Ibidem*, p. 71-72.

¹⁹² BRUCE, A. B. **O Treinamento dos doze**, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 205.

¹⁹³ Idem, *ibidem*, p. 208.

¹⁹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 208.

a vida superior, a vida verdadeira; e aquele que *estiver* disposto a perder a sua vida natural por mim, encontrará a verdadeira vida eterna”.¹⁹⁵ A moral da história é que é preciso perder alguma coisa para se tornar discípulo, não podendo manter uma vida dupla de sucesso nas coisas seculares e no seguimento de Jesus, ou minimamente “não é possível viver sem algum tipo de sacrifício; a única pergunta é o que deve ser sacrificado — a vida inferior ou a superior, a felicidade animal ou a bem-aventurança espiritual”.¹⁹⁶

Na sequência, Bruce diz que a segunda razão para a obediência a exigências tão altas para o discipulado é o preço “excessivamente alto” para se carregar a cruz. Jesus deu a razão na forma de uma pergunta dupla: “Pois, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? ou, o que o homem poderia dar em troca de sua alma?” (Mc 8.36-37).

A alma, ou a vida, que é o sentido desta palavra no contexto bíblico, dá a dimensão do valor que a renúncia às coisas materiais, ou o custo da exigência feita por Jesus para que o discípulo valorize mais aquilo que Bruce chamou de exemplo de “uma transação comercial”, envolvendo a própria vida do discípulo. “A alma, ou a vida, no verdadeiro sentido da palavra representa um preço muito caro a pagar, mesmo pelo mundo inteiro, não apenas por aquela pequena porção que corresponde a cada indivíduo. Aquele que ganhar o mundo a tal preço será um perdedor”.¹⁹⁷ Está em foco uma dedicação incondicional e irrestrita para os candidatos ou os convocados ao discipulado de Jesus.

Uma alma, a própria ou de outrem, tem um valor inestimável, que tesouro algum no mundo presente poderia ser equiparado. Daí o sacrifício da própria vida, primeiro a de Jesus como modelo, como paradigma; depois, a do discípulo, do seu seguidor, que entende o sentido do valor pela perspectiva da salvação, a perspectiva divina, e aceita o desafio, primeiro da renúncia, depois do preço a ser pago. Aqui ecoamos as palavras de Miqueias 6.6-8, que diz:

Com que eu poderia comparecer diante do Senhor e curvar-me perante o Deus exaltado? Deveria oferecer holocaustos de bezerras de um ano? Ficaria o Senhor satisfeito com milhares de carneiros, com dez mil ribeiros de azeite? Devo oferecer o meu filho mais velho por causa da minha transgressão, o fruto

¹⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 209.

¹⁹⁶ BRUCE, A. B. **O Treinamento dos doze**, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 209.

¹⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 209.

do meu corpo por causa do meu próprio pecado? Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: Pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus.

Não há sacrifício suficiente nem maior do que o preço de abrir mão de desfrutar pessoalmente o que se oferece no mundo em favor do resgate de uma vida, isto é, a redenção da alma dela.

A redenção da alma é verdadeiramente preciosa; ela não pode ser libertada da escravidão do pecado através de coisas corruptíveis, como a prata e o ouro; tentar obter perdão, paz e vida dessa maneira só pode tornar o seu caso ainda mais sem esperança, e garantir a sua condenação.¹⁹⁸

Por fim, o terceiro argumento de Bruce para que o discípulo tome a sua cruz é extraído da esperança no advento de Cristo, a *παρουσία*: “Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos” (Mc 8.38).

Considerando o tempo quando Jesus disse tais palavras, temos um contraste entre o estado presente e futuro dele e dos seus ouvintes. Suas palavras foram, ao mesmo tempo, uma promessa e uma ameaça. Promessa para os que não se envergonharem e uma ameaça para aqueles que rejeitarem pagar o preço de ir anunciar o Evangelho. O preço em questão se torna, aparentemente, o comprometimento da própria imagem pessoal do discípulo, imagem pessoal que hoje, em tempos de redes sociais e *marketing* pessoal calam alto na consciência de cada um e se tornam, na linguagem da sociologia, um “capital social” advindo da maneira como nos portamos na exposição pública.

Ao exigir o sacrifício da vida (não propriamente a morte, mas a dedicação incondicional e irrestrita), Jesus não deixará margem para outra vida para o discípulo. Evidentemente há as compensações:

Pedro lhe disse: “Nós deixamos tudo o que tínhamos para seguir-te!” Respondeu Jesus: “Digo-lhes a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pai ou filhos por causa do Reino de Deus deixará de receber, na presente era, muitas vezes mais, e, na era futura, a vida eterna”. (Lc 18.28-30)

¹⁹⁸ BRUCE, A. B. **O Treinamento dos doze**, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 209.

Desapego das coisas do tempo presente e foco na vida eterna estão em evidência neste texto que trata da esperança do discípulo Pedro. Essa entrega total também sem margem para outra atividade é notada, ao menos no caso dos primeiros chamados, na ocasião quando Jesus foi restaurar o próprio Pedro, que tinha convencido outros discípulos a retornarem à antiga profissão. Jesus investiu naquelas vidas e era preciso que dessem atenção ao cuidado pastoral que agora era incumbência deles.

Perguntou-lhe pela terceira vez: “Simão, filho de João, amas-me?”. Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: “Amas-me?” –, e respondeu-lhe: “Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas (Jo 21.17).

Jesus estava destinado “a ser crucificado em Jerusalém dentro de algumas semanas. No final dos tempos Ele aparecerá investido da glória manifesta do Messias, acompanhado por um poderoso grupo de espíritos ministradores.”¹⁹⁹ Então, a recompensa, isto é, o preço pago hoje pela renúncia e o suportar a cruz será retribuído para a vida futura, a vida eterna que é objeto da esperança de todo discípulo seu. Jesus “recompensará cada homem, de acordo com o conteúdo de sua vida atual. Para os que carregam a cruz Ele garante uma coroa de justiça, para os que rejeitam a cruz Ele destinará, como lhes é devido, vergonha e desprezo eterno”.²⁰⁰

Assim, tendo a entrega da própria vida como requisito para o discipulado, os dois grupos, o maior de setenta e o menor de doze homens presenciaram Jesus ensinar, debater, cuidar, realizar sinais e entregar a si mesmo em resgate por muitos. A considerar o que se lê em Atos e nas cartas do Novo Testamento, o olhar de cada discípulo parece ter sido conduzido por Jesus na formação de distintos tipos de discípulos de acordo com a personalidade individual. Aos pescadores de peixes ele os fez pescadores de homens; ao mestre na lei judaica ele o fez mestre da nova aliança e assim sucessivamente.

¹⁹⁹ BRUCE, A. B. **O Treinamento dos doze**, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 210.

²⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 211.

3.4 Quais os resultados desta aprendizagem

Jesus concentrou o seu ensino e os confidenciou inicialmente a doze homens, em seu grupo fechado. Com eles, Jesus trabalhou seus conteúdos pedagógicos e sua metodologia, de onde saíram aqueles que levaram a mensagem do Evangelho adiante. Esses eram os homens que ouviram pela primeira vez o conteúdo da perícopes de Marcos 1.21,22. Alguns dos resultados a curto prazo são os seguintes.

Stott aponta que para alguns, chama atenção o fato de que no Novo Testamento, “os seguidores de Jesus Cristo sejam chamados de ‘cristãos’ apenas três vezes”. Destas ocorrências, a mais significativa é o comentário de Lucas explicando que foi em Antioquia da Síria que os discípulos de Jesus foram chamados de ‘cristãos’ pela primeira vez (At 11.26).²⁰¹ O autor então argumenta que, “ambas as palavras – cristão e discípulo – implicam relacionamento com Jesus. Porém, ‘discípulo’ certamente seja mais forte, pois inevitavelmente implica relacionamento entre discípulo e mestre”.²⁰²

E o que esse relacionamento produziu nos discípulos imediatos de Jesus, levando-os a uma tal mudança de vida? É o que se verá agora.

Price, mencionando outro autor, diz que "Boussett não exagerou em nada quando afirmou que praticamente todos os avanços da humanidade nestes últimos mil e novecentos anos devem ser atribuídos a Jesus, como o principal inspirador de todos eles."²⁰³ Alguns desses avanços são perceptíveis, como se verá a seguir.

Primeiramente ele lista a transformação de vidas. Jesus anunciou como parte de sua missão pôr os cativos em liberdade:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor (Lc 4.18, 19).

²⁰¹ STOTT, John W. R. **O discípulo radical**; trad. Meire Portes Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2011, p. 9.

²⁰² Idem, *ibidem*, p. 10.

²⁰³ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 96.

Restaurar vidas e tirá-las do caminho do pecado foram marcas do seu ministério público, como ressalta Price. “As gargalheiras do pecado seriam quebradas e a alma humana estaria livre. A libertação e a transformação de almas eram pontos capitais de sua obra”.²⁰⁴ Além disso, Price destaca o trabalho de transformação de Jesus como ocorrido nos próprios discípulos diretos dele:

Pedro foi transformado, e seu caráter, antes impulsivo e instável, foi modificado radicalmente, tornando-se pessoa firme, corajosa e confiante no Mestre. João, jovem de cabeça quente que era, tornou-se um ancião amado e cheio de amor. Tiago adquiriu no contato com o Mestre aquela fibra e estofa de que se fazem os mártires. O caráter de Mateus foi reformado. Saulo, o perseguidor, tornou-se Paulo o perseguido apóstolo aos gentios. Zaqueu, o ganancioso cobrador de taxas, tornou-se “o primeiro filantropo cristão, dando metade de seus bens aos pobres e devolvendo quadruplicadamente o que houvera cobrado ilegalmente”. Uma decaída, transformada, tornou-se missionária do seu povo.²⁰⁵

Evidentemente muitas outras vidas foram e têm sido transformadas e enviados para reproduzir a experiência que tiveram, levando esperança para tantas outras.

O que se espera de um processo ensino-aprendizagem minimamente razoável, sério e responsável? Para Orofino, que gere maturidade e autonomia.

Para Jesus, o verdadeiro processo pedagógico é aquele que permite à pessoa ficar de pé, sustentando-se em suas próprias pernas e com suas próprias forças. A prática de Jesus é permitir que os paralíticos possam andar sem a ajuda de ninguém (Mc 2,12), que os cegos possam ver com seus próprios olhos (Mc 10,51-52), que os surdos possam ouvir e os mudos possam proclamar (Mc 7,34), que os encurvados fiquem retos (Lc 13,13).²⁰⁶

A maneira metafórica como Orofino dispõe a proposta de Jesus não é menos realista do que uma descrição feita de outro modo. De fato, “a verdadeira pedagogia é aquela que permite ao ser humano conquistar a sua autonomia, participando ativamente da construção da sociedade humana como prefiguração

²⁰⁴ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 97.

²⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 97.

²⁰⁶ OROFINO, Francisco. Um ensinamento novo transmitido com autoridade – a ética pedagógica de Jesus. In **Estudos Bíblicos** - Dossiê: Exigências éticas na Bíblia, v. 21 n. 77 (2003), p. 53.

do Reino de Deus.”²⁰⁷ Dividindo a última declaração em duas partes, primeiramente nos concentraremos nos resultados da aprendizagem na vida dos discípulos. No próximo ponto deste capítulo, tentaremos dar em linhas gerais qual foi o legado deixado para as sociedades que admitiram e implementaram os princípios da fé cristã.

Stewart também arriscou uma metáfora para descrever o estado social dos discípulos de Jesus anteriormente ao chamado recebido. Em suas palavras, assim como Price, o autor traça o perfil daqueles homens depois de se tornarem discípulos:

Um funcionário público conhecido pela sua cobiça e desonestidade, cuja mente estava alerta e tinha inclinação para cálculos; no entanto, o seu caráter era um ponto de interrogação. Outro nunca tinha ocupado uma posição importante e era membro de um partido político subversivo, conhecido por suas ambições de derrubar o governo. Suas tendências políticas não o favoreceriam caso precisasse endossar uma declaração de lealdade. Havia um com temperamento exaltado, que se expressava incisivamente e sem hesitação. Outro discípulo era demasiado impulsivo, falava sem refletir e falava com facilidade em momentos quando era melhor se calar. Um deles tinha como única experiência o trabalho de pescador. Não possuía as qualidades suficientes para a função que ocuparia. Nenhum daqueles homens tinha o menor conteúdo de educação exigido para pessoas como as que esperamos ver mudando o mundo.²⁰⁸

Considerou-se, aqui, o resultado efetivo do ensinamento ou pedagogia de Jesus na vida de seus discípulos imediatos. A percepção daquilo que aconteceu em suas vidas é difícil de mapear, dada a descrição dos mesmos ao falar sobre suas vidas e a escassez de dados no Novo Testamento, de onde pretendeu-se extrair as informações, ao invés de recorrer a obras de terceiros, que muitas vezes se observam exageros e suposições.

Talvez se devesse considerar os resultados mais amplos e duradouros daquilo que aconteceu em suas vidas, o que pode ser percebido no que chamamos de legado deixado por Jesus e seus discípulos, tema do nosso próximo ponto.

²⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 53.

²⁰⁸ STEWART, John David. **Os Doze, a vida e o legado dos apóstolos**; trad. Neyd Siqueira, 2ª ed. São Paulo: Arte Editorial / Vida Cristã, 2007, p. 9.

3.5 Qual o legado deixado por Jesus e seus discípulos

Se no ponto anterior conferiu-se alguns resultados imediatos do ensino de Jesus sobre os doze, aqui pode-se buscar os resultados a médio e longo prazos, no que se chama de legado deixado por Jesus.

Novamente deve-se recorrer a trabalho de Price (1980), A pedagogia de Jesus, que investigou o tema do discipulado e alguns temas transversais a ele. A partir de seu trabalho, elenca-se pontos, como seguem.

Quando se fala dos resultados do labor de Jesus e de seus discípulos, inevitavelmente toca-se no ponto da valorização da pessoa humana, algo incomum nas culturas dos tempos de Jesus.

Como diz Price, “Antes de Jesus vir, certos grupos humanos nada valiam, nada representavam. Não passavam de meras peças de máquina, escravos dos outros, meios para certos fins. Não eram considerados como pessoas, cujos direitos deviam ser respeitados.”²⁰⁹

Em seus dias, Jesus conviveu com o descaso que escribas e fariseus demonstravam por pessoas de outra etnia que não a judaica, além do desprezo que manifestavam contra os pecadores, à exemplo da mulher apanhada em ato de adultério (Jo 8.1-10). Escribas e fariseus “se consideravam tão bons e justos que não podiam suportar a presença deles, chegando mesmo a censurar a Jesus por andar na companhia deles.”²¹⁰

À medida que a fé cristã se fazia notar na cultura de um povo, por meio do ensino difundido por seus discípulos, gradativamente os traços da antiga cultura que eram indicativos da opressão e desvalorização da pessoa humana eram substituídos. A tradição dos apóstolos que conviveram com Jesus, incutiu na mentalidade dos discípulos que levaram o ensino de Jesus a diferentes terras, foi percebida e adotada, criando um novo cenário. Price sumariza o que viram, considerando que “Jesus reconheceu e enfatizou o valor do homem, como nenhum outro mestre havia feito.”²¹¹

– Recusou-se a condenar a mulher apanhada em adultério

²⁰⁹ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 96.

²¹⁰ Idem, ibidem, p. 96.

²¹¹ Idem, ibidem, p. 96.

– Transmitiu uma de suas maiores lições à mulher rejeitada pela sociedade samaritana, com quem se encontrou junto ao poço de Jacó.

– Jesus inculcou a verdadeira fraternidade ao contar a parábola do samaritano acolhendo e socorrendo um judeu roubado e deixado semimorto à beira da estrada.

– Seus ensinamentos colocaram a mulher no mesmo nível do homem. Posteriormente, esse aspecto desencadeou influências que desembocaram no direito de voto e à ocupação de cargos públicos por mulheres. Mais recentemente, isso redundou no direito de participarem de atividades eclesiais e a ocuparem cargos denominacionais.

– Jesus elevou a condição da criança e usou a imagem delas como exemplo de humildade.

– O ensino de Jesus demonstrou ao mundo que Deus não faz acepção de pessoas, ainda que as culturas humanamente produzidas o façam.

Apesar de Paulo não ter condenado abertamente a escravidão, haja vista não haver mecanismos adequados para essa finalidade em função do tipo de governo vigente, ele orientou a Onésimo, um escravo, e deu orientações ao senhor de Onésimo para tratá-lo com dignidade.

Jesus deseja reformar o coração do homem, e a consequência mais notável disso é a reforma em estruturas sociais em decorrência da consciência adquirida pelos discípulos. O cristianismo destruiu a escravidão dando dignidade ao trabalho.

Metade da população do Império Romano era de escravos. Três quartos da população de Atenas era de escravos. A vida do escravo podia ser tirada de acordo com a vontade do mestre. No decorrer dos séculos, o cristianismo aboliu a escravidão, primeiramente no mundo antigo e depois no século XIX, em que se deve muito aos esforços do grande evangelista William Wilberforce.²¹²

Wilberforce, que também foi um parlamentar inglês, promoveu leis para acabar com a escravidão na Inglaterra. Depois de anos de trabalho, finalmente em 1833, 700 mil escravos foram libertos,²¹³ e isso provocou um efeito cascata

²¹² KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 34.

²¹³ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 34.

nos países com os quais a Inglaterra mantinha acordos.²¹⁴ Paralelamente ao trabalho de Wilberforce, a escravatura foi abolida também pelo trabalho de “Garrison, Stowe [...] que] salientaram o valor que a fé cristã dá à liberdade humana, e então o [sentimento] do povo subiu a tal ponto que a civilização já não mais pôde tolerar que um indivíduo escravizasse outro.”²¹⁵

Os países onde o cristianismo exerceu influência, há leis garantindo a liberdade para todos os homens. No Brasil a lei assegura que “todos os homens são iguais perante a lei”. A primeira emenda dos Estados Unidos garante liberdade para todos os cidadãos. A Bíblia afirma: “Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos” (Cl 3.11).

Ainda considerando a valorização da vida, algumas cultura pré-cristãs lidavam com alguma naturalidade diante do suicídio. Líderes mundiais punham fim à própria vida cometendo o suicídio: Pôncio Pilatos, os senadores Brutus e Cássio do Império Romano, o líder romano Antônio, Cleópatra, os imperadores Nero e Adriano, o filósofo estoico Sêneca, além de Judas Iscariotes. No Japão há uma tradição milenar que promovem o suicídio diante da derrota iminente. Nos Estados Unidos, em anos recentes, um dos dois livros mais vendidos um era um manual prático para o suicídio.²¹⁶ Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10.10).

No mundo antigo o sacrifício de crianças era uma prática comum. Arqueólogos encontraram em áreas próximas a templos pagãos cemitérios de bebês sacrificados: em Cartago, em Cananéia durante o período idólatra (dos deuses Baal e Astarote) e em Samaria (nas camadas dos tempos de Acabe e ruínas do templo de Astarote). Na Roma e Grécia antigas o aborto era comum. Bebês fracos e indesejados eram levados às florestas ou às encostas de montanhas para serem devorados por animais ou morrerem de fome.²¹⁷

²¹⁴ Há outra narrativa sobre as causas da abolição na Inglaterra e alhures, entre as quais destaca-se o interesse comercial da Inglaterra, após a Revolução Industrial, de criar uma classe de trabalhadores que fossem também consumidores. Para isso, os escravos deveriam ter renda, o que teria, segundo essa tese, produzido a necessidade de se abolir a escravidão.

²¹⁵ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 99.

²¹⁶ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 43.

²¹⁷ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 24.

Adam Smith escreveu em *A Riqueza das Nações*: “Em todas as grandes torres da China muitos bebês são abandonados todas as noites na rua ou afogados como cachorrinhos na água”.²¹⁸

O infanticídio, particularmente das meninas, era comum na Índia antes da chegada do missionário William Carey. O aborto e o abandono de bebês acabaram na igreja primitiva. Surgiram os lares de órfãos, orfanatos e casas de saúde para abrigar crianças. Essas práticas passaram a ser ilegais e a vida passou a ser valorizada.

Carey e outros cristãos detestavam ver os pequeninos serem lançados ao mar. Essas práticas dos séculos antigos, o *satie* o infanticídio, foram finalmente extintas no início do século XIX e somente depois de os missionários lutarem por isso perante as autoridades britânicas.²¹⁹

Jesus disse: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas”.

Na Índia, na China, Roma e Grécia as pessoas declaravam que as mulheres não eram capazes ou competentes para serem independentes. “Aristóteles disse que a mulher estava em algum lugar entre o homem livre e o escravo”.²²⁰ Missionários europeus, ao chegarem a países sem influência do cristianismo, encontraram o extermínio, especialmente de meninas. Na Índia, viúvas eram voluntárias ou involuntariamente queimadas nas piras dos funerais de seus maridos, porque a sociedade não valorizada mulheres, ainda mais se fossem viúvas. Spurgeon contou sobre uma mulher hindu que disse a um missionário:

- Certamente sua Bíblia foi escrita por uma mulher.
- Por quê? – ele perguntou.
- Porque diz tantas coisas boas para as mulheres. Nossos sábios nunca se referem a nós, a não se para nos repreender.²²¹

Isso sem contar a poligamia, praticada em países onde o cristianismo não exerceu influência. Jesus valorizou e elevou a condição das mulheres: “Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: ‘Mulher, onde estão eles? Ninguém a

²¹⁸ Idem, ibidem, p. 31.

²¹⁹ Idem, ibidem, p. 32, ênfase no original.

²²⁰ Idem, ibidem, p. 29.

²²¹ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 32.

condenou?’ ‘Ninguém, Senhor’, disse ela. Declarou Jesus: ‘Eu também não a condeno.’”

Temos dito que mudando o coração do homem, mudam hábitos sociais e são incentivadas certas reformas. Price assim resume o que tem sido pontuado até aqui:

Conquanto não se possa afirmar que Jesus fosse propriamente um reformador social, é claro que seus ensinamentos e atitudes produziram as maiores reformas sociais da história. À medida que seus ensinamentos foram permeando a vida humana, iam fazendo o povo ver que certos males eram grandes erros e desvios e que deviam ser abolidos. Assim, indiretamente, mais que diretamente, o Mestre desencadeou os maiores movimentos reformadores da sociedade humana, sendo este de fato o melhor processo para se conseguir tal finalidade. A emancipação da mulher, o reconhecimento dos direitos da criança e a ênfase sobre o valor da pessoa humana, sem olhar para cor de sua pele, foram até certo ponto movimentos de reforma que se inspiraram positivamente nos ensinamentos de Jesus.²²²

O autor considera até mesmo o empenho global pela paz mundial que só deverá obter seus verdadeiros objetivos alcançados “não através de diplomatas e políticos reunidos ao redor duma mesa de paz, e, sim, através de mestres cristãos que em todas as pátrias formem [...] cidadãos que compreendam e pratiquem a sacrossantidade da vida humana.” De fato, a maioria dos vencedores do Prêmio Nobel da Paz, para ser mais exato, 65% deles, não professa outra fé senão a fé cristã, sendo o seu trabalho não outra coisa senão reflexo de sua consciência discipular.²²³

A melhoria das instituições é outro legado que a fé cristã vertida por meio de seus discípulos tem deixado em algumas sociedades. Ainda que a totalidade dos ensinamentos de Jesus não tenha sido implementada, eles promovem a “proteção da família ao afirmar que o casamento só poderia ser dissolvido em caso de adultério”.²²⁴ Protege-se, com isso, a mulher, por vezes a parte mais vulnerável na cultura atual e que ainda sofre com baixos salários, mesmo quando exerce

²²² PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 99.

²²³ Fonte Wikipedia. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_crist%C3%A3os_laureados_com_o_Nobel> e acessado em 05.05.2022.

²²⁴ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 100.

cargos da mesma natureza que os homens, e protege-se os filhos, invariavelmente a parte mais prejudicada em casos de separação.

Outra instituição cara para o Ocidente e que tem sido pontualmente marcada pela presença de cristãos e suas convicções é a democracia. Para Price,

O progresso da democracia (governo do povo pelo povo) deve-se a seus ensinamentos, e a continuação e preservação desse sistema depende da extensão e do domínio dos ensinamentos de Jesus nos países da terra. O mestre é o verdadeiro guardião da sociedade, e o progresso da civilização depende da batalha em que estão empenhados os mestres-escolas.²²⁵

Se tomar como exemplo a constituição dos Estados Unidos, temos uma declaração do historiador cético Wells, de que ela é “indubitavelmente cristã”. “Uma vez que a maioria dos criadores da constituição era cristã praticante que extraíram sua filosofia política da Bíblia e de outras fontes cristãs, não deveria causar surpresa o fato deles terem consagrado muitos princípios bíblicos na constituição”.²²⁶

Kennedy completa o raciocínio considerando o fato de os fundadores da nação saberem da “natureza pecaminosa do homem”, razão pela qual se deu “uma divisão constitucional de poderes”, a fim de que o poder não ficasse concentrado “nas mãos de um ou de alguns homens”. Essa divisão de poderes, foi baseada em Isaías “Pois o SENHOR é o nosso juiz, o SENHOR é o nosso legislador, o SENHOR é o nosso rei” (cf. Is 33.22), e os fundadores dividiram as funções do governo exatamente dessa forma — poderes judiciário, legislativo e executivo.²²⁷

A influência deixada pelos discípulos de Jesus na literatura também é notável de maneira ampla. A literatura é um campo onde não somente são encontradas inúmeras obras sobre “cada uma das fases de sua vida, incluindo sua infância e preparo para a vida, suas conquistas, ensinamentos, métodos de ensino, sua morte vicária, o progresso de sua causa, sua influência em vários setores do

²²⁵ Idem, ibidem, p. 100.

²²⁶ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 100.

²²⁷ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 101.

pensamento, e de muitos outros aspectos de sua vida.”²²⁸ Desses vários setores, vemos a adoção de modelos socioeconômicos segundo Jesus, como gestão, *coach*, “Jesus CEO”, ou traçando perfis, como Jesus como psicólogo e mestre em diferentes situações.

Entre os clássicos, temos em William Shakespeare (1564-1616) a influência da fé crista. Ernest Marshall Howse escreveu *Os valores espirituais em Shakespeare* e George Morrison escreveu *Cristo em Shakespeare*. John Milton (1608-1674) foi autor de *O paraíso perdido* e *O paraíso reconquistado*, obras que refletem o conteúdo que estamos tratando. Charles Dickens (1812-1870) escreveu que a maior história de *toda* a literatura era a parábola de Jesus sobre o filho pródigo. Ele escreveu *Canção de Natal*, uma parábola sobre a conversão cristã e seu último livro *A vida de nosso Senhor*, que escreveu para ensinar seus filhos sobre Jesus. Sem falar em Hans Christian Andersen, Leo Tolstói, Fiódor Dostoiévski, T. S. Eliot, C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, Flannery O’Connor entre outros.²²⁹

Certo escritor citado por Price, “organizou uma bibliografia de tudo que se tem publicado sobre Jesus e arrolou mais de 5 mil livros e artigos que tratam de alguma fase de sua vida e obra [...] a despeito de não haver deixado nada escrito [a não ser umas palavras na areia], Jesus é mais citado do que qualquer escritor que já viveu neste mundo.”²³⁰

Discípulos de Jesus também patenteiam a sua influência nas artes, além da literatura. A música é uma das artes que foram marcadas pela presença de homens que se consideravam devedores a Jesus. “Muitos compositores mundialmente conhecidos, como Fannie Crosby, levaram a vida toda escrevendo hinos de louvor a Cristo [...] Os belíssimos oratórios de Bach, Haydn, e Haendel foram escritos para louvar a Jesus”.²³¹

O monge beneditino Guido de Arezzo (c. 995 c. 1050) é considerado o pai da moderna anotação musical. Ele criou um dispositivo mnemônico para ensinar as notas musicais por meio de um hino conhecido, *UT quean laxis*: UT queant

²²⁸ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 100.

²²⁹ KENNEDY, *ibidem*, p. 231-232.

²³⁰ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 101.

²³¹ PRICE, J.M. *ibidem*, p. 101-2.

laxis REsonare fibris / Mire gestorum FAMuli tuorum / SOLve pollutis LABiis reatum / Sancte Iohannes (“Para que as fibras soltas possam ressoar / Os atos maravilhosos de seu servo”; trad. nossa). As sílabas iniciais das palavras tornaram-se os nomes das notas: ut, re, um, fá, sol e lá.²³²

Ainda hoje se usa esse sistema, apenas com a substituição do “ut” pelo “dó” e pelo acréscimo do “lá”. Graças a Guido de Arezzo, “o século XI foi o divisor de águas, que tornou a música ocidental diferente de todas as outras músicas do mundo”.²³³ Com a notação musical foi possível compor, a música passou a ser escrita e ensinada a partir de uma partitura, ordem, regras e lógica (teoria musical) vieram logo após a notação e a notação musical possibilitou o desenvolvimento da polifonia (mais de uma melodia executada ao mesmo tempo) e da harmonia.²³⁴

A igreja deu continuidade à tradição musical e expandiu sobremodo os estilos e ambientes onde se pode ouvi-la. Parte desse trabalho deve-se aos maestros de coral da Catedral de Notre Dame em Paris (séc. XIII). As notações tornaram-se mais precisas quanto ao tom e ao ritmo. De lá veio o moteto, início da harmonia em quatro partes – soprano, contralto, tenor e baixo e os arranjos de duas, três e até quatro partes.²³⁵

No período barroco alcançou-se o apogeu, com Johann Sebastian Bach (1685-1750) e George Frideric Handel (1685-1759). Um sacerdote católico, Antônio Vivaldi (c. 1680-1741) foi o mestre do barroco italiano. Bach era cristão em sua essência, luterano ortodoxo. Em seus manuscritos são observadas anotações em “desacordo”, letas fora do contexto, como “S.D.G.” (*Soli Deo Gloria*) e “J.J. (*Jesu Juban* – “Ajude-me Jesus”), “I.N.J. (*In Nomine Jesu* – “Em nome de Jesus”). Bach criou a escala “bem afinada”, que de qualquer ponto do piano ou órgão, a partir de qualquer nota, podia-se começar uma escala. Um crítico escreveu: “Bach é para a música o que Shakespeare é para a literatura”. Ambos foram cristãos.²³⁶

Especificamente na área da educação (isto é, ensino-aprendizagem), além dos frutos na codificação de idiomas, a fé cristã dos discípulos de Jesus não ficou

²³² KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 235.

²³³ Idem, ibidem, p. 235.

²³⁴ Idem, ibidem, p. 235.

²³⁵ Idem, ibidem, p. 236.

²³⁶ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 239.

à margem desse campo. Price menciona *en passant* nomes como “Comenius e a educação morávia, autor de *Didactica Magna*, Roberto Raikes e o impressionante “movimento das Escolas Bíblicas Dominicais” na Inglaterra, precursora das escolas públicas.²³⁷ Certamente esse é um legado do trabalho de Jesus e de seus discípulos, entre os quais ambos os nomes citados aqui são dignos desse “rótulo”.

A codificação de idiomas, feitos realizados por missionários cristãos, beneficiou diferentes e variados povos. Para que pudessem ler a Bíblia em suas línguas, missionários partiram da oralidade para criar alfabetos, gramáticas, sintaxes e o que foi preciso para que o texto bíblico pudesse ser traduzido e ensinado ao povo. Isso acontece ainda hoje. Em certo sentido, isso abriu caminho para a educação para todos. Fornecendo a Bíblia no idioma do povo, os missionários promoviam a alfabetização em todo o mundo.²³⁸

O cristianismo promoveu o conceito de educação para todos, fundando universidades com propósitos cristãos. Pesquisa realizada no séc. XX em diversas nações do mundo sobre alfabetização:

- Nações pagãs como China e Índia: 0 a 20% alfabetização
- Nações com influência católica: 40 a 60% alfabetização
- Nações com influência protestante: 94 a 99% alfabetização.²³⁹

Entre as universidades, destacam-se Oxford, Paris e Bolonha, fundadas por volta de 1200d.C. a teologia cristã e os estudos canônicos eram os estudos mais importantes, seguidos do pensamento aristotélico e a lei civil. Cambridge (Inglaterra), fundada para ensinar teologia cristã e lei civil. Yale, Brown, Universidade de Nova York, Northwestern University têm raízes profundas no Cristianismo. Harvard começou com a doação de dinheiro e de livros do Reverendo John Harvard. Dartmouth foi fundada para treinar missionários para as Índias. William and Mary foi criada “para que a fé cristã possa ser propagada”. Nos primeiros anúncios do King’s College (1754), e que hoje é a Columbia University, lê-se: “O principal anseio desta instituição é ensinar e engajar as crianças no conhecimento de Deus, em Jesus Cristo.” O presidente de Princeton,

²³⁷ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 98.

²³⁸ KENNEDY, *ibidem*, p. 65.

²³⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 70.

reverendo John Witherpoon, disse: “Maldito todo o ensinamento contrário à cruz de Cristo.”²⁴⁰

A influência de se observa ainda na arquitetura, segundo Price:

A influência de Jesus na arquitetura não é menos notável, especialmente a que se relaciona com grandes catedrais. E isso tem continuado através da história do cristianismo. Os estilos têm mudado de tempo em tempo, de acordo com a mutável concepção da igreja e sua obra, mas tais mudanças sempre se deram visando maior beleza, grandeza e serviço. As mais lindas estruturas arquitetônicas erigidas através dos séculos em várias nações são de catedrais construídas para cultuar a Cristo. Notáveis, dentre muitas, são as de Reims, São Pedro e a Abadia de Westminster. Da mesma forma, a escultura, tanto interior como exterior, das catedrais foi influenciada por ele. Os católicos romanos têm até exagerado no esculpir imagens de Cristo, especialmente do Cristo crucificado. E até; nalgumas catedrais isso tem sido levado muito longe, e encontramos entalhaduras monumentais como a do Juízo Final na Catedral de Bourges, na França.²⁴¹

Ao mudar o modo de valorizar aspectos da vida, passando do mundo terreno para o Reino do Espírito, a inspiração para a filantropia entre os discípulos de Jesus não foi menor. Jesus não teve qualquer bem próprio, além de uma túnica que foi repartida entre os soldados romanos. Ainda assim Jesus exerceu forte influência na área da filantropia, pelo que vemos que “fortunas foram atiradas a seus pés, e ele, mais que todos os outros, inspira, estimula e encaminha as ofertas mais que nobres e filantrópicas de todo o mundo de hoje.”²⁴² Ao longo dos séculos, homens têm destinado milhões em espécie para acudir ao exemplo e cumprir os ensinamentos deixados pelo mestre.

Parte desses recursos tem sido destinado à abertura e manutenção de

Hospitais e casas de saúde, orfanatos e asilos de velhos, colégios e universidades cristãs, tanto na Pátria como em terras estranhas, brotaram do espírito filantrópico gerado pelo Mestre. E mesmo aqueles criados e mantidos pelo Estado e pelas municipalidades indiretamente provieram do espírito cristão. Não se exagera ao afirmar que tudo quanto de altruísta vemos nos empreendimentos governamentais em prol do bem-estar e

²⁴⁰ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 77-78.

²⁴¹ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**, 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p 102.

²⁴² PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**, 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p 103.

segurança social se deve ao ensino de Jesus, que disse que devemos amar nossos irmãos como a nós mesmos.²⁴³

Evidência gritante disso são os nomes cristãos dados a essas instituições: Bom Samaritano, Santa Marjorie, Santa Luzia, São Judas Tadeu, Hospital São Luiz, Santa Casa de Misericórdia, Hospital Santa Joana, Hospital São Paulo, Cruz Vermelha entre tantos outros. John Jefferson Davis escreveu que “no Império romano pré-cristão, os hospitais existiam somente para soldados, gladiadores e escravos.” Na filantropia cristã o benefício sempre tem sido estendido a tantos quantos puderem ser atendidos.

Em 325, o Concílio de Nicéia decretou que hospitais fossem fundados em todos os locais onde a igreja estivesse estabelecida. A Basílio de Cesareia (c. 329-379) tem sido creditada a fundação do primeiro hospital cristão que enfocava o auxílio aos doentes e possuía leitos para cada tipo de infecção, além de um leprosário.²⁴⁴ “O mais antigo hospital do Ocidente ainda em atividade é o Hospital Jesus de Nazaré, na Cidade do México, fundado por Cortez em 1524”.²⁴⁵

Durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII, quando houve uma revolta contra a Igreja, o sistema hospitalar praticamente se decompôs: um terço dos hospitais parou de operar.²⁴⁶ “O reformador Vicente de Paulo (1581-1660), co-fundador da ordem *Irmãs da Caridade*, disse às irmãs: ‘Vocês devem sair e achar o doente pobre. Vocês farão o que o nosso Senhor fez, ir de cidade em cidade e curar a todos os que encontrarem’ ”.²⁴⁷

No século XIX, Henry Dunant (1828-1910), um evangélico, iniciou um dos maiores movimentos humanitários da história: a Cruz Vermelha Internacional, que hoje está presente em mais de 145 nações. Fundou também a Associação Cristã de moços, em Genebra, em 1850.²⁴⁸

O “espírito de filantropia” inspira outros ao serviço, uma “força que leva o indivíduo a se esquecer de si, das facilidades, do conforto, do lucro egoístico, para dedicar seu tempo, talentos e energias à ajuda dos necessitados”. Ao

²⁴³ Idem, ibidem, p 103.

²⁴⁴ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 190.

²⁴⁵ Idem, ibidem, p. 191.

²⁴⁶ Idem, ibid, p. 191.

²⁴⁷ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 194.

²⁴⁸ Idem, ibid, p. 197.

exemplo de Jesus, são incontáveis aqueles que abriram mão da comodidade e do luxo para “arriscar a saúde e a vida na nobilitante tarefa de levar sua mensagem nas regiões mais distantes da terra aos que vivem nas trevas e na depravação”. A história das missões jamais poderia servir para comparação com aquilo que fizeram os “grandes mestres, como Sócrates, Epicteto, Abelardo ou outros mais”. O que resultou disso foi “tribos selvagens [que] receberam nova inspiração e vida, canibais foram civilizados, caçadores de cabeças se converteram, fundaram-se escolas e colégios, e o caráter e a cultura de indivíduos e povos foram mudados de modo radical”.²⁴⁹

O que é verdade a respeito das missões estrangeiras também o é no que toca a outras esferas de serviço. A organização da Cruz Vermelha, que ministra e socorre doentes e necessitados em tempos de peste, de calamidades e inundações, que atende a feridos e moribundos em tempos de guerra [...] foi inspirada no ensino e serviço de Jesus. As missões de libertação de perdidos e viciados, nos bairros de pecado e de má fama de nossas cidades, bem como o serviço de centros sociais nos cortiços, se inspiraram na mesma fonte. Vidas consumidas no serviço de asilos de inválidos, de orfanatos, de hospitais, em benefício de doentes do corpo, da mente e da alma, são inspirados por esse mesmo espírito de Cristo.²⁵⁰

Por fim, o impacto do cristianismo na economia é notado em algumas nações ainda hoje. “Fidel Castro admitiu que relutantemente que admirava muitos dos evangélicos de Cuba”: eles trabalham duro, são pontuais e não burlam o sistema.²⁵¹

O cristianismo traz ensino claro sobre: o dever de trabalhar, a participação dos ricos na assistência aos necessitados, o direito à propriedade privada, a aquisição de bens por meio de investimento, a admissão de funcionários e o modo como tratá-los, a projeção de um empreendimento e o dever de honrar os contratos etc. Muitos escritores atribuem a prosperidade dos EUA ao fato de terem sido colonizados por cristãos, especialmente os calvinistas, que creem que a prosperidade é uma eficiente maneira de testemunhar a eleição divina em suas vidas.

²⁴⁹ PRICE, J.M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p 103.

²⁵⁰ Idem, *ibidem*, p 103.

²⁵¹ KENNEDY, D. James. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nasseti. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 145.

Sociólogos como Max Weber e Ernst Troeltsch, contrários ao capitalismo e ao calvinismo, atribuíam a João Calvino a grande máquina motriz do capitalismo. James Kennedy escreveu que, na América Latina, aqueles que se convertem ao cristianismo melhoram seus padrões de vida: deixam de beber, abandonam as apostas em dinheiro e os jogos e começam a trabalhar e a poupar para o futuro.²⁵²

Assim, tendo-se concentrado na característica dos discípulos de Jesus, de aprendizes a propagadores ou influenciadores, para usar-se uma expressão do nosso tempo, foi possível notar como a influência de Jesus foi percebida imediatamente, na pessoa dos discípulos e, ao longo dos séculos, naquilo que marcou gerações e modelou sociedades inteiras.

²⁵² Idem, *ibidem*, p. 201.

CONCLUSÃO

A fim de investigar como se deu a *práxis* de Jesus em seu processo de ensino aos discípulos que escolheu e como se deu a aprendizagem do conteúdo proposto pelo Evangelho de Jesus, a presente pesquisa se propôs aos seguintes passos.

Primeiramente, foi identificada uma perícopé que indicasse uma contribuição com o tema proposto. Foi tomado como ponto de partida Mc 1.21-22. O texto demonstra a ação pedagógica de Jesus, expressa no verbo διδάσκω, que aparece no texto escolhido. Sendo o primeiro Evangelho canônico escrito, Marcos serviu de fonte para os outros Evangelhos sinóticos, sobre o qual se tem dedicado diferentes pesquisas ao longo dos últimos anos, como se viu.

Seguindo a proposta da pesquisa, se utilizou o texto base do Evangelho segundo Marcos 1.21,22 e investigou-se as relações e influências exercidas pelo ensinamento de Jesus, de acordo com o que foi ministrado aos seus discípulos. Em tal proposta, buscou-se identificar e descrever os elementos que constam da didática de Jesus e qual foi a contribuição não somente para a formação deles mesmos, bem como ao longo dos séculos.

Iniciou-se a pesquisa com um estudo exegético da perícopé do Evangelho segundo Marcos, procedendo a crítica textual do mesmo e fazendo a sua análise morfológica, semântica e sintática, bem como a análise contextual, da forma e, finalmente, análise teológica. Com isso, formou-se um cenário textual de base para a análise dos elementos gramaticais constantes no texto, e que são característicos da atividade de Jesus.

Em seguida, a pesquisa concentrou-se no estudo de Jesus na qualidade de mestre e formador de discípulos. Obras e comentários bíblicos pesquisados deram contribuições para o tema, mas com o recorte feito na presente pesquisa foi feita uma compilação específica e útil para novos trabalhos.

Assim, partiu-se dos dados encontrados no contexto imediato da perícopé, bem como na revisão bibliográfica, sobre qual era o conceito de mestre à época de Jesus, entre os grupos religioso de então. Investigou-se, portanto, os modelos de ensino dos rabinos, fazendo um levantamento de como essas classes de religiosos realizavam as funções de ensino e a posição e qualificação requisitada para esses “agentes da educação”. Observou-se que eles advinham de grupos

formais, diferentemente de Jesus que se apresentou autonomamente, atraindo para si discípulos, os quais ele mesmo selecionou, contrariando a prática comum de serem os rabinos procurados por seus candidatos ao discipulado. Realizou-se uma comparação, enquanto possível, com os sacerdotes, escribas e fariseus, responsáveis pelo ensino da Escritura e da Lei na época de Jesus. Estes foram personagens antagônicos à doutrina de Jesus e a razão da proeminência do seu método.

Tendo feito isso, pôde-se proceder a uma acareação entre os métodos pedagógicos utilizados à época a fim de se verificar o diferencial de Jesus, aquilo que o caracterizou como um mestre que “ensinava com autoridade”. A essa altura, se buscou identificar os aspectos mais pronunciados que envolveram a aprendizagem dos conteúdos de seu ensino.

Constatou-se que Jesus fundamentava o seu ensino no próprio texto da Escritura, não ensinando a partir de comentários de terceiros, o que era um diferencial de sua pedagogia. Portanto, Jesus falava a verdade, como registram os Evangelhos (Jo 14.6; 18.37). Outro elemento constante da pedagogia de Jesus que foi identificado é que ele tratava de assuntos cuja relevância era real e premente para seus ouvintes, tais como vida, morte e eternidade.

Os demais ensinadores, diferentemente de Jesus, se empenhavam em trivialidades (Mt 23.23; Lc 11.42), que não tocavam nas necessidades reais das pessoas, quer no aspecto social, no político (haja vista estar Israel sob ocupação romana), econômica (havia sobretaxação exagerada) e religiosa, no sentido de Jesus trazer uma mensagem de esperança e apontando para um relacionamento pessoal com Deus.

No ensino de Jesus, identificou-se haver como que um plano definido para aquilo que pregava. Jesus despertava a curiosidade dos seus ouvintes, ao fazer uso constante e generoso de ilustrações tiradas da vida cotidiana da Palestina (Mc 4.2-9, 21, 24, 26-34; 9.36; 12.1-11). Ele também facilitava o aprendizado de seus discípulos e se mostrava interessado no crescimento deles. Ele apontava para a pessoa do Pai e seu amor.

Outro aspecto identificado na pesquisa foi o nível de persuasão de Jesus, que se mostrou notável. Isso adveio do uso que fez de metáforas, ditos populares, argumentação retórica, como restou demonstrado. Ele se destacou como contador de parábolas durante o seu processo de ensino, o que ainda hoje

é apontado em sua metodologia e pedagogia. E o destaque em seu método está ao recorrer aos “discursos”. Ele falou para grupos maiores, para multidões, bem como para indivíduos e grupos menores, sempre utilizando o mesmo recurso da discussão. Em Marcos está a mais antiga composição sinótica deste gênero, como registrado em 6.8-10.

Como parâmetro para esse traço de sua metodologia, deu-se exemplos, com destaque para uma análise do discurso de Jesus a Nicodemus (Jo 3.1-12), e se considerou que na argumentação de natureza retórica, três elementos reforçam o poder de persuasão. Viu-se que esses elementos correspondem ao *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* liga-se à pessoa do orador, o *pathos* evoca os sentimentos que desperta e o *logos* se dá na argumentação, no discurso persuasivo. Entendeu-se que esse tripé está no núcleo da pedagogia do Cristo, sendo que os dois primeiros meios produziram reações antagônicas aos seus ouvintes. Quanto ao último, afirmamos que ele foi insuperável, especialmente diante dos adversários declarados, que não conseguiam refutar seus argumentos (Jo 8.9; Lc 14.6).

Entre as considerações feitas sobre a estratégia de ensino de Jesus, dois outros aspectos se destacaram ao causar profunda admiração de seus ouvintes. Jesus ensinava pelo exemplo, uma vez que havia concordância entre o que ele ensinava e o que fazia. E Jesus baseava-se na experiência de vida de seus ouvintes, o que demonstra a sua preocupação com as suas reais necessidades (exemplos disso são as curas e a prioridade em atender as pessoas), indistintamente de sua condição moral ou cultural.

Dando concisão a esses aspectos, falou a respeito da felicidade aos seus ouvintes, tema que não parecia constar do repertório dos rabinos do seu tempo. A escolha do termo bem-aventurança para introduzir o Sermão da Montanha, por exemplo, é marcante neste sentido, como se demonstrou. Esse recurso ao tema da felicidade relaciona-se, diretamente, à sua preocupação com as necessidades dos ouvintes e as questões existenciais, pois, afinal, todos buscam a felicidade.

Por fim, e um dos aspectos mais notáveis, Jesus falava “com autoridade”, porque a sua mensagem vinha diretamente do coração e da mente do Pai (Jo 8.26), e, portanto, do seu próprio ser divino e das Escrituras.

A aprendizagem junto aos rabinos da época de Jesus consistia, meramente, na memorização dos ensinamentos de cada mestre, o que fez de seus discípulos religiosos passivos, cuja vida e comportamento não eram alterados ao longo do tempo. Em contrapartida, a aprendizagem pelo método de Jesus transformou a vida dos seus discípulos e os tornou pessoas ativas que os fez participantes e engajados na divulgação do Evangelho pelo próprio testemunho.

Por fim, o último capítulo concentrou-se na condição dos discípulos como aprendizes e os mesmos como reprodutores do conteúdo recebido no processo de aprendizado, conforme o modelo pedagógico de Jesus. Pesquisou-se qual era o conceito de discípulo na época de Jesus, quais elementos em comum havia e como doze homens tão diferentes entre si foram chamados.

Na sequência, indicou-se os resultados desta aprendizagem na vida deles, notando, comparativamente aos discípulos de outros mestres, que μαθητής (discípulo, mas também aprendiz, aluno, pupilo) é alguém que ouviu a chamada de Jesus e se tornou seu seguidor, passando a receber conhecimento prático e teórico por sua vinculação ao Mestre, visando uma transformação de vida e engajamento real na propagação do Evangelho.

Foi feito um resumo biográfico dos discípulos a fim de demonstrar quão diversos eram em seus perfis pessoais, bem como profissionais e ideológicos, o que reforça a poderosa e eficaz metodologia de Jesus ao unir pessoas as mais diferentes em um projeto conjunto que deu certo.

Elencou-se diferentes pontos do legado deixado por Jesus e por seus discípulos nos últimos séculos, especialmente nas sociedades em que foram recebidos. O legado desse processo de aprendizado se vê na valorização da pessoa humana, algo incomum já nas culturas dos tempos de Jesus e que ainda hoje se mostra eficiente. Inclui-se, no grupo dos que se beneficiaram disso, mulheres e as crianças.

A aplicação do método pedagógico de Jesus eleva o nível educacional nas sociedades por ele contempladas, a conscientização dos direitos civis e direitos humanos, a elaboração de leis e outros aspectos que demonstram uma evolução social notável pela adoção da fé cristã.

Ao identificar-se o modelo utilizado por Jesus, é recomendável que se estude a metodologia, a hermenêutica e a sua estratégia para o ensino. É

urgente aos educadores de nossos dias que se estabeleça parâmetros aplicáveis de acordo com cada situação socioeconômica onde esse método puder ser aplicado.

Sugere-se que a pedagogia de Jesus sirva de base para formadores e mestres no trabalho com indivíduos vocacionados, tanto nas comunidades cristãs, como no ensino laico, pois como se nota, muitos autores e pessoas de posição influente na sociedade brasileira se valem de diferentes traços de Jesus para a elaboração de paradigmas aplicáveis no mundo corporativo e alhures.

Como se verificou, o modelo de “aprendizagens discipulares” baseado na metodologia de Jesus continua sendo uma proposta pedagógica aplicável, atual e efetiva, podendo servir também para futuras pesquisas com vieses mais específicos e dirigidos às necessidades do homem em nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblias

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002

Bíblia de Estudo Plenitude. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001

Bíblia de Estudo Pentecostal. São Paulo: CPAD, 1995

BÍBLIA. Novum Testamentum Graece. 28ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

Obras

ANDRADE, C. de. **Teologia da Educação Cristã: A missão da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ARAÚJO, G. L. de. As Autoridades no Quarto Evangelho. Rio de Janeiro: PUC Rio. Acad. In **ReBiblica**. 2596-2922.2021, v. 2, n. 4, jul-dez/2021, p. 306-325. ISSN 2596-2922 DOI: 10.46859.

ARISTÓTELES. **Retórica**, trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARMSTRONG, H. **Bases da educação cristã**, trad. Merval de Souza Rosa, 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

BALANCIN, E. M. **Como ler O Evangelho segundo Marcos: Quem é Jesus?** São Paulo: Paulus; 1991.

BERGER, K. **As formas literárias do Novo Testamento.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BLECH, B. **The Complete Idiot's Guide To Understanding Judaism**, trad. Uri Lam. São Paulo: Editora Sêfer, 2004.

BORTOLINI, J. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos.** São Paulo: Paulus, 2003.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora: mudanças de paradigmas da teologia da missão.** 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014.

BOST, B. J. **Deus e o dinheiro.** São Paulo: Vida Cristã/Arte Editorial, 2007.

BRATCHER, R. G.; SCHOLZ, V. **Comentários SBB para exegese e tradução – Marcos versículo a versículo**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; 2013.

BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BROWNS, R. E.; FITZMYER J. A. e MURPHY R. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemático**. Santo André: Academia Cristã/Paulus; 2011.

BRUCE A. B. **O treinamento dos Doze**. 2ª ed. Santo André: Geográfica; 2016.

CANELLATO, F. Reflexão sobre as características do discipulado adotado por Jesus. In **Revista Ensaios Teológicos**, v. 3, nº 2, Dez/2017, Faculdade Batista Pioneira, p. 61.

CARVALHO, J. J. de. O modelo mestre-discípulo/a de Jesus e seu movimento. In **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo, v. 25, maio-ago-2011. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdades EST, p. 100.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Mateus e Marcos**. São Paulo: Milenium, 2014. V. 1.

CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia**, 11ª ed. São Paulo: Hagnos, 2013. V. 6.

CORREIA JUNIOR, J. L.; SILVA, E. M. de A. da. **Uma interpretação da pedagogia de Jesus à luz da pedagogia de Paulo Freire**. In *Revista de Cultura Teológica*, Ano XXVIII, n. 96, Maio-Ago 2020. São Paulo: Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia – PUC/SP.

CORREIA, É. B. **Paulo o Mestre: uma análise bíblico teológica do Apóstolo e a pedagogia divina**. 18ª ed. São Paulo: Fonte Editorial; 2016.

DANOVE, P. L. The Rhetoric of the Characterization of God, Jesus, and Jesus' Disciples in the Gospel of Mark. In **Journal for the Study of the New Testament**, Supplement Series, 290. T & T Clark International, New York, 2005.

DAUBE, D. *Exousia* in Mk. 1.22 e 27. *Journal of Theological Studies*, 39, 1938, p. 45-59.

DE VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**, trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

EBAN, A. **My People – The Story of the Jews**, trad. Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

EDWARDS J. R. **O Comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd Publicações; 2018.

FABRIS, R.; BARBAGLIO, G. **Os Evangelhos I**; trad. Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio, col. Bíblica Loyola 1. São Paulo: Loyola, 2014.

FERNANDES, L. A; GRENZER, M. **Evangelho segundo Marcos: Eleição, partilha e amor**. São Paulo: Paulinas; 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

FRIBERG, T; FRIBERG, B.; MILLER, N. F. **Analytical Lexicon of the Greek New Testament**. Grand Rapids: Baker, 2000.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**, trad. Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GNILKA, J. **Das Evangelium nach Markus**. Zúrique: Benziger; Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1978. v. 1, p. 77.

GORMAN, M. J. **Introdução à exegese bíblica**, trad. Wilson Ferraz de Almeida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GRENIER, B. **Jesus, o mestre**. São Paulo: Paulus, 1998.

GROSS, R. Fé cristã, conhecimento e educação: paideia ao alcance de todos. In **Diálogo Educ.** Curitiba, v. 6, n. 19, p. 141-156, set./dez. 2006, p. 241.

GRUNDMANN, W. *Das Evangelium nach Markus*. Berlim: Evangelische Verlagsanstalt, 1977.

GUNDRY, R. H. *Mark: A Commentary on His Apology for the Cross*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

HARRISON, R.K. **Old Testament Times**, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HINSON, E. G; SIEPIERSKI, Pulo. **Vozes do cristianismo primitivo**. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 21.

HORSLEY, R. A.; HANSON, J. **Bandidos, profetas e messias – movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.

KENNEDY, D. J. **E se Jesus não tivesse nascido?**; trad. James Monteiro dos Reis, Maura Nassetti. São Paulo: Editora Vida, 2003.

KUNZ, C. A. A ação parabólica da escolha dos doze (Mc 3.13-19), in **Revista Batista Pioneira**, v. 3 n. 1, junho/2014.

LANE, W. L. **The Gospel According Mark**. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

LIMA, A. A. de. **Metodologia de ensino: uma análise do método de Jesus de ensinar**. São Leopoldo: EST/PPG, 2017.

LOUW, J. P.; NILDA, E. A. (Eds.). **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; 2013.

MADUREIRA, J. **O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, 2019.

MARCUS, J. *Mark 1-8*. Garden City: Doubleday, 2000, p. 191

MARROU, H. I. **História da educação na Antiguidade**, trad. Mario Leônidas Casanova. São Paulo: Edusp, 1973.

MULHOLLAND, D. M. **Marcos, introdução e comentário**, trad. Maria Judith Prado Menga; Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**; Col. Grande Comentário Bíblico; trad. I.F.L. Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NORMAN, R. C. **Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia**. v. 2. São Paulo: Hagnos, 2002.

OLIVEIRA, J. M. de. A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças. In **Teologia e Espiritualidade**, v. 4, n. 8, Dez/2017. Curitiba, p. 141-159.

OLIVETTI O.; GOMES, P. S. **Novo Testamento Interlinear Analítico / Texto Majoritário com aparato crítico – Grego – Português**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

OMANSON, R. L. Tradução de Vilson Scholz. **Variantes textuais do Novo Testamento**. Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: SBB, 2010.

OROFINO, F. Um ensinamento novo transmitido com autoridade – a ética pedagógica de Jesus. In **Estudos Bíblicos** - Dossiê: Exigências éticas na Bíblia, v. 21 n. 77 (2003).

ORTIZ, J. C. **Ser e fazer discípulos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

OSBORNE, G. R. **Marcos: Série Comentário Expositivo**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

PAGANELLI, M. **Dízimo: o que é e para que serve o dízimo, sua história e função social**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

PAGANELLI, M. **Pai nosso, a oração que Deus responde**. São Paulo: Arte Editorial, 2006.

PALLARES, J. C. **O Poder do Carpinteiro Jesus no Evangelho segundo Marcos**. 10ª ed. Aparecida: Editora Santuário; 2002.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1958] 2014.

PFEIFFER, C. F., VOS, H. F., REA, J. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Tradução: Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

POHL, A. **O Evangelho de Marcos Comentário Esperança**, trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

PRICE, J.M. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980.

PRIGENT, P. **Jésus, la foi au risque de l'histoire**. Lyon: Edições Olivétan, 2010.

REGA, L. S.; BERGMANN, J. **Noções do Grego Bíblico: Gramática fundamental**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

RIENECKER, F.; ROGERS, C. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**. Tradutores: Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo, Vida Nova, 1995.

ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos, à luz do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 352.

ROCHA, M. S. da; MELO, D. W. de. A argumentação quase lógica em uma conversa entre os oradores Jesus Cristo e Nicodemos. In **Revista (Com)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29. Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFES, p. 284-298, 2020.

SCHASH, V. A. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Mc 3:1-6: características e avaliação crítica**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2007.

SCHOLZ, V. **Novo Testamento Interlinear Grego – Português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; 2004.

SILVA, F. H. da. A cruz do(a) discípulo(a): a proposta vital de Jesus. DISCERNINDO - **Revista Teológica Discente da Metodista** v.3, n.3., p. 5-24, jan. dez. 2017.

- SOARES, E. **Gramática Prática de Grego**. São Paulo: HAGNOS, 2011.
- SOARES, S. A. G.; JUNIOR, J. L. C; OLIVA, J. R. **Evangelho segundo Marcos**. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013.
- SOUSA, J. J. de. **O discipulado numa perspectiva bíblica, teológica e pastoral** [dissertação em Teologia]. São Leopoldo: EST/PPG, 2016.
- STAMPS, C. D. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD; 2012.
- STEWART, J. D. **Os Doze, a vida e o legado dos apóstolos**; trad. Neyd Siqueira, 2ª ed. São Paulo: Arte Editorial / Vida Cristã, 2007.
- STOCK, K. **Boten Aus Dem Mit-Ihm Sein: Das Verhaltnis Zwischen Jesus Und Den Zwolf Nach Markus**. Analecta Biblica Dissertationes 70. Roma: Instituto Bíblico, 1975.
- STOTT, J. W. R. **O discípulo radical**; trad. Meire Portes Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.
- STRONG, J. **Dicionário Bíblico Strong – Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- TAYLOR, V. **The Gospel According to St. Mark**. 2ª ed. London: The Macmillan Press Ltd, 1966.
- THEISSEN, G. **The Miracle Stories of the Early Christian Tradition**. Philadelphia: Fortress Press, 1983, p. 164-165.
- UNGER, M. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário Bíblico Unger**. Tradução Vanderlei Ortigoza e Paulo Sérgio Gomes. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia**. 3ª ed. São Paulo: Sinodal – Paulus, 2002.
- ZABATIERO, J. **Manual de Exegese**. São Paulo: Hagnos; 2007.

ZODHIATES, S. **Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**. 3ªed. Rio de Janeiro: CPAD; 2012.

Sites

BRASIL Escola. “As práticas pedagógicas de Jesus: análise se a ação pedagógica de Jesus serviria como uma proposta de educação para atualidade”. Sem autor. In **Brasil Escola**, disponível em <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/as-praticas-pedagogicas-jesus.htm>> e acessado em 18.02.2022.